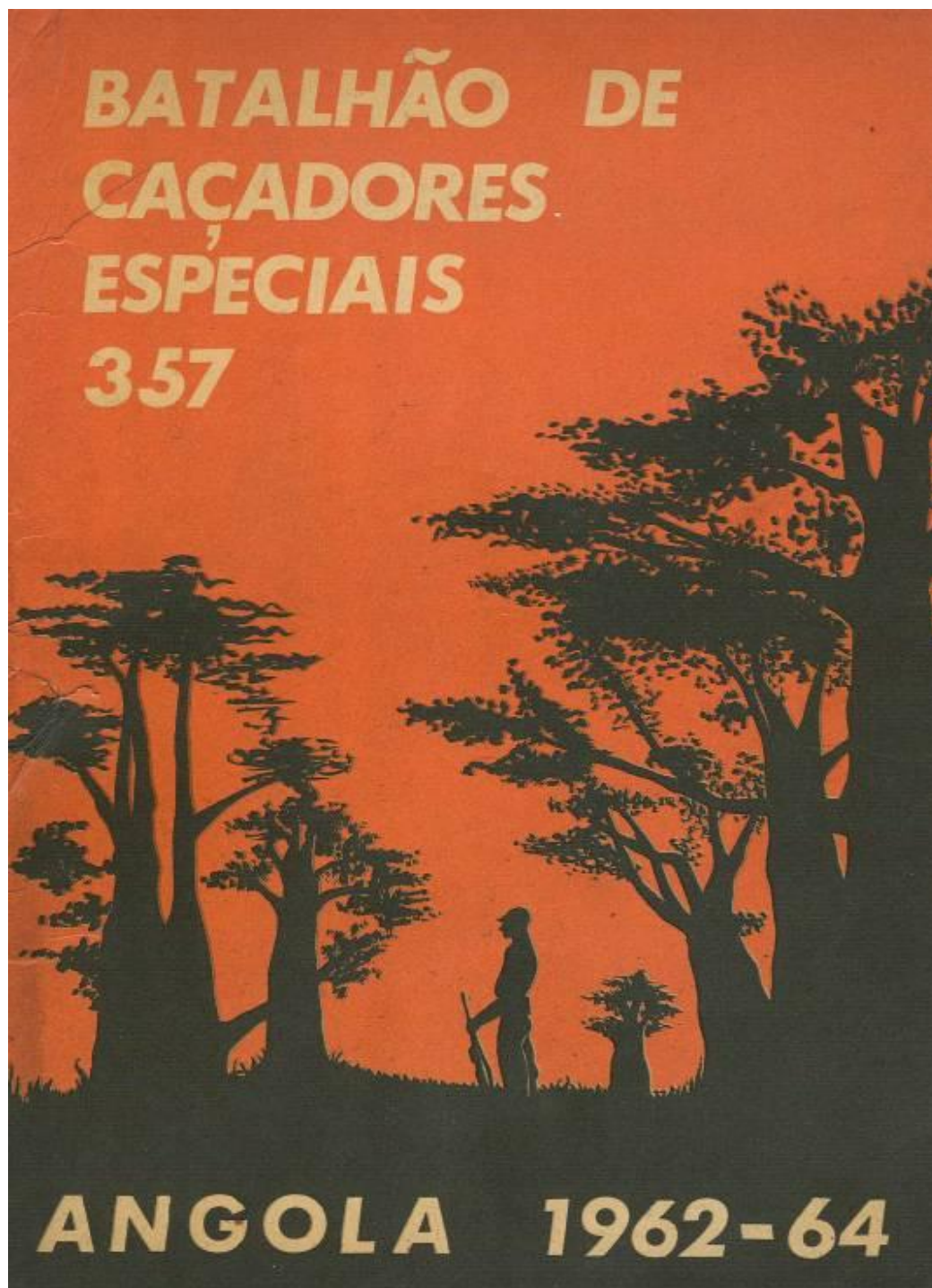


**RETALHOS DAS MEMÓRIAS
DE UM EX-COMBATENTE**



Companhia de Caçadores Especiais nº 306 - S.P.M. 3126
ÂNGELO RIBAU TEIXEIRA

Àqueles que lutaram mas, por eles, nem os sinos dobraram.

TUDO À PÁTRIA DERAM, E DELA NADA RECEBERAM

Por sua alma

Agradecimentos:

A todos os que colaboraram na composição destes retalhos,
o meu muito obrigado.

Ângelo Ribau Teixeira

Ficha Técnica

Título: Retalhos das Memórias de um ex-combatente

Autor: ÂNGELO RIBAU TEIXEIRA

Dedicatória

Aos meus entes mais queridos que, sem culpa formada, sofreram como poucos terão sofrido as agruras da Guerra de Angola, sem sequer lá terem estado fisicamente.

Aos meus pais:

Que tiveram quatro filhos na tropa ao mesmo tempo, três dos quais na Zona de Intervenção Norte.

- O meu pai, era marnoto e agricultor, seco de carnes, mas com ossos duros de roer, temperados pelo sal das águas da Ria.

Só o vi chorar duas vezes: a primeira em 1961, quando um dos meus irmãos foi mobilizado e se veio despedir da família. Era verão, o milho estava alto no aido. Ele desapareceu no meio do milheiral e só apareceu depois de o meu irmão se ter ido embora. Via-se que tinha estado a chorar. Uma lágrima furtiva ao canto do olho não o deixava mentir.

- A minha mãe, doméstica e agricultora, dividia o seu tempo entre as duas profissões e a educação dos filhos.

Católica por educação e convicção, muito deve ter rezado nesse período. A sua fé foi compensada, pois todos regressámos sãos e salvos (graças a Deus, diria ela).

À minha esposa:

Que deixei com um filho pela mão e outro em gestação.

Sobre o Autor

Ângelo Ribau Teixeira nasceu na Gafanha da Nazaré a 17-11-1937.

Assentou praça no R.I. nº 10 em Aveiro, em 1958

Fez o CSM em Tavira em 1958/59

Deu uma recruta no R.I. nº 10, em Aveiro em 1959.

Participou nas manobras em St^a Margarida, em 1960.

Mobilizado para o Ultramar, em 1961 fez o Curso de Caçadores Especiais no CIOE em Lamego. Colocado no BC5, deu uma recruta a instruídos que seguiriam consigo para o Ultramar, para onde partiu em 1962, como Furriel Miliciano, tendo regressado em 1964, com a Categoria de 2º Sargento Miliciano.

E assim terminou a sua ida à tropa!



Prefácio

A guerra – qualquer guerra – inscreve-se profundamente e de modo indelével nos que a ela sobreviveram, gerando o conhecido stress pós traumático de guerra que tantas perturbações origina pela vida fora. Muitos encontram conforto nos fármacos e também na psicanálise. Outros, mais felizes, se de felicidade se pode falar num quadro destes, conseguem exorcizar aqueles fantasmas, convivendo com eles, controlando-os, descrevendo-os, descarregando-os para o papel.

O Autor, Ângelo Ribau Teixeira, ao tempo segundo sargento da Companhia de Caçadores Especiais 306 (CCE306) do Batalhão de Caçadores Especiais 357 (Angola 12/5/962 a 22/6/964) é um dos raros que se inscreve neste quadro, relatando na sua Obra as vicissitudes do 3º Pelotão daquela Companhia, o mais esforçado e com maior número de missões diversificadas.

Os que, sem serem militares de carreira, sem preparação específica, arrancados das suas vidas calmas para serem lançados na voragem de uma guerra – a guerra do Ultramar de tão triste memória – onde generosamente deram o seu melhor a despeito das muitas dúvidas que os assaltavam, como eu, certamente encontrarão na leitura destes escritos algum lenitivo.

Covilhã, Outubro de 2009
J. Eduardo Tendeiro
(Companheiro de armas do Autor)

Índice Geral

<i>Ficha Técnica</i>	3
<i>Dedicatória</i>	4
<i>Sobre o Autor</i>	5
<i>Prefácio</i>	6
<i>Preâmbulo</i>	10
1. EMBARQUE.....	12
2. CHEGADA A LUANDA.....	13
<i>"Mata-bicho"</i>	14
3. RUMO AO NORTE.....	16
<i>Onde pára o Furriel Miranda?!</i>	17
<i>Encontro com outros companheiros em Maquela</i>	18
<i>À vergastada!</i>	19
<i>Atravessando a ponte</i>	20
<i>Destino final: Pangala</i>	21
<i>O primeiro ataque do IN</i>	22
<i>Pangala, finalmente...</i>	23
<i>Em busca de água</i>	24
<i>Escriturário promovido a electricista</i>	25
<i>Construção do acampamento</i>	26
<i>São Salvador do Congo</i>	27
<i>Fotografias</i>	27
<i>"Sete Up"</i>	29
4. PRIMEIRA EMBOSCADA.....	30
<i>O chuveiro</i>	31
5. A "COISA".....	32
<i>Maldita fotografia</i>	33
<i>"Bate Estradas"</i>	34
6. CAPELÃO.....	36
<i>Os Dez Mandamentos</i>	37
<i>Virgindade de Maria mesmo depois do nascimento de Jesus!</i>	38
7. EM TERRENOS MINADOS.....	42
<i>Segurança reforçada</i>	43
<i>Terríveis momentos</i>	45
<i>Sacos de areia - salva-vidas</i>	49
<i>Outra mina</i>	49
<i>Cerveja ao preço dos olhos da cara...</i>	50
<i>Uma escola!</i>	52

<i>Tendo por quarto o cemitério</i>	53
<i>De regresso a “Casa”</i>	53
8. QUEIMADA	54
<i>A estrela polar</i>	55
<i>Com a granada ao colo... por castigo!</i>	56
<i>Marinheiros, Aviadores e Pára-Quedistas</i>	57
<i>Vossas Excelências têm razão...</i>	57
9. MARECHAL	59
10. HOMEM DO MONÓCULO	60
11. MINA NA COMPANHIA 305	61
<i>Grande “Makas”</i>	61
<i>“Tic”</i>	63
12. NOVA EMBOSCADA	64
<i>Hora da retaliação</i>	65
<i>Avaliando os estragos feitos: um horror!</i>	66
<i>Morto-Vivo</i>	66
<i>O primeiro a aproximar-se fica!</i>	67
13. PV2	69
<i>O maçarico</i>	70
<i>Maldita água quente!</i>	71
14. GENTE DA MINHA TERRA	73
<i>Em São Salvador do Congo</i>	73
<i>Em Cabinda</i>	74
<i>A Picada do Quelo</i>	74
<i>Risos no Mato!</i>	76
15. A CASA ABANDONADA	78
16. CAPELÃO OPERACIONAL	79
<i>O Sarreiro</i>	80
17. TROVOADA	81
<i>Barbas</i>	83
18. REBENTA MINAS!	84
19. DIA DE DESCANSO	86
<i>Tempestade</i>	87
<i>Espectáculo nunca visto</i>	88
20. PRIMEIRO NATAL PASSADO EM ANGOLA - 1962	90
<i>Dia de Consoada</i>	91
<i>Preparando a Ceia</i>	91
21. UMA ESCAPADINHA A LUANDA	94
<i>Gafanhões por toda a banda</i>	95
<i>Visita ao Eng. Dinis Caçoilo</i>	95
<i>“Tango dos Barbudos”</i>	96
<i>Passeio na baixa Luandense</i>	98
<i>Café Versailles</i>	98
<i>Um almoço muito especial</i>	99
<i>De regresso à “Pensão Pangala”</i>	100
22. SEGUNDO FILHO	102
<i>Que surpresa!</i>	102
23. RENDIÇÃO	104

Marco Geodésico.....	106
Atacados pela “fauna”.....	108
24. LUANDA - “CIDADE GRANDE”.....	110
Acto macabro!.....	111
Em busca do IN.....	112
Matando a fome.....	114
O Soba.....	115
Perigos dos sítios mais quentes!.....	116
Seguindo mais uma vez para rumo incerto.....	116
25. SEGUNDO NATAL PASSADO EM ANGOLA - 1963.....	119
26. COLUNA DE REABASTECIMENTO.....	121
Nambuagongo.....	122
Até São José de Encoje.....	122
27. NOVAMENTE EM LUANDA.....	125
Serviço ao Cinturão Verde.....	125
Vida boémia em Luanda.....	125
Arame farpado, para quê?!.....	126
28. MUXIMA.....	129
29. FAZENDA DO PAI DO FERNANDO.....	134
30. MUXIMA - SUBINDO O RIO QUANZA.....	137
Inspeção na roça.....	138
Estranhos costumes africanos.....	140
31. A CAÇADA.....	142
O Cefo.....	142
Caçadores de crocodilos.....	143
Grande algazarra!.....	144
O chefe da manada.....	145
Para que serve isto?!.....	145
32. NA BARRACA.....	147
Dando protecção ao pelotão de engenharia.....	147
33. EM CATETE.....	151
Problemas na sanzala.....	153
Uma visita inesperada!.....	154
Remexendo no sótão da memória.....	155
Nem sempre é mau ter problemas!.....	155
34. RUMO A LUANDA PELA ÚLTIMA VEZ.....	158
Chatices atrás de chatices.....	158
35. REGRESSO.....	161
Na hora do embarque.....	162

Preâmbulo

- Avô, porque guardas todas estas fotografias de quando andaste na guerra em Angola?

- Olha menina, quando lá andei fui tirando fotografias, que eu mesmo, no mato, revelava e imprimia porque levei o meu laboratório fotográfico. Enquanto fazia estes serviços não pensava noutra coisa!

- Avô, era muito difícil a guerra? Havia em Angola meninos e meninas como eu? Eles também morriam na guerra? Como era Angola? Dizem que era muito grande e rica, contou-nos a “Sora” de geografia.

- Olha, Ana Rita, és muito nova para te contar tudo o que lá se passava naquela época, mas eu prometo-te que vou escrever tudo, para tu, quando fores grande, leres e perceberes o que os “rapazes” da minha idade lá passaram.

- Tu é que sabes! - Foi a resposta. Sinal de que não concordava com o que lhe tinha dito...!

Esta malta de agora quer saber imediatamente tudo, mas não julguei conveniente que uma criança de dez anos tomasse conhecimento, não daquilo que lá fizemos e sim daquilo que não fizemos e poderíamos ter feito.

Também nada custa ir contando a história do que passámos, sempre que haja tempo e disponibilidade mental para o fazer. Temos que ter em atenção que mesmo lá, procurávamos esquecer o que se tinha passado no dia anterior, ou nem pensar no que nos poderia acontecer no dia seguinte, quando nas estradas – picadas – nos poderiam esperar emboscadas e, principalmente, minas anti-carro.

As minas eram um terror! A estrada por onde teríamos de passar quando íamos ao abastecimento em São Salvador do Congo, numa zona de descida para o rio Luvo, era um local de terra barrenta que fazia derrapar as viaturas. Tinha sido atapetada com grainha de cobre – estávamos perto das minas do Mavoio – e esses restos do cobre evitavam a derrapagem das viaturas. Só que veio a guerra, e o inimigo aproveitando essa condição montava aí minas, onde era impossível o detector localizá-las. Ia sempre a cantar, como nós dizíamos. A única solução era a utilização de ferros afiados numa ponta com os quais picávamos a estrada.

Para nós foi o período mais difícil. Estávamos preparados, física e psicologicamente para sofrer emboscadas e reagir a elas, para montar emboscadas e reagir à reacção do inimigo (IN). Mas como reagir ao rebentamento de uma mina anti-carro, não sabíamos! Se ao menos o IN fizesse fogo nós reagiríamos. Mas não, as minas eram armadas e colocadas durante a noite e bem dissimuladas. Que raiva...

Foi especialmente nessa zona que alguns companheiros nossos perderam a vida POR ANGOLA.

Só mais tarde descobrimos uma picada - caminho de pé posto - que passava perto desta zona e então compreendemos o que se estava a passar. Essa picada era passagem de reabastecimento do IN que, vindo do Congo, se dirigia para a região dos Dembos, aproveitando a sua passagem para nos deixarem tristes "recordações".

1. EMBARQUE

Na manhã do dia 28 de Abril de 1962, embarcámos no Cais da Rocha Conde de Óbidos em Lisboa, no navio Quanza, com destino a Angola. O meu Batalhão era composto pelas Companhias CCS, a 304, a 305, a 306 e a 307.

Ainda antes do embarque, mas já a fazer a tropa em Lisboa, fui convidado por um camarada a acompanhá-lo para ele se ir despedir de um amigo, também militar, que embarcava para o Ultramar.

Assisti às despedidas dos familiares que ficavam, ao adeus dos que partiam. Cenas por vezes chocantes! Era a vida! Daí a pouco também me calharia a mim.

Pensei no porquê de quando nos despedimos de uma pessoa que embarca num barco, as despedidas serem mais dolorosas de que quando se embarca num avião. Cheguei a esta conclusão: quando viajamos de barco só chegamos ao destino passados dias; quando viajamos de avião chegamos ao destino passadas horas.

O barco desatracou, fez-se ao largo e quando iniciou a marcha, já mal se via na noite; deu aqueles três toques de despedida: um som rouco, cavo, prolongado, que estremeceu comigo!

Pouco tempo depois, estava eu a embarcar. Felizmente não tinha ninguém no cais a despedir-se de mim. Olhava os meus companheiros de desdita e notei que alguns não conseguiam conter as lágrimas! Era a puta da vida.

Mesmo na hora da partida, abeirou-se de mim um Polícia Militar:

- Meu Furriel, está ali uma pessoa que quer falar consigo. Olho na direcção indicada e vejo o meu irmão Manuel, com a sua farda de Alferes, acenando-me. Fiquei parado, sem saber se havia de ir ou não ter com ele. Tinha andado a gozar com os meus companheiros e agora...

Aproximei-me dele, despedi-me, e só me lembro de lhe ter dito:

- Se eu ficar por lá... toma conta do meu filho... É teu afilhado!

E voltei-lhe as costas, limpando as lágrimas ao lenço. Já longe olhei para trás, ele fez-me um último aceno e desapareceu no meio dos familiares que aguardavam a partida do navio.

2. CHEGADA A LUANDA

Atracámos em Luanda no dia 12 de Maio de 1962. Soube que era esse dia porque, no dia seguinte, e em qualquer sítio da cidade por onde passássemos se ouviam na rádio as cerimónias de Fátima. Todos os estabelecimentos públicos tinham os rádios em altos brados, para que ouvíssemos. Seria o modo de nos darem as boas vindas, para que nos sentíssemos como no “Puto”?

Tínhamos aprendido no curso de operações especiais algumas noções sobre a acção psicossocial que teríamos de aplicar sobre as populações locais. Afinal essa acção estava naquele preciso momento a ser aplicada a nós próprios!

Embarcámos em viaturas militares. Atravessámos a cidade de Luanda na direcção do campo militar do Grafanil, onde ficavam as tropas até serem transportadas para as zonas que lhes tinham sido destinadas no mato. Ficámos ali estacionados cerca de um mês. Havia instrução militar diariamente, embora fosse ligeira e por vezes agradável, pois era ministrada na ilha de Luanda, um lugar paradisíaco, onde dávamos aulas de natação aos militares que não sabiam nadar, além de outras actividades, como tomar banhos de sol...

A primeira noite passada no Grafanil foi para esquecer. Nunca vi, nem senti, tanto mosquito a morder-me, muito embora o mosquiteiro estivesse bem instalado. Bastava uma pessoa virar-se na cama e um braço ficar encostado à rede do mosquiteiro, para vir uma esquadilha de mosquitos atacar-nos. No dia seguinte todo o Batalhão estava com menos uns litros de sangue e com mais uns milhares de inchaços por todo o corpo. Noite horrível!

Como tinha um irmão a prestar serviço militar na PM de Luanda, resolvi ir visitá-lo. Ele tinha uma casa, onde comia quando não estava de serviço. Encontrei-o, ia ele já a caminho do Grafanil de bicicleta - tinha comprado uma bicicleta de corrida. Parámos a viatura e ele disse-me onde morava.

- Quando chegares a uma serração de madeiras que fica à direita da estrada, esperas aí por mim. Eu vou já lá ter contigo.

Assim fiz. Desci da viatura e aguardei, desconfiado com tudo. Ia olhando para o que me rodeava. Na estrada, mais adiante, à esquerda, ficava o cemitério de Luanda, rodeado por muros altos. Pensei na incongruência dos muros nos cemitérios: para que servem? Quem está de fora não quer entrar e quem está dentro não pode sair!

Por detrás da serração ficava um bairro, não muito novo, mas de “cara lavada”. Vim a saber mais tarde que esse bairro se chamava “Terra Nova”. Fiquei admirado por ser habitado por pretos e brancos, contrariando assim tudo aquilo que tinha ouvido na metrópole. Passavam por mim dezenas e dezenas de mulheres negras com trouxas de roupa à cabeça. Passavam homens, brancos e pretos, com certeza a caminho de casa. Olho para o relógio. Passava das 18h00 horas. Devem ter saído do trabalho, pensei.

Até que chegou o meu irmão:

- Vou-te apresentar à Dona Anunciação e ao Sr. Nero, que são o casal dono da casa onde eu como.

Terminadas as apresentações, o meu irmão foi entrar de serviço e eu fiquei a conversar com o Sr. Nero, sobre o ambiente que se vivia em Angola, como tinham começado as “*makas*” em 1961. Fiquei a saber que ele era técnico electricista numa companhia petrolífera, que tinha um filho já casado; um irmão dele vivia juntamente com eles – o Sr. Silva – tinha uma mota BSA, mais antiga que o rascunho do “Antigo Testamento”, e uma barriga que devia levar uns cinco litros de cerveja. O Sr. Nero albergava ainda um rapaz chamado José, que era distribuidor de gás em Luanda.

"Mata-bicho"

Como lhes tinha contado a história dos mosquitos, convidaram-me a dormir em sua casa. Era tarde, e quando já nos íamos para deitar a Dona Anunciação perguntou-me:

- O Ângelo costuma “matar o bicho” de manhã?

- Não, respondi-lhe; não costumo tomar “mata-bicho”, muito obrigado!

Maldita hora em que dei esta resposta. Eu não sabia que, em Angola, mata-bicho era o nome que davam ao pequeno-almoço. Fiquei sem comer até ao meio-dia!

O tempo ia passando até que chegou a ordem de avançar para o “Norte”, para onde iríamos passar a maior parte do tempo. Não sabíamos para onde íamos, embora interrogássemos os Comandantes de pelotão, a resposta era sempre a mesma: para o “Norte”!

Eu tinha comprado um mapa das estradas de Angola, que consultava quando nos disseram que íamos para o “Norte”. Falei sobre isto com o Sr. Nero, que me disse: tens duas hipóteses:

1ª - Vais para os Dembos; já ouviste falar? É a zona das fazendas do café. Foi aí que em 1961 houve as maiores “*makas*”. Onde os turras mataram muitos brancos e mesmo pretos fiéis aos brancos. Fazenda Tentativa, São José de Encoje e tantas outras. Povoações como Vista Alegre, Ûcua e

especialmente Nambuanguo, foram onde os terroristas tinham montado a sua sede até terem sido escoraçados pelas nossas tropas.

2ª - Vais para a zona da fronteira com o Congo - República Democrática do Congo - mesmo lá no Norte e é donde vêm os terroristas.

Fiquei assim a saber, depois de consultar o meu mapa, que se ao sair do Grafanil virássemos à esquerda íamos para a região dos Dembos, se virássemos à direita iríamos, com certeza, para a fronteira Norte. “Das duas opções venha o diabo e escolha”, pensei!

Bom, bom, era ficar numa repartição com “ar condicionado”, em Luanda. Mas eu tinha sido treinado para outro fim. Não era filho de nenhum General! Tinha sido treinado para passar sede, fome se fosse necessário e, pior ainda, para quando tivesse de enfrentar o IN ter a certeza de que não haveria alternativa: ou ele ou eu! Foi esta certeza que incutimos também nos nossos comandados. Num momento daqueles não pode haver hesitações, porque podemos não ficar cá para contar como foi.



Capela do Grafanil, cavada no tronco de um embondeiro

3. RUMO AO NORTE

Finalmente chegou o dia da partida para o mato. Tínhamos recebido ordens para avisarmos todo o pessoal de que se precisassem de comprar alguns objectos pessoais o deveriam fazer naquela tarde, pois na manhã seguinte teríamos de sair do Grafanil. Havia outro batalhão a chegar que iria ocupar o nosso lugar.

Dormimos mal, pois sabíamos que para nós a guerra iria começar. Depois da distribuição das rações de combate, embarcámos. A deslocação era feita por Companhias. Mesmo assim cada coluna, composta por Jipes, GMC, Unimogues, e algumas viaturas civis destinadas a transportar materiais diversos, era extensa. Agora é que era. A minha expectativa era grande! Para que lado iríamos?

O Capitão ia na frente, na primeira viatura. O Senhor Capitão não poderia apanhar com o pó nas ventas, para isso era Capitão! A viatura onde eu seguia com a minha secção - um Unimog - ia em sexto ou sétimo lugar na coluna. Eu era chefe de viatura, seguindo, de pé, ao lado do condutor, tentando ver a viatura do Capitão, que parou à saída de Luanda. As restantes viaturas foram-se aproximando. Quando a coluna estava toda reunida, o Capitão fez sinal com o braço, indicando que seguiríamos para a direita.

Senti-me aliviado, não sei porquê! Se fosse para a esquerda se calhar ficaria triste. Mal sabia o que nos esperava...

A marcha começou lenta. Seguimos pela estrada que dá para Malange. Passados 16Km surge a povoação de Viana; continuámos viagem sem problemas de maior. Íamos olhando a paisagem. Aqui uma sanzala, além, à esquerda, uma plantação de sisal, grande como o país, só comparável no "Puto" a alguma fazenda Alentejana. "País grande", pensei. E nós em Portugal a cavar pedra em Trás-os-Montes para podermos cultivar qualquer coisa. O ronronar dos motores das viaturas adormecia os sentidos. Hei! Nada disso! Não pode ser! Olho à viva!

- Condutor, como vai isso? Vais cansado?

- Não meu Furriel. Isto é chato, mas lá vamos indo.

Olha! Uma povoação com casas de alvenaria ao longe! Fomos andando e apareceu uma placa na estrada que dizia Catete. Olhei o conta-quilómetros. Tínhamos andado 60Km.

Lembrei-me do que em Luanda o Sr. Nero me disse: que aos domingos, por vezes, iam tomar a bica a Catete. Eram só 60Km!

Fomos andando. Passávamos agora pela “Vila Salazar” (no meu tempo de escola primária aprendi que o antigo nome desta terra era N’Dalatando). Salazar tinha o nome em tudo que era sítio. Se ele algum dia tivesse vindo ver esta Província, como ele dizia, teria chegado à conclusão, como Norton de Matos, que o governo devia estar em Angola e o “Puto” ser um local de férias na Europa, para os Ultramarinos. Nunca saiu de “casa”! Só conhecia o Ultramar por aquilo que lhe contavam; tinha ideias fixas e os resultados estão à vista. Só não consigo esquecer o que ele disse um dia: “O Ultramar não se perde em África; se se perder é na Europa!”

Chegados ao Lucála, houve ordem de paragem para descanso das viaturas e do pessoal. Tivemos ordem para visitar a povoação, muito simpática por sinal. Foi aí que vi pela primeira vez lagostins de água doce, no rio que passava junto à povoação.

Continuámos. À saída de Lucála voltámos à esquerda e, finalmente, rumámos para Norte. A coluna militar era longa, a “estrada” era de uma espécie de barro vermelho e as viaturas levantavam um pó infernal. Era impossível usar óculos; os óculos iam para o bolso e do bolso saía o lenço verde da tropa que nos fazia muito jeito. Era amarrado por cima do nariz e dava-se um nó atrás da cabeça, o que nos permitia respirar menos-mal.

A viagem ia prosseguindo sem problemas de maior. Nem as viaturas avariavam, o que nos parecia milagre, pois as GMC, que já eram da Segunda Guerra Mundial. Íamos passando por sanzalas e povoações. De repente, à entrada da Vila 31 de Janeiro, deparo-me com um cenário que me deixou abismado: a escola lá do sítio era igualzinha a uma que havia na Gafanha da Vagueira! Cor e tudo... Como é possível?

E a memória retrocede, à minha terra... à minha família. “Meu Deus, porquê?” Há momentos na vida em que era preferível não ter memória...

Onde pára o Furriel Miranda?!

Chegámos a Camabatela, onde iríamos passar a noite. As viaturas foram chegando e estacionaram. A malta dormiria nas viaturas. De repente o alarme! Falta a viatura do Furriel Miranda. Que é feito deles? O Capitão chamou o Sargento Mecânico Lino:

- Ouça, ó Lino, o Sargento Miranda não teria tido uma avaria e ficado para trás?

- Não, meu Capitão. A minha viatura era a última e nenhuma se atrasou.

Não me afligi muito com o caso. Conhecendo como conhecia o Miranda, certamente chateado com a marcha lenta da caravana, deve ter andado em marcha mais acelerada e estaria à nossa espera mais à frente. Mas como não respondia às chamadas da rádio, todos ficámos preocupados, embora já

soubéssemos que as transmissões eram o calcanhar de Aquiles da nossa tropa! “Ah... não há-de ser nada de mal!” Falei com um soldado do aquartelamento de Camabatela que me disse existir outra Companhia aquartelada uns 30Km mais à frente. Era muita distância para uma viatura sozinha, de noite, por estradas desconhecidas! Mas o que teria acontecido ao Miranda?!

Nisto aparece um estafeta perguntando quem era o Comandante daquela tropa.

- Aquele ali. É o Capitão. – Alguém respondeu.

O estafeta dirigiu-se a ele e entregou-lhe uma mensagem. O Capitão leu-a e começou a gritar em altos berros:

- O Miranda está num destacamento 30Km mais à frente. Amanhã vai levar uma “porrada” que nem sabe de que terra é!

Todos respirámos de alívio. O Sr. Capitão esqueceu-se que, com o cair da noite e o pó que as viaturas levantavam, tinha de haver uma maior distância entre elas, e por vezes nem os faróis da viatura que vinha atrás se viam. Enfim, coisas de quem manda.

No dia seguinte, depois da alvorada, foi organizada a coluna e partimos, andando sempre para Norte. A nossa orientação era o sol. As viaturas pareciam querer colar-se ao solo. A caixa de velocidades tinha de trabalhar em constantes reduções. A velocidade diminuía aqui, voltava a subir além! Mesmo assim andávamos quase sempre muito devagar...

Encontro com outros companheiros em Maquela

Mais tarde informaram-nos que iríamos passar pelas minas de cobre do Mavoio! Passámos por bastantes povoações onde se viam poucos habitantes, brancos e pretos, até que chegámos à cidade de Maquela, com diversas casas comerciais que pareciam bem abastecidas.

Era meio da tarde e a ordem foi para estacionar e aguardar a manhã seguinte. Partiríamos logo que fosse dia, para tentar chegar ao destino algumas horas depois.

Como sempre sucede, a tropa estacionada procurava entre os “maçaricos” - tropa-nova - se haveria alguém da sua terra. Era uma azáfama. Uns encontravam alguém conhecido e a pergunta era sempre a mesma:

- Como está fulano? E sicrano? A filha dele já casou?

Outros não tinham tanta sorte e ficavam desapontados, tristes.

- Deixa lá pá! Amanhã vem outra Companhia do nosso Batalhão e pode ser que venha alguém da tua terra. Agora diz-me. Como é isto por aqui?

- Olha - responde-me o outro - andamos na psicossocial mas nunca sabemos quando estamos a falar com um amigo ou um inimigo. Somos do batalhão do Spínola e ele tem a mania da psicossocial. Tem resultado, com

muita paciência. É um trabalho moroso, mas já conseguimos recuperar meia dúzia de sanzalas, que ficam aqui à volta da cidade e para Sul, por onde vocês passaram.

Estranhei a conversa do militar e as informações que me estava a prestar. O fato de combate que vestia estava sujo, além de ter a barba comprida.

- Qual é o teu posto? – Perguntei:
- Alferes Miliciano Garrido – respondeu, estendendo-me a mão.
- Sargento Miliciano Ribau – apresentei-me, retribuindo o cumprimento.

Conversámos algum tempo. Fiquei a saber por ele que a sede do nosso Batalhão iria ficar em Cuimba, mas a distribuição das Companhias era da responsabilidade do Comando do Batalhão, pelo que não soube adiantar mais sobre o assunto. Disse-me ainda que iríamos passar pelo menos dois rios, cujas pontes estavam em muito mau estado ou mesmo destruídas. Recomendou-me que avisasse o “pessoal” de que os pretos que encontrássemos nas sanzalas deveriam ser respeitados. Poderiam ser inimigos mas também poderiam ser amigos e, se bem tratados, poderiam mais tarde dar-nos informações preciosas sobre o IN.

Coisas desta guerra. Nunca se sabia onde estava o IN! Provavelmente alguns estariam em Maquela do Zombo, onde nos encontrávamos, vigiando os nossos movimentos para passar a informação para o outro lado da fronteira, a uma escassa meia dúzia de quilómetros.

Despedimo-nos, desejando recíprocas felicidades, indo cada um para seu lado.

Dirigi-me para a minha viatura onde o condutor, cansado de tantas horas agarrado ao volante, dormia profundamente. Na caixa do Unimog outros soldados conversavam, tentando aconchegar-se para passarem a noite o melhor que pudessem. Teriam de dormir ali. Sentei-me ao lado do condutor e devo ter adormecido por muito tempo, pois quando acordei já a aurora raiava. O pequeno-almoço, um copo do cantil cheio de café com bolacha da ração de combate, e estava feito.

Houve ordem para pôr os motores em marcha; começaram a ouvir-se, primeiro um, depois outro até que estava tudo preparado para arrancar. E o meu condutor mal abria os olhos – era um pouca-tripa e estava “todo roto” – como se diz na gíria. “Valha-me Deus” pensei.

- Queres que eu conduza um bocado?
- ‘Tá bem meu Furriel. O nosso Capitão não se chateará?
- Não, deixa isso comigo.

À vergastada!

Quando me sentei ao volante notei que à minha frente vinha o Capitão aos gritos com uma vergasta na mão!

- Oh pá, daqui para a frente é que é perigoso; não há mais tropas nossas! Cuidado com a condução!

E dava uma vergastada no condutor de cada uma das viaturas por onde passava.

Pareceu-me tão mal o que ele andava a fazer – os homens não são nenhum rebanho – que me pus de pé em cima do banco do condutor. Peguei na FBP e puxei a culatra atrás! A arma estava em posição de fogo! Entretanto o Capitão foi-se aproximando da viatura onde estávamos. Ouvi o Cabo Pombal dizer:

- Meu Furriel, veja lá o que é que vai fazer?!

O Capitão passou pela nossa viatura olhando de través:

- Cuidado com a condução Ribau.

E seguiu para outros carros onde continuou com o mesmo serviço.

- Se ele me fizesse o mesmo – respondi ao Pombal – eu tinha-lhe descarregado o carregador todo no bucho!

- Pois é! E depois?

Interiormente dei razão ao Pombal. Pus a arma em segurança e guardei-a.

Houve ordem de avançar. Começámos a andar e com o trabalhar dos motores comecei a ficar mais descansado. Meu Deus o que eu teria feito se o homem me tivesse agredido?! É que naquele momento eu teria disparado mesmo! Há alturas na vida em que até nós mesmos nos desconhecemos.

Avançávamos mais. Passámos por matas, estepes com árvores raras, aqui e acolá saltava um animal por cima da vegetação baixa. Terras que em Portugal seriam óptimas para cultivo, aqui eram só mato. Junto às cubatas ainda se notavam vestígios de cultivo de subsistência – fubá e milho – e pouco mais.

Atravessando a ponte

Chegámos ao primeiro rio. A ponte, se assim lhe poderemos chamar, era composta por quatro grossos troncos de árvore amarrados dois a dois, para não se desviarem quando a viatura passasse. O rio era baixo e tinha bancos de areia junto à margem.

Primeira coisa a fazer: examinar a “ponte” por baixo, pois podia estar minada. Desci da viatura e acerquei-me da ponte. Quando já estava próximo, ouço um grito de cima do nosso Unimog:

- Cuidado, meu Furriel!

Olhei para a viatura e indaguei o que se passava. Então, apontando na direcção do rio, um tropa disse:

- Um “corcodilo”!

Olhei na direcção indicada e o “dito cujo” deslizava vagarosamente na areia onde se encontrava a tomar banhos de sol, meteu-se na água, calmamente, como se o tivessem chateado ao acordarem-no da sonolência em que se encontrava. Tomei mais cuidado, desci ao rio e observei a ponte por baixo. Não vi nada de anormal. Avançámos. Dois tropas passaram para o outro lado da ponte donde orientavam a progressão da viatura:

- Mais para a esquerda. Agora a direito, sempre a direito e devagar; avança, avança... pronto. Já está.

Já na outra margem avançámos um bocado para que todas as viaturas pudessem passar e montámos segurança. Esta segurança era muito relativa. No caso, dois homens de pé em cima do Unimog, de costas um para o outro, tentando proteger-nos contra qualquer ataque inesperado.

Pouco depois a coluna retomou a sua marcha. Passámos o segundo rio cuja ponte se encontrava em muito melhor estado que a primeira. Chegámos finalmente a Cuimba, onde iria ficar o Comando do Batalhão e a Companhia de Comando e Serviços. Povoação indicada no mapa. Concelho, cidade, não sei. Posto Administrativo tinha sido. Olho bem. A povoação, meia dúzia de casas, se tanto, do tipo colonial, de rés-do-chão, varanda a toda a volta, umas com telhado de zinco, outras com telhado de colmo, que avançava para fora das paredes, protegendo assim as varandas e o interior das casas do sol, que em certas épocas do ano é tórrido.

Destino final: Pangala

Mais uma paragem. Só no dia seguinte seguiríamos para o nosso destino. Na reunião que houve à noite soubemos, finalmente, que a Companhia 306, a nossa, vai para Pangala. Procurei afanosamente no meu mapa. Tínhamos de seguir pela estrada que vai de Cuimba para São Salvador do Congo onde, mais ou menos a meio desse trajecto, virávamos à direita na estrada para a Buela. Andaríamos mais umas horas até que apareceria na estrada, à direita, uma casa comercial de um branco, abandonada, onde ficaria instalado o Comando da Companhia.



Cuimba (Foto da net)

Partimos no dia seguinte, bem cedo. O tipo de paisagem era sempre o mesmo: mata e vegetação baixa. Passadas umas horas de viagem o sol torrava-nos as costas.

Começámos a descer. Era uma descida suave mas extensa. Ao longe viam-se árvores; mais uma mata, pensei. Só que esta era muito verdejante, sinal de que ali devia haver água. Serviria para lavar a cara à vontade, coisa que já não fazíamos há muito tempo. Parte da Companhia tinha passado o riacho chamado “Cuilo” que, embora levando muita água, permitia a passagem das viaturas sem problemas de maior. Não foi autorizada a paragem e a companhia seguiu o seu caminho calmamente.

O primeiro ataque do IN

Sem o menor aviso, começaram a ouvir-se rajadas de metralhadora do outro lado do riacho. A mata que ficava à nossa direita!

Cornos no chão, foi o que fizemos sem esperar qualquer ordem. Eu tive azar porque a minha aliança ficou presa num dos ganchos que seguram o toldo da viatura. Aflito lá consegui desenrascar-me. Ainda não tinha chegado ao chão quando uma bala cantou - segundo mais tarde observei - exactamente no gancho onde eu tinha ficado preso. Tive sorte...

Respondemos àquela metralha durante algum tempo, até que da frente veio a ordem de parar o fogo. Ficou um silêncio de morte. Ninguém se mexia.

- Embarcar e avançar - foi a ordem ouvida.

Assim fizemos. Um de cada vez tomou cautelosamente o seu lugar no Unimog, com a arma apontada, pronta a fazer fogo. As viaturas avançaram e continuámos viagem. Quando o nosso carro passou pelo riacho, uma fresquidão saborosa assaltou os nossos corpos suados. Aqui as árvores eram altas e frondosas. Havia canas da Índia com seis ou sete metros de altura, e um diâmetro igual ao da minha coxa. Neste sítio a natureza foi pródiga, talvez por a zona ser pouco habitada. Faltavam aqui os maiores destruidores da natureza, os homens!

Prosseguimos o nosso caminho. Sempre a mesma paisagem: mata, capim, capim, mata. Hei! O que é aquilo?! Finalmente um indício de civilização. Um sinal de aproximação de estrada sem prioridade e os dizeres: “Gasolina Sphinx” e por baixo “Vacuun Company”, isto no meio de uma imensidão de terreno, onde já tínhamos desistido de encontrar qualquer sinal da dita “civilização”. Era impensável. Aproximação de estrada sem prioridade!



Provavelmente seria aqui o desvio para Pangala, onde iríamos ficar aquartelados. Mas aproximação de estrada no país onde nos encontrávamos não nos dizia muita coisa. De maneira que o melhor era ir andando e esperando.

Pangala, finalmente...

Fomos avançando às cegas e, às tantas, lá apareceu um desvio para a direita, por onde seguimos até ao nosso destino. Um pouco antes de chegarmos a uma sanzala chamada Pangala, encontrámos uma casa comercial abandonada que em tempos pertencera a um branco. Era nessa casa que iria ficar instalado o Comando da nossa Companhia.

Tínhamos chegado ao local onde se dizia que iríamos ficar mais ou menos um ano. Que tristeza! Que desconforto! Havia outras Companhias que, destacadas em fazendas, tinham instalações que comparadas com o nada que encontrámos, eram um luxo. Era preciso construir de raiz as instalações que nos iriam acolher. O capim era alto, quase da altura de um homem. Tivemos que começar logo a descapinar a zona para arranjar espaço para montar as tendas já nessa noite.

A primeira obra que fizemos, foi arranjar um “armazém” para os mantimentos. Estes não podiam estragar-se.

Depois cortámos árvores, fizemos estacas, delimitámos o perímetro do acampamento. A área interior foi totalmente descapinada. Ficou limpa. Uns instalaram o arame farpado, enquanto um pelotão saiu do Aquartelamento à procura de uma nascente de água. Dela dependia a nossa subsistência. Não havendo água, não havia comida cozinhada, não havia café, e de ração de combate estávamos nós mais que fartos. As únicas coisas que se lhe aproveitavam eram as latas de conserva – de chouriço ou de sardinhas – com

as quais fazíamos sandes. Mas para fazer sandes era preciso pão e para o cozinhar era preciso água...!



Casa de Pangala

Em busca de água

Chegámos a trazer dois pelotões à procura de água. O acampamento ficava num alto, de maneira que tínhamos de procurar nas ravinas. Havia na Companhia uns “habilidosos” que diziam que na sua terra a água se procurava com uma varinha verde dobrada em arco. Quando houvesse água debaixo da terra a varinha tremia. Qual quê! Nem com tremuras nem sem elas aparecia água.

Quando o Furriel Soares, que era Regente Agrícola, estava de serviço de segurança ao acampamento, subiu ao posto de observação montado numa árvore cerca de cinco metros acima do solo e, observando o horizonte, notou para nascente do acampamento uma zona mais verde de capim. Desceu do posto de observação e, cheio de esperança, disse ao oficial de serviço:

- Meu Alferes, vou descobrir onde podemos encontrar água. Destaque um pelotão para vir comigo.

Disse isto com tal convicção que todos o que o ouviram se ofereceram como voluntários.

- Calma – disse o Soares – bastam dois Unimogues e duas secções. Tragam barris que nós vamos trazer água.

Ouvi esta conversa e perguntei ao Soares:

- Andaste a beber?
- Não mas vou beber ainda hoje ÁGUA à vontade!
- Deus te ouça – respondi.

Foram o Furriel Soares e o Furriel Blica, cada um na sua viatura e um jeep com atrelado, onde levava os barris vazios para trazer cheios de água. “Que fé!”, pensei. Oxalá tenham sorte.

Passadas umas horas vimos aparecer as viaturas, aproximando-se devagar. Chegados ao acampamento, disseram onde tinham encontrado a água, numa ravina muito funda, e com a ajuda do guincho da viatura tinham arrastado os barris até cá acima. Era difícil; os barris podiam partir-se. Logo ali se resolveu fazer uma espécie de padiola, um trenó, que arrastaria pelo chão evitando assim que os barris se danificassem.

- Eu faço, meu Furriel, – disse o Cabo Barriguinha, carpinteiro de profissão – amanhã vou aparelhar madeira para isso.

No dia seguinte, ao fim da tarde, a padiola estava pronta a ser utilizada.



Abastecimento de Água

Escriturário promovido a electricista

Deixámos de nos preocupar com a água e começámos a pensar na segurança do acampamento. Havia que montar o resto do arame farpado e fazer a instalação eléctrica nos postes onde estava o arame com as lâmpadas voltadas para fora. Era necessário montar o fio eléctrico nos postes o que foi prontamente feito. De seguida era necessário fazer os projectores (uma espécie de chapéu chinês feito em chapa, em cujo vértice se abria um buraco por onde entrava o suporte da lâmpada) para cada lâmpada. Era. Tudo foi feito e instalado com a ajuda e boa vontade da malta. Chegou a altura de fazer as ligações. Eu, que estava encarregado de passar os cabos e fazer o resto, não percebia nada de electricidade. Não queria fazer asneiras, e porque havia na Companhia um técnico especializado – o Furriel Gastão – dirigi-me ao Capitão

confessando a minha ignorância em ligações eléctricas. Sugeri que fosse o Gastão, técnico-electricista, a fazê-las, o que evitaria problemas futuros. A resposta não se fez esperar: “Não!” O encarregado do serviço era eu e portanto eu é que teria de fazer as ligações. O Gastão continuaria com o serviço que lhe tinha sido destinado, abrir um abrigo para a metralhadora “Breda”, que enfiava na estrada que vinha de Buela e eu, empregado de escritório, teria que fazer as ligações eléctricas! Coisas da tropa...

Apreensivo chamei o pessoal “electricista”, expliquei o que se passava, e logo um homem que já tinha trabalhado em electricidade disse que não ia haver problemas, que faria as ligações. Só precisava de quem o ajudasse a segurar o escadote e que lhe passassem os materiais. Assim foi; as ligações foram feitas, as lâmpadas atarraxadas nos suportes. Só faltava a ligação da instalação ao gerador, para ver se ele tinha força para aguentar com aquilo. Ligado o gerador na presença do Capitão, após ter sido feita a ligação à rede de segurança (mesmo sendo de dia, era necessário ver se funcionava). As lâmpadas eram tão fraquinhas que a luz mal se via, mesmo estando todas acesas!

O Capitão sentenciou:

- Estás a ver pá, eu sabia que tu conseguias! Agora o Gastão é que vai fazer a instalação da casa do Comando. Chamem-no para vir ter comigo.

Na casa do Comando estavam instalados a messe dos oficiais, os quartos dos oficiais, a enfermaria e a secretaria. O Gastão apareceu todo suado, e recebeu ordem para no dia seguinte dar início aos trabalhos.

Construção do acampamento

Por todo o acampamento viam-se enormes quantidades de adobes feitos do barro da própria terra que, depois de amassado, era colocado em formas e ficava a secar ao sol. Depois de secos eram empilhados até serem utilizados na construção das casernas. E nova remessa era amassada, metida nas formas e seca. A cena repetia-se.



Primeiros adobes

As operações de reconhecimento e as emboscadas começaram, sem que parasse a construção do acampamento. Embora duro, tinha que ser assim. Os soldados dormiam no chão das tendas e os sargentos na tenda da enfermaria. Como havia melhores instalações para a enfermaria na casa do Comando, foi-nos distribuída esta tenda, onde dormíamos no chão em cima de um colchão, por baixo do qual colocávamos tábuas para que não apodrecesse!

São Salvador do Congo

Além de tudo isto havia ainda o abastecimento, que era necessário ir buscar a São Salvador do Congo. Era mais um pelotão destacado para a segurança dessas viaturas. Havia uma escala para desempenhar esse serviço. Sempre se via outras gentes. Parávamos por vezes na Companhia nossa vizinha, pertencente ao Batalhão do Spínola. Dois dedos de conversa, e sempre um pedido de informação: “Como está o caminho para a frente?”

Seguíamos viagem e chegávamos ao nosso destino. O Vagomestre - Furriel Cura - ia tratar do abastecimento, depois de se marcar a hora de regresso. Quanto mais cedo melhor, pois nunca sabíamos o que nos podia esperar no caminho; uma avaria numa viatura, uma emboscada, ou qualquer outro azar, que atrasasse a chegada ao acampamento.

A tropa de segurança podia então passear pela cidade, dar umas voltas, beber uma bebida fresca. Nunca fomos autorizados a visitar a sanzala que ficava junto à cidade, do lado-de-lá da pista de aviação, onde havia as “*minina*” mas onde podia haver “*makas*”.

O “Nord-Atlas” - a quem nós chamávamos, pelo seu feitio, “Barriga de Ginguba” - avião que transportava de tudo, desde farinha, batata, carne fresca, etc., etc., aterrava finalmente. Agora o Vagomestre já podia aviar-se.

Fotografias

Os meus rolos fotográficos, o papel para fotografia, os reveladores e fixadores tinham acabado. Só os podia arranjar numa casa comercial de São Salvador, que vendia de tudo. Teria de me deslocar lá na próxima coluna que fosse à cidade.



À direita na foto o “Comércio” onde o autor comprava os artigos para fotografia
(A casa Salvador Beltrão)

Regressámos com as GMC a abarrotar de comida, cerveja e 7Up, bebidas refrescantes. A cantina já havia sido montada na casa do Comando. Lá estava o tão desejado frigorífico, sempre cheio de bebidas frescas! Como só havia electricidade parte da noite, o frigorífico era alimentado a petróleo.

A chegada ao acampamento era um descanso para quem vinha da “rua”. E para quem estava! Só nessa altura conseguíamos descontraír. O espírito de equipa quer a nível de pelotão quer a nível de Companhia era tal que quando um indivíduo era ferido parece que todos sentiam essa dor.



Vista aérea do acampamento da Companhia 306

“Sete Up”

Descarregadas as viaturas, o Bifanas acerca-se de mim:

- É meu Furriel, estou cheio de sede; não me paga uma sete up”?

- O quê? Uma “sete up”, o que é isso?!

- “Atão” o meu Furriel não sabe?

Olhei-o desconfiado!

- É aquela garrafa verde.

Era uma garrafa de 7Up...

- Ó pá – respondo – aquilo é seven-up!

- Ó meu Furriel não goze comigo, eu sei muito bem ler: sete+up é “sete up”!

- Pronto, está bem. Manda vir duas que eu pago.

A conversa com o pó do caminho também me tinha secado a garganta... E lá bebemos uma “sete up” cada um.

O jantar costumava ser cedo, ainda com a luz do sol. Nesse dia era dobradinha brasileira com feijão branco. Estava apetitosa. Confesso que tivemos sorte com o cozinheiro da Companhia. Era um profissional que, antes de ser tropa, trabalhava na casa de uma família abastada da Linha do Estoril. Bom cozinheiro, e, como era necessário naquelas paragens, cheio de imaginação. Arroz ou feijão, eram feitos de mil maneiras. O Comandante da Companhia delirava com os cozinhados do Zé Cozinheiro!

4. PRIMEIRA EMBOSCADA

A primeira emboscada nocturna, calhou ao nosso pelotão. Tinha de ser! Não éramos melhores, nem piores, do que os outros pelotões. Mas éramos sempre os primeiros a alinhar, vá-se lá saber porquê! Linhas que a sorte tece...

Combinámos com o Alferes o local onde iríamos fazer a emboscada. Havia, a caminho de Cuimba, uma sanzala abandonada com algumas casas de adobes de barro, meio arruinadas. Seria aí a nossa primeira emboscada nocturna. Cada Secção ocuparia uma casa: a primeira Secção, a primeira casa; a segunda, a casa do meio; e a terceira, a última casa, isto no sentido Pangala/Cuimba. Assim fizemos. Abandonámos as viaturas antes da sanzala e fizemos o resto do percurso a pé. Chegámos já com a noite a cobrir-nos e instalámo-nos. Cada secção era constituída por dez homens. Ocupámos as janelas e a porta única que havia. O silêncio era total. De repente, sinto uma revolução nos intestinos. O sistema nervoso tinha-me traído. “E agora?” – pensei – “Valha-me Deus. Tenho de sair lá para fora e evacuar”. E não podia demorar muito. Comuniquei ao Cabo Pombal o que se passava e pedi-lhe que ficasse de arma apontada junto à porta. Ao menor ruído deveria disparar!

Deixei a minha arma junto dele e sai silenciosamente, devagar. Logo que cheguei lá fora arreei as calças e sem me importar com o ruído que poderia fazer, aquela aguada saiu sob pressão. Eu teria de ser rápido. Olho para trás. O meu traseiro parecia tão branco! Se os “gajos” estivessem por perto não deixariam de o notar. Mais um esguicho. Fiquei vazio. Apanho um punhado de capim, limpo-me à pressa, subo as calças e meto-me outra vez entre paredes.

A noite passou-se sem qualquer outro percalço. Finalmente amanheceu. Ouvimos ruído de viaturas vindo do lado do nosso acampamento. Vinham buscar-nos. Enquanto tomávamos o café, as perguntas sucederam-se:

- Como era o ambiente na noite? Que ruídos se ouviam mais?

Resolvi aliviar o ambiente, e contei o que me tinha acontecido na emboscada. Foi uma risada. O Blica, um açoriano sempre bem-disposto, disparou logo:

- Pôrra, até te cagáste com o medo!

E terá sido, pensei. Com o medo, o sistema nervoso não se aguentou e disparou para baixo.

Aquele ajuntamento à volta da mesa foi motivado pela curiosidade e pela necessidade de saberem notícias. Terminado o café, cada um foi para os serviços que lhes estavam destinados.

- Ai, ai, Costa Pereira – disse eu – o que agora sabia bem era uma boa chuveirada!

- Tu estás é a precisar de médico! – Retorquiu.

- Uma boa chuveirada no sítio onde nos encontramos?! E também não queres o cu lavado com água de malvas?

Já que os luxos aqui eram outros, lavei a cara, as orelhas e o pescoço numa bacia de água, e senti-me aliviado.

O chuveiro

Uma chuveirada, continuei a pensar! Nisto passou por mim o Sargento Mecânico Lino, e atirei-lhe à queima-roupa:

- Ó Lino, tu que és habilidoso é que podias arranjar uma casa de banho com chuveiro para a malta tomar banho!

Olhou para mim, com ar amargurado, e disse:

- A casa de banho com chuveiro arranja-se. E a água?

- Pois é! A água tem que ser trazida da fonte nos barris pelo pelotão que estiver de serviço.

- Vou pensar nisso - respondeu o Lino.

Ao jantar o Lino relatou a conversa que tinha tido comigo. Todos concordaram. Então ele explicou-nos a sua ideia:

- Num dos cantos onde está a ser feita a nossa caserna - ele foi o arquitecto do nosso acampamento - faz-se mais uma parede e, como não há porta, põe-se um oleado a proteger de vistas menos decorosas quem estiver a tomar banho.

Assim foi feito. Quatro estacas fora da caserna à altura do telhado e na armação que as segurava foram postos quatro grandes bidões, daqueles onde vinha o gásóleo para as viaturas. Depois de bem lavados, foram ligados uns aos outros e o último ligado ao chuveiro. Serviam na perfeição. O chuveiro era pequeno, para economizar água. Até havia água quente, por vezes quente de mais! O sol encarregava-se de a aquecer.

5. A “COISA”

Certa noite apareceu-nos esbaforida a sentinela que estava de guarda à casa do Comando:

- Meu Furriel, venha ali depressa que entrou uma ”coisa” para a varanda da casa do Comando!

- Deixa lá – disse o Malha (de serviço como sargento-de-dia) – Deve ter sido o Dick, (o pastor alemão que o Costa Pereira trouxe consigo para Angola).

- Não era não, eu apalpei e era uma coisa fria!

- Uma coisa fria?! - Ripostou o sargento Crava - Cuidado que pode ser uma cobra!

Lá foram uns quantos. O Malha pegou na lanterna, e ao aproximarmos da varanda, vimos duas enormes cobras enroscadas a um canto. Eram mesmo enormes. Levantou-se a discussão:

- Dá-se-lhe um tiro com a pistola e acabasse-lhe com a raça! - Diz um.

- Um tiro não - disse outro dos mais cautelosos - A bala pode fazer ricochete nos tijolos e um de nós pode lerpar.

- Eu trato disso – retorquiu o Blica. Vou buscar uma catana e resolvo já o assunto da puta da cobra!

Ainda foi advertido de que as cobras eram duas, grandes, e quando lhe dirigíamos a luz levantavam a cabeça para nós. Era muito perigoso. Chegado com a catana, o Blica disse para o que tinha a lanterna:

- Aponta a luz para aquele canto. A cobra dirige-se para lá, eu debruço-me na varanda e dou-lhe uma catanada nos cornos que a lixo.

Assim foi. Com todo o cuidado e com muito medo, a operação foi executada com êxito. Ao ver a companheira a morrer com a espinha partida, a outra cobra fugiu a toda a velocidade, esgueirando-se por entre as nossas pernas.

- Ó c’um caraças! Foge, foge!

Era quem mais podia fugir, aos gritos...

Maldita fotografia

No dia seguinte, lembrei-me de tirar uma fotografia com a cobra. Era um lindo animal - depois de morto! Media 3,80m de comprimento. Toda a Companhia apareceu querendo tirar uma fotografia com o bicho. Gastei um rolo inteiro, o único que tinha. Foi revelado e posto a secar.

- Ó diabo! - Disse eu quando contei as folhas de papel que tinha para as provas. Tinha dezoito e as fotografias eram trinta e seis! Trabalhou “o” cabeça! Cortam-se as folhas ao meio, e fica resolvido o problema.

Reuni com os “modelos” que se fizeram fotografar com a cobra nos braços e disse-lhes o que se passava:

- Rapaziada, não há papel suficiente. Vou cortar as folhas ao meio, mas o preço é o mesmo por cada fotografia: uma “Cuca” ou uma “Nocal”.

Alguns torceram-se, mas por fim todos concordaram.

- Deixem lá! - Respondi em jeito de consolação mas com um certo cinismo - Assim até os “Bate Estradas” vão mais leves!

Obs.- “Bate Estradas” eram os aerogramas em que cada militar escrevia dando notícias.

Todos quiseram a sua foto para enviarem à família, que seria transportada em carta por uma coluna da Companhia quando esta fosse a São Salvador. E cada um podia dizer à família que ele é que tinha morto a cobra, o que seria motivo de admiração dos familiares e, quem sabe, dos vizinhos! Agora ia ficar com um crédito na cantina em cerveja bem jeitoso...



A cobra

As fotografias tinham de ser feitas de noite. De dia não havia nenhum sítio em que a escuridão fosse suficiente para isso. Além de que de dia o calor era muito e a temperatura tinha influência no tempo de revelação e de fixação das imagens. De maneira que, só de noite, e enquanto houvesse electricidade o poderia fazer.

O Sargento Tendeiro, das transmissões, cedeu-me um pequeno quarto na secção das transmissões e era aí que eu tinha todo o equipamento de laboratório e onde fazia os meus trabalhos fotográficos. De vez em quando, lá se faziam meia dúzia de fotos, só que desta vez eram trinta e seis e tinham de ser feitas no ampliador. Pedi ajuda ao Tendeiro mas este escusou-se. Fiz o trabalho sozinho, duas noites seguidas. Não dava para mais, porque o gerador eléctrico era desligado às 23H00, para não se gastar muito gasóleo.

Quando no dia seguinte entreguei as fotos feitas durante a primeira noite, foi um caso sério:

- Mas por que é que o meu Furriel não fez a minha primeira? Já escrevi o “Bate Estradas” dizendo que juntava a fotografia. E agora?

- Deixa que logo à noite faço o resto e amanhã todos têm as fotografias. E para mais só além-de-amanhã é que a Companhia vai a São Salvador.

Lá os convenci. E cumpri.

No dia apazado fomos a São Salvador. Foi o nosso pelotão escalado para ir. Ao chegar lá, sempre a mesma coisa: o abastecimento, comprar umas coisas, passear naquele pequeno oásis centro de ligação com outras povoações. Ir à Sé de São Salvador do Congo, um espaço fresco, com imagens de santos, como no “Puto”. A Sé era uma construção desproporcionada, grande, comparada com as construções restantes da cidade. Entrei diversas vezes, mas nunca consegui fazê-lo levando a arma comigo, deixava-a sempre com um companheiro, à porta. Não sei porquê! Sentia que não era lugar onde uma arma devesse entrar.

À noitinha estávamos no acampamento.

No dia seguinte o nosso pelotão estava de folga! Folga? O que é isto no sitio onde nos encontramos? Em qualquer parte, no mundo civilizado, folga era sinal de descanso, de descontração, de passear um pouco pela cidade. Assim era em muitas partes de Angola. Aqui, descanso era sinal de não sermos obrigados a sair do acampamento e isso era o melhor que nos podia suceder!

“Bate Estradas”

Acordei cedo. Com sol era impossível estar na cama. Dei uma volta pela caserna do nosso pelotão. Estava tudo em ordem. Uns entretinham-se a limpar a arma – quem diz que em tempo de guerra não se limpam armas? –, Outros conversavam e havia ainda outros que estavam a escrever o inevitável “Bate

Estradas”. Ainda no dia anterior tinham estado em São Salvador, onde tinha sido depositada toda a nossa correspondência. Ainda bem que este tipo de cartas era exclusivamente de, e para militares. Eram de borla, distribuídos no Ultramar pelas Companhias e no “Puto”, salvo erro, pelas Juntas de Freguesia.

Chegou a hora do almoço. E como cheirava bem! Ao tirar o testo do panelão, lambi os lábios. Outra vez dobrada com feijão branco! Para mim era das melhores refeições que me podiam dar no sítio onde nos encontrávamos. Ao provar, alguns torceram o nariz. O cozinheiro tinha-se descuidado no sal... O manjar estava salgado mas não foi por isso que deixaram de ficar os pratos limpos. Foi tudo!

Passado um bocado começou a sede a apertar. Beber muita água? Não: Era um luxo! Alguns de nós fomos à cantina beber uma “Cuca” bem fresquinha. Conversa puxa conversa, “Cuca” puxa “Cuca”, e quando dei por mim estava deitado na minha cama, molengão, a dormir. Nisto ouço o médico da Companhia a dizer:

- Este gajo está com uma bebedeira nos cornos que nem se aguenta!

Ao ouvir isto acordei daquele torpor. Vejo o médico, pessoa franzina, de bigode fininho, debruçado sobre mim e digo-lhe com voz entaramelada:

- Bebedeira nos cornos, não doutor, que eu sou casado! É no estômago!

O médico pediu desculpa e obrigou-me a tomar um medicamento. Nós nunca sabíamos qual era o medicamento que tomávamos. Era uma pastilha LM (Laboratório Militar), tinha que fazer bem. E fez! Passadas umas horas estava fino. Foi então que me contaram o que tinha sucedido: tinha bebido quatro cervejas seguidas enquanto fazia a digestão, que parou! Levaram-me para a cama e chamaram o médico.

Este acontecimento deu azo a que os meus companheiros, Sargentos como eu, quando passavam por mim, dissessem:

- “Nos cornos não, doutor, que sou casado”.

Não valia a pena um gajo chatear-se. Então resolvi começar a rir-me ao ouvir tal frase. Não tinha alternativa. Era uma risada de parte a parte! As figuras que uma pessoa faz!

Este entretenimento durou uma semana e tal, até que tudo esqueceu.

6. CAPELÃO

Finalmente houve novidade. O Capelão vinha na semana seguinte fazer uma visita à Companhia. Fosse uma trovoadas, uma cobra, tudo o que fosse anormal era novidade! Como sempre, comeria com os oficiais, conversaria muito tempo com os soldados de quem procuraria saber as necessidades e acabaria a conversa na caserna dos Sargentos, já à luz da vela, pois a luz apagava sempre às 23H00 horas, como disse.

Chegou a semana seguinte e com ela o padre Capelão do nosso Batalhão. Vinha com ar satisfeito, fato de combate a estrear, enfim, parecia um “maçarico” - qualquer elemento que chegasse de novo à Unidade, para ficar, era apelidado de “maçarico”.



A primeira missa em Pangala

Tal como se previa, o Capelão almoçou com os oficiais e de seguida foi para a parada onde ia conversando com uns e com outros. Queria saber como estava a correr a vida, como era a alimentação...

Das nossas operações não tocou em nada. Fez uma pergunta ao nosso pelotão que, por certo, não mais faria enquanto por aqui estivesse:

- O que é que mais falta vos faz?
- Sabe o que nos faz mais falta? - Pergunta o Sapatelhas.

Obs. Este soldado tinha esta alcunha por não conseguir dizer sapatilhas. Mas era um bom rapaz. Era de S. João da Madeira e um bom jogador de futebol.

O Padre Arnaldo ficou a olhar para ele, intrigado! E eu que sabia que dali não ia sair boa coisa, adverti:

- Vê lá o que vais dizer, pá!

Todos sabíamos o que faltava naquele acampamento, naquele e noutros, que estavam completamente isolados. Éramos todos homens na casa dos vinte e tal anos...

As conversas prosseguiram noutra sentida, até que se fez hora do jantar. Nesse dia o padre Arnaldo deu-nos a honra de jantar com os Sargentos. Depois do jantar, foi a conversa habitual do passar tempo. O Padre Arnaldo então atirou-me à queima-roupa:

- Ribau, então na semana passada houve um problema consigo. O que se passou?

- Nada, Padre... Mas o Doutor devia ter mantido o segredo profissional!

- O Doutor, porquê?! Não foi ele que me contou nada - ripostou o Padre. Foi um soldado que ao ouvir a lengalenga dos teus colegas tentou inteirar-se do que aquilo queria dizer e alguém lho contou. Com que então "nos cornos não, que sou casado"! Sim senhor. Essa foi boa!

Fiquei embatucado e sem resposta.

Os Dez Mandamentos

A conversa prosseguiu mas a minha cabeça estava a trabalhar. Tenho de arranjar processo de chatear também o Padre. E saiu-me esta:

- Ó padre Arnaldo, sabe porque é que o sétimo mandamento tem um tracinho?

- Não! - Respondeu-me.

- Então ouça: quando Moisés foi ao Monte Sinai receber as Tábuas da Lei com os Dez Mandamentos, foi sozinho lá acima. Os restantes homens ficaram cá em baixo, à espera. Ao regressar tinha de ler o que diziam os mandamentos da Lei de Deus, para todos saberem. Moisés começou a ler 1º "Adorar a Deus sobre todas as coisas"; 2º...; 3º...; 4º...; 5º...; 6º... Todos os presentes iam acenando afirmativamente com a cabeça, em sinal de aprovação. Chegado ao mandamento seguinte, o 7º: "Não desejar a mulher do próximo", todos disseram em coro: CORTA!!! Moisés, como que envergonhado, fez um tracinho na perna do 7 mas, como era a Lei de Deus, não podia anulá-la. E assim ficou os sete com um tracinho! Muito mais tarde, apareceram as máquinas de escrever e os computadores e os

americanos decidiram que a perna dos sete não precisava de tracinho... Vê agora Padre a razão porque eu chamei a atenção ao Sapatelhas? Embora não houvesse mulher de ninguém próximo, o que ele desejava era mulher, quer fosse do próximo ou do afastado. Ele naquela altura também não concordava com o sétimo mandamento.

Virgindade de Maria mesmo depois do nascimento de Jesus!

A conversa espevitou, embora alguns não concordassem com o que eu disse. O Miranda mostrou-se enfadado dizendo que não valia a pena continuar a falar nesse caso. Era como a vingança do chinês. O Costa Pereira, que era ligeiramente gago, só disse:

- Pois, pois!

Não sei se aprovando ou reprovando a minha “lição de moral”! O certo é que a conversa pegou. Brincou-se com o tracinho dos sete, que me parece lógico. Não havia mulheres, só homens, quando Moisés desceu do monte Sinai. As mulheres ficavam em casa, não tinham voz activa. Os homens, até porque tinham recebido do Criador a missão “crescei e multiplicai-vos”, que queriam cumprir, é lógico que quisessem cortar o sétimo mandamento.

- E já que falamos de religião, quando eu era pequeno e andei a aprender a doutrina – católica, claro - foi-me ensinado que Deus era um ser infinitamente bom, infinitamente amável, e que tinha feito o homem à Sua imagem e semelhança. Das duas, uma: ou Deus não era bom, ou não tinha feito o homem à sua imagem e semelhança. Se fosse como me ensinaram, não haveria guerras, haveria a paz no mundo. Nós não estaríamos aqui neste fim de mundo. Estaríamos com as nossas famílias, nas nossas casas.

- Aí pára! – Disse o Padre Arnaldo, meio zangado - Deus era bom, e era tão bom que deixou ao homem a liberdade de escolha. Talvez fosse esse o seu único erro quando fez o homem. Não o afirmo mas pelo que vemos no mundo em que vivemos, há qualquer coisa que não está bem. O homem não soube escolher. O espírito do mal a que chamamos “demónio”, tem influência sobre o homem e o próprio homem é que tem de decidir qual o caminho que quer tomar. Não culpemos Deus por ter deixado ao homem a capacidade de decisão.

- Pelos vistos, padre Arnaldo, o demónio tem mais força do que Deus – disse eu - os homens obedecem-lhe com mais facilidade de que obedecem a Deus. A prova está à vista. Olhemos o mundo. O que vemos? Só desgraças. Guerras em toda a parte. A ganância de mandar, do poder, do dinheiro. Ricos muito ricos, pobres muito pobres. Estes, por vezes sem uma côdea de pão para dar aos filhos que choram com fome. A democracia - que linda palavra, deve vir de demo - que deveria distribuir igualmente a riqueza por todos, é o que vemos! O comunismo, em que todos deveriam viver em comunidade - os que podem aos que precisam! E o que vemos nós? Os que podem, meia dúzia deles, a explorar os que precisam, que são milhões. Seria para isto que o mundo foi feito? É caso para dizer que foi a frase que aprendi: Valha-nos

Deus! Afinal em que ficamos? - Continuei - Isto estava tão mal que o Criador “enviou” à terra um seu emissário a que nós chamámos Jesus Cristo. Mas nem Cristo conseguiu endireitar os homens.

O Crava meteu-se na conversa. Ele que não era católico, não era protestante, não era nada quanto a religiões, parecia ter estado interessado na conversa:

- Mas vocês acreditam que Cristo foi concebido por obra e graça do Espírito Santo? Que desceu à terra num carro de fogo? Que Maria, a mãe de Jesus, era virgem e continuou sempre virgem, mesmo depois de dar à luz um filho?

- Olha o Sargento Crava, parecia estar a dormir e afinal... Ouça uma coisa - retorqui - no tempo em que a Bíblia narrou esses factos, para que eles fossem considerados credíveis, não o podia ter feito de outro modo. Hoje, se a Bíblia fosse reescrita - e já o foi algumas vezes, de acordo com as conveniências de alguns Papas - e dado o avanço da ciência, que foi um bem dado por Deus, que nós não deturpámos, seria outra.

- Outra qual? – Perguntou o Crava.

- Quer ouvir?

- Sim, diga!

- Sabemos que a terra não é o único planeta a orbitar no espaço – disse eu. Há mais. Um dia, num desses planetas houve problemas e os seus habitantes deslocaram-se para a terra, onde passaram a viver sob determinadas ordens – mandamentos. Mas fosse porque diabo fosse, os homens começaram a asneiar. Então Deus resolveu enviar à Terra um seu emissário, mas fê-lo de modo a que os homens o aceitassem. Seria igual a eles, fisicamente, mas como ser superior que era, tinha uma inteligência também superior.

Aqui o padre Arnaldo já dormitava, cansado da viagem. Eu continuei:

- Foi escolhida uma mulher terrena, pura fisicamente, de acordo com os cânones dos Deuses. Essa mulher chamava-se Maria e daria à luz um ser superior. E assim foi. Foi enviado à Terra um emissário a que os antigos chamaram Espírito Santo. Veio num carro de fogo – hoje chamar-lhe-íamos, foguetão. Maria foi inseminada artificialmente, pelo que ficou virgem. Quando do nascimento, foi feita uma cesariana – pelo que Maria continuou virgem. Estes factos, na altura do acontecimento não poderiam ser narrados desta maneira, não haveria provas. Do facto continua a não haver provas mas o que eu contei tem, na actualidade, consistência. Já se fazem as duas coisas. A inseminação artificial e a cesariana! É uma explicação mais plausível.

- Ó Ribau – diz o padre Arnaldo depois de acordar, como que a querer pôr termo a uma conversa da qual ele tinha perdido o fio à meada – e quem se fosse deitar?

Era uma hora e meia da madrugada. Todos apresentávamos os olhos pequeninos. Já mal se viam à luz da vela! Assim fizemos.

O Padre foi dormir para a enfermaria numa maca e nós começámos a preparar-nos para a deita. Tirar os camuflados, tirar as botas e, como sempre,

lá veio o cheiro a licor de peúga. Era sempre assim. Depois, com o tempo, aquele aroma desaparecia. Alguns já dormiam. Adormeci também...



Posto de observação... e de meditação

Na manhã seguinte, bem cedo, o primeiro pelotão preparou-se para ir a São Salvador. Era dia de reabastecimento e calhava ao primeiro pelotão esse serviço. O terceiro pelotão - o nosso - estava de serviço de segurança ao acampamento. O quarto pelotão estava de serviço à água e à lenha. Para o segundo pelotão era dia de descanso.

Depois do almoço, o calor era tórrido. Como eu gostava de subir ao posto de observação e contemplar a paisagem, quando estávamos de segurança, sabia que por vezes por lá corria uma aragem fininha, agradável, por o local ser elevado. Resolvi ir até lá. O calor não era assim tanto. E a aragem... nem vê-la. Sentei-me a observar.

Para poente, logo a seguir ao arame farpado, existia um profundo vale. Lá ao longe era a estrada para São Salvador - não se via, só se imaginava. Àquela hora a malta já devia estar a tratar de carregar as viaturas.

Olhei para o relógio. Três horas da tarde, do dia 2 de Julho de 1962. Continuei a olhar, agora para noroeste, onde havia uma saída do nosso acampamento. Mais adiante a estrada virava à direita, para Norte, em direcção à Buela. Se deixássemos a estrada e seguíssemos em frente, sempre para noroeste, encontraríamos uma picada que parecia ter sido muitas vezes calcada. Seguia sempre pelo cume de um monte com um vale profundo de cada lado. A visão era óptima para todos os lados pelo que, ali, não havia possibilidades de emboscada. Explorámos essa picada e mais uma vez veio a surpresa. A picada terminava onde acabava o cume e no final estava

implantado um marco geodésico. A seguir era o vale profundo e no fundo do vale a mata luxuriante, com árvores que pareciam de grande porte, pois só conseguíamos ver as copas.

Para nascente a picada que nos levava à água e, ao fundo, o capim verdejante que nos indicou que ali havia água. Para poente a estrada que nos levava a São Salvador e a Cuimba.

Nada de novo. Desci, fui dar uma volta, conversar com as sentinelas e depois sentei-me na caserna a ler os restos de um jornal do “Puto” que veio a embrulhar uma encomenda de um colega. O acampamento estava calmo, os militares que não estavam a trabalhar recolhiam às casernas, onde se sentia menos calor. Calmo demais para o meu gosto. A cantina estava aberta mas sem clientela. O pelotão do reabastecimento já devia ter chegado. Talvez um furo, ou coisa parecida, os tenha atrasado. Pego novamente no jornal – Olha esta notícia: uma traineira ao entrar na barra de Aveiro por causa do nevoeiro, foi contra o molhe e afundou-se rapidamente. Entre mortos e desaparecidos estavam seis colegas e amigos de escola...

Morre-se em qualquer parte!

7. EM TERRENOS MINADOS

Relativamente perto vejo vir na estrada um jipe a grande velocidade, levantando nuvens de poeira. Fiquei na expectativa. O jipe entra de rompante no acampamento. O Lisboa, que o conduzia, grita para mim:

- Meu Furriel, fomos atacados na subida do Rio Luvo. Acudam depressa aos nossos irmãos se não eles morrem lá todos.

E não consegui dizer mais nada. Ficou bloqueado, com a boca a espumar! Tentámos obter contacto via rádio, mas não havia resposta. Depressa se arranjaram três Unimogues e um jipe com rádio, que saíram imediatamente do acampamento ao encontro da coluna de reabastecimento.

- Digam o que se passa!

Foi o pedido dos que ficaram.

Passados uns tempos o rádio informou o que se havia passado: o jipe que vinha à frente da coluna pisou uma mina anti-carro. Dois dos ocupantes estavam mortos, um terceiro que com o rebentamento tinha ido parar longe, recuperou os sentidos e começou a gritar, e o quarto, o Sargento que vinha ao lado do condutor, ainda não tinham dado com ele.

Fomos na direcção dos gritos que cada vez se ouviam menos. O soldado estava a esvair-se em sangue. Na mão direita a arma que nunca largara, na esquerda um punhado da terra de Angola, dura, gretada. Estava a entregar a alma a Deus. Ainda lhe ouviam as suas últimas palavras: “Oh minha mãe...”

Chegados ao jipe acidentado reparámos numa figura que parecia grotesca. O apontador da “Breda”, que estava montada no jipe, ainda se mantinha agarrado aos punhos da arma, como se fosse fazer fogo. Com o jipe inclinado a metralhadora ficou apontada para o céu.

O apontador estava morto. O terceiro militar estava também morto, perto do veículo. Foram transportados em macas para o acampamento.

O Sargento ainda não tinha aparecido. Continuaram as buscas, já ao lusco-fusco, sempre com o ouvido à escuta, chamando por ele. Ouve-se um respirar apressado. Era ele. Respirava mas deitava sangue pelos ouvidos e pela boca. Foi rapidamente – tanto quanto se podia – transportado numa maca para o acampamento era já noite. O médico ia fazendo o que podia tentando prolongar-lhe a vida.

- Se me mandassem um helicóptero ainda podia salvar-se! – Desabafa o médico.

Mas àquela hora os helicópteros já não voavam e estavam longe, em Luanda. Nós estávamos no fim do mundo... Foi quando tomámos consciência de como estávamos afastados de tudo e de todos ...

Numa altura destas compreendemos como é necessário termos confiança em nós próprios. Uma Companhia, com cerca de cento e cinquenta homens, não pode contar com mais ninguém. Isto cria entre os seus componentes um espírito de entreatajuda, de sacrifício mútuo. Não sabemos porquê mas nos momentos difíceis é assim. E esse espírito prolongou-se até a Companhia ser dissolvida.

Chegada a hora de jantar, já tardia, cada um foi buscar a sua comida. Sentámo-nos à mesa, calados, tristes. A primeira colherada de comida foi posta na boca, mas não passava na garganta, entalava-nos.

- Merda, não consigo comer esta porcaria! - Disse um, tentando justificar o não conseguir comer - Vou levar isto à cozinha. Serve para amanhã, se não se estragar.

Uns atrás dos outros, em silêncio, foram fazendo o mesmo.

Segurança reforçada

O nosso pelotão era, como disse, o que estava de serviço de segurança ao acampamento. Resolvemos que as sentinelas fariam o serviço dobradas – duas a duas – para que não houvesse “esquecimentos”, não fosse alguma adormecer. As rondas seriam também feitas por dois Sargentos, não só por um, como era habitual. Tudo ficou preparado para que não houvesse surpresas e a malta pudesse dormir descansada. Nesse dia já bastava a surpresa da mina.

A noite ia passando. Íamos conversando com o pessoal que estava de vigia, enquanto fazíamos as rondas. Nisto, apercebo-me do vulto de um soldado, acororado, fora da caserna. Dirigi-me a ele, pois poderia ter algum problema.

- O que se passa?

- Porquê a nós meu Furriel? Porque nos havia de calhar a nós?!

Chorava convulsivamente. Ele era da mesma terra e muito amigo do Valente, o apontador da metralhadora. Numa altura destas o melhor era ficar calado. Ainda consegui dizer-lhe:

- Chora à vontade, não tenhas vergonha de chorar. Estás a chorar por um amigo, que todos nós perdemos.

O relógio parecia não andar. Quando eu e o Miranda fazíamos a ronda, passámos perto do Comando, junto à cantina e parámos. Ouvimos a respiração difícil do nosso colega, na enfermaria. Ficámos à escuta. De repente ouviu-se a voz do médico dando rapidamente uma ordem ao Sargento Enfermeiro. Depois, nada mais. A respiração acabou, mas o médico estava a fazer qualquer coisa. Sentimos vontade de entrar na enfermaria mas só

iríamos atrapalhar. Fomos para a nossa caserna, acendemos uma vela. Eu acendi mais um companheiro de todas as horas, “o fiel cigarro”, e fiquei a pensar. O Miranda disse que ia descansar um pouco, para eu o chamar quando fosse fazer a ronda seguinte e deitou-se.

Fiquei a olhar tempos infintos para o fumo do cigarro que se sumia na escuridão deixada nos locais onde a luz da vela não chegava. Lembrei-me então das palavras do soldado antes de exalar o último suspiro “Oh, minha mãe!” como que a pedir ajuda àquela que nunca nos abandona! Mas ela estava longe!

A mente tentava andar por longe, fugir a tudo aquilo, ir à mocidade. Veio-me à memória um poema chamado “Alguém” que lera no livro de Português da Escola Comercial. Não me lembro quem era o autor mas há duas quadras que nunca esqueci:

Para alguém sou o lírio entre os abrolhos
E tenho as formas ideais de Cristo
Para alguém sou a vida e a luz dos olhos
E, se na Terra existe é porque existo.

Chovam bênçãos de Deus sobre a que chora
Por mim além dos mares! Esse alguém
É dos meus olhos a esplendente aurora;
És tu, doce velhinha, ó minha mãe!

Ouçó passos.guardo e vejo o médico entrar na nossa caserna, com a camisola de lã da tropa vestida, cabeça baixa. “Estará frio? - pensei - não tinha dado por isso”

- O David morreu - disse-me. Não conseguimos salvá-lo. Ainda fizemos uma traqueotomia. De nada valeu...

Falou baixo. Só eu estava sentado à mesa junto da vela. O médico desapareceu na noite em direcção à enfermaria. Não se ouviu uma palavra. Senti o Miranda levantar-se e sentou-se à mesa, junto da vela. Depois começámos a ouvir o pessoal a mexer-se. Acende-se um cigarro aqui, outro ali, até que todos estavam sentados nas suas camas. Afinal ninguém dormia, pensei! Não ouvi uma palavra sequer, até que o Miranda me disse:

- Vamos fazer mais uma ronda!

E lá fomos. As sentinelas estavam alerta. Dissemos-lhe o que se tinha passado com o nosso camarada.

- Nós já sabemos. O maqueiro que estava de serviço na enfermaria veio dizer-nos. Já somos menos quatro...

A noite ia passando e ao raiar da aurora já toda a companhia estava de pé, o que não era habitual. Embora o café estivesse pronto, poucos se chegaram à cozinha. Eu estava mesmo com fome. Peguei numa caneca de

café, sem açúcar, e num naco de pão. O café passou pela garganta. O pão... não consegui engoli-lo. Tínhamos saído de serviço e todos nos sentíamos muito cansados. A noite tinha sido por todos os motivos arrasadora! Agora iríamos descansar, se o conseguíssemos.

Terríveis momentos

Pouco depois chega à nossa caserna o Alferes Miranda, Comandante do nosso pelotão. Chamou-nos, aos três Sargentos do pelotão:

- Fomos destacados para levar os mortos a São Salvador e dar-lhe uma sepultura condigna.

- Meu Alferes - disse eu - acabámos de sair de serviço e estamos muito cansados. E porquê nós se há um pelotão que esteve de descanso ontem? É a ele que pertence esse serviço.

O Sargento Miranda calou-se. O Costa Pereira, como sempre, refilou e disse:

- Eu não vou!

Chamei a atenção ao CP de que não poderíamos dizer essas coisas em frente dos soldados, sob pena de eles deixarem também de nos obedecer, num caso difícil como este. Conferenciámos e resolvemos fazer como o Alferes tinha dito.

Sabíamos que o Alferes, como operacional, era cinco estrelas. Mas guardava respeito demais aos galões do Capitão, sem ripostar. E o nosso pelotão é que as pagava. Era a segunda vez que isto acontecia! (A primeira foi quando recebeu ordem para ir dismantelar a casa de um branco e trazer as loiças sanitárias para o serviço dos Senhores Oficiais).

Pedimos ao Sargento mecânico Lino para nos arranjar uns ferros afiados na ponta, para nós, à frente das viaturas, irmos picando a estrada, tentando detectar alguma mina. Assim se fez. O medo era muito. Poderiam as viaturas não ter pisado alguma mina, ou poderá o inimigo, ao ver o bom resultado obtido com a experiência, ter armadilhado a estrada com mais minas. Enfim, seja o que Deus quiser!

Era a primeira vez que se tinha dado um acidente daqueles!

Prepararam-se três Unimogues para a tropa e uma GMC, que levaria as quatro macas com os cadáveres. A coluna saiu do acampamento cerca das dez horas. Ainda ouvi o Primeiro-Sargento gritar:

- Não se esqueçam de trazer as macas e os cobertores...!

Pareceu-me um ser desprezível. Só consegui berrar-lhe:

- Cala a boca, Fidalgo!

Avançámos em marcha lenta. Enquanto a estrada era barrenta, sabíamos que se uma mina tivesse sido enterrada se notaria a terra mexida.

Mas era preciso ter sempre muito cuidado. A qualquer dúvida descia um homem da viatura e com o ferro picava o terreno. Nada.

Quando chegámos à descida para o rio onde a mina tinha rebentado, desceram seis homens. Houve ordem para cada viatura seguir o rasto da que lhe ia à frente. O terreno era grainha de cobre. Se sentíssemos algo mais duro, tínhamos que cavar para ver o que era. Os seis homens iam picando a estrada, três em cada rodado. As viaturas prosseguiam atrás em marcha lenta. Como era um trabalho muito penoso, substituíam-se os homens de vez em quando. Estava sempre na nossa mente o caso de ser uma mina e rebentar quando fosse picada!

Levámos cerca de 3 horas a chegar ao rio, coisa que normalmente se fazia em menos de uma hora!

Atravessámos a ponte e estávamos agora na área da companhia do Batalhão do “Spínola”. A subida do outro lado do rio era do mesmo género, pelo que tivemos voltar a aplicar o sistema: o “picanço”, como passámos a chamar-lhe. Sempre lentamente, até que chegámos ao acampamento da Companhia nossa vizinha. Parámos para colher informações. Eles tinham ido nessa manhã a São Salvador e dali para diante não tinha havido problemas. Ficámos mais aliviados. Dentro de uma hora, ao anoitecer, estaríamos em São Salvador. Eles já sabiam o que se tinha passado com a nossa Companhia.

Alguns homens, por pura curiosidade (ou masoquismo, não sei!) subiam à GMC e destapavam os corpos para ficarem a olhá-los, apalermados! Depois voltavam a tapá-los e desciam da viatura.

Seguimos viagem, agora um pouco mais descansada e ao anoitecer estávamos em São Salvador. O Alferes iria tratar na sede do Sector, dos termos legais para os funerais. O pelotão regressaria no dia seguinte, depois dos funerais. Os corpos foram levados para a casa mortuária e nós ficámos por ali, respondendo às perguntas que nos eram feitas pelos nossos companheiros, aquartelados em São Salvador: “ Como tinha sido?” Era a primeira vez que apareciam minas anti-carro na zona. A curiosidade era muita, e o interesse ainda mais:

- Hoje foram vocês, amanhã podemos ser nós.

Comemos uma bucha que nos foi fornecida pela tropa de São Salvador, e andámos por ali ao Deus dará. Tal como no dia anterior, a comida custava a passar para o estômago! Meu Deus, foram logo quatro dos nossos!

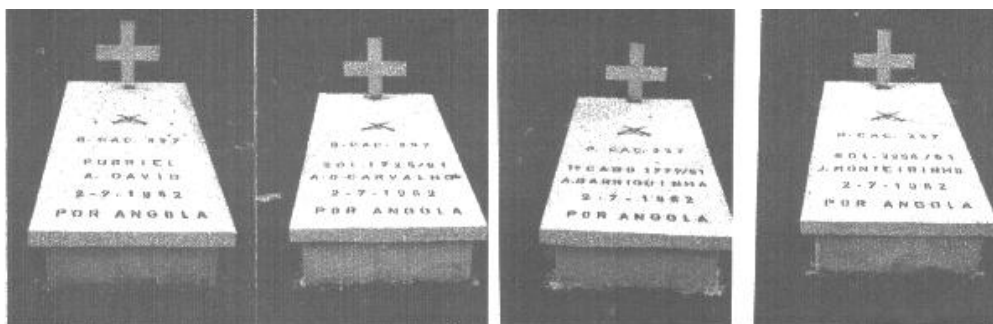
Era já tarde quando vieram chamar um Sargento do nosso pelotão para identificar os cadáveres antes de serem colocados nos caixões. Dirigiram-se, logo por azar, a mim. Não fui capaz. Pedi ao Miranda que o fizesse. Ele foi. Eu não tinha coragem de ir outra vez ver aqueles corpos dilacerados pela explosão.

Alguns deitaram-se nas camas que nos dispensaram mas, passado pouco tempo, levantavam-se. Ninguém conseguiu dormir. No dia seguinte, de manhã, tínhamos de ir enterrar os nossos companheiros e prestar-lhes as devidas honras militares. Depois era o regresso. Os mesmos pressupostos. Haver ou não haver minas!

Encosto-me a uma cama a pensar no que nos tinha acontecido. Afinal tinha sido um acto de guerra! Pois, foi um acto de guerra e nós ainda não tínhamos sequer conseguido pôr a vista em cima do IN! A eles era mais fácil detectar-nos e eliminar-nos enquanto nós andássemos nas viaturas. Conheciam bem o terreno. E começavam a conhecer-nos também. Tínhamos de deixar as viaturas no acampamento. Andar a pé era a solução!

Pois era. E o reabastecimento? Teríamos de utilizar as viaturas quando houvesse que fazer o reabastecimento! “Deixa-te disso pá”, pensei para comigo. Logo teremos de tentar chegar todos e inteiros a Pangala, e depois se vê!

Chegou a hora de darmos sepultura aos mortos. Os caixões foram transportados pelos tropas encarregados dos funerais. Saímos para o lado sul da cidade e num descampado havia quatro covas abertas, a par umas das outras. Era ali que iríamos deixar os nossos companheiros. Naquela encosta, ligeiramente inclinada para sul, não havia sinal de qualquer sepultura. Os nossos companheiros seriam os primeiros a ficar ali.



Sepulturas

Feitas as rezas pelo Capelão Militar, com o Pelotão em sentido, foram disparadas as três salvas de tiros da ordem, de G3. A última homenagem. O ruído dos tiros pareceu-nos tão fraquinho, e rapidamente desapareceu no espaço.

Àquela hora, no “Puto”, os seus familiares continuariam nos seus afazeres, sem suspeitarem do que se tinha passado lá longe, muito longe! Possivelmente, uma avó, uma mãe, uma noiva, sabe-se lá, logo à noite irá à igreja da sua terra rezar uma oração, fazer uma prece: Que regresse bem e depressa...

Páginas que o império tece
Jaz morto e apodrece
O menino de sua mãe!

Meu Deus, como Fernando Pessoa veio até mim só para me torturar!

Tínhamos partido de S. Salvador havia quase uma hora. Tempo quente, a marcha lenta, a atenção que se dispensava à estrada, amolecia-nos os nervos. A viatura deu uma guinada.

- É pá, calma – digo para o condutor.

- Desculpe meu Furriel. Distraí-me...

- Não pode ser! - Disse eu - Vais cansado? Eu conduzo um bocado. Até pensei que tinhas visto uma mina!

- Não, meu Furriel. A minha cabeça voltou por momentos a São Salvador. Agora já acabou. Não me distraio mais.

- Cuidado que vamos a chegar à estrada “fraca”.

Ao passar o acampamento da companhia do Spínola, acenámos à sentinela que estava junto das instalações da companhia, que correspondeu com outro aceno, sinal de que não havia “azar”.

Atravessámos a ponte sobre o rio e entrámos na zona da nossa Companhia. A subida até lá acima, era a zona mais perigosa. Novamente o “picanço”. Não podia haver descuidos. Passámos junto do local onde a mina nos havia feito as quatro baixas. Parámos um momento. A memória dos companheiros sempre presente. O jipe já tinha sido retirado para o acampamento. Seguimos viagem e, por fim, chegámos às nossas instalações. O lugar mais seguro do mundo!

Tínhamos que esquecer o que se passou. Não podíamos mostrar ao IN o nosso medo.



O Jipe minado

Durante cerca de um mês esquecemos as viaturas. As operações eram todas feitas a pé, o que as tornava cada vez mais penosas. Pois é, não havendo viaturas não havia reabastecimento, e não havendo reabastecimento não havia comida fresca. Durante todo esse tempo comemos das reservas que tínhamos no acampamento. Um dia era feijão com salsichas, no dia seguinte era arroz com salsichas. Era o que havia.

Sacos de areia - salva-vidas

Um dia resolvemos que aquilo não podia continuar. Preparámos as viaturas cobrindo o tablado com sacos de areia. Até o condutor da viatura tinha direito a um saco junto aos pedais. Tinha que conduzir quase com a biqueira das botas.

Assim era mais seguro, se uma mina rebentasse, não poderia causar muito prejuízo no pessoal, pensávamos nós. E assim fomos para S. salvador fazer o reabastecimento, com todos os cuidados. Optámos por três Unimogues (deixámos de utilizar os jipes por serem a gasolina e que em caso de mina causavam mais prejuízos; tivemos a prova no nosso primeiro acidente com homens queimados), e uma GMC.

Chegados lá, abastecemos, carregando a viatura até mais não poder, ou se calhar, mais do que ela podia. Ele era farinha, ele era feijão, era massa, e especialmente bebidas - 7Up e muita cerveja. Nesse dia o “Barriga de Ginguba” não tinha vindo de Luanda, pelo que não havia alimentos frescos. Enfim, o que tínhamos carregado era melhor do que nada.

Pelo meio da tarde estávamos conversando sobre as nossas “Marias” – eu e o Sargento Tendeiro, das transmissões. Éramos os únicos Sargentos milicianos casados.

A conversa derivou para as leituras. Ele gostava muito de literatura policial. Quando saía novidade no “Puto”, a esposa mandava-lha imediatamente. Era professor primário, este rapaz um tanto reservado. Não gostava de emprestar os seus livros. Eu também nunca lhe pedi nenhum, pois não apreciava aquele tipo de leitura, mas sei de companheiros nossos que lhe pediam um determinado livro e esse nunca estava disponível na altura:

- Estou a relê-lo – respondia o Tendeiro!

Outra mina

O tempo estava encoberto, o calor era sufocante, prenúncio de trovoadas. Dirigíamo-nos para a caserna, quando ouvimos o Cabo-cifra:

- Meu Furriel, meu Furriel!

Parámos. Então ele entregou uma mensagem ao Furriel Tendeiro.

- Que há?! - Pergunto.

Ficaram os dois calados a olhar um para o outro.

- Ó Ribau, eu já venho – disse o Tendeiro.

E enquanto ele se dirigia para o Comando, o Cabo-cifra dirigiu-se apressadamente para o seu posto, certamente para que eu não repetisse a pergunta a que ele não poderia responder. Era segredo militar.

Mau há arroz queimado! -Pensei. A coluna de São Salvador ainda não chegou. Que diria a mensagem? O que for soar. Eu já estava por tudo! E continuei a dirigir-me para a caserna, onde contei ao Sargento Carvalho o que se tinha passado.

- Mau. Há merda! - Diz ele.

Nisto aparece o Alferes do primeiro pelotão, dizendo para os seus Sargentos:

- Preparar o pelotão para sair imediatamente. Mais uma mina rebentou debaixo da GMC. Avisem o Sargento mecânico para preparar a viatura de desempanagem e seguir atrás de nós.

- Há feridos? - Perguntámos quando o Alferes o permitiu, já que tinha falado de rajada.

- Só o homem que vinha ao lado do condutor foi cuspidado para fora da viatura mas tem só ferimentos ligeiros.

- Valha-nos ao menos isso – dissemos.

Os sacos de terra resultaram. Era o que se ouvia. Até que chegou a GMC rebocada pelo Unimog. Parecia um monstro rebocado por uma ovelha. Foi encostada à oficina e descarregada.

Tinha pisado a mina com a roda da frente do lado direito. Embora forte, toda aquela área tinha sido destruída. Parte da carga que vinha à frente ficou inutilizada. A maior desgraça foi a cerveja, que vinha à frente. Mais de metade das garrafas partiram-se.

Cerveja ao preço dos olhos da cara...

Chamei a atenção do Sargento Lino, que observava a viatura, pensando talvez numa possível reparação.

- Olha, a cerveja foi quase toda embora.

O Lino olhou-me, e disse:

- E eu que, quando estava a amarrar a GMC ao Unimog, reparei no líquido e pensei que fosse a água do radiador que ficou destruído!

Sobre os mantimentos que tinham sido inutilizados e que se destinavam à alimentação do pessoal, foi feita uma participação da ocorrência, e o assunto ficou resolvido.

Mais tarde, iam chegando as viaturas. “Pôrra, os sacos de areia fazem na verdade jeito!” - pensei.

Quanto à cerveja e outras bebidas destinadas à cantina, nada a fazer, a cantina teria de pagar. O responsável pela cantina, um soldado da companhia, deitava as mãos à cabeça:

- Não pode ser. A cantina não tem dinheiro. Vende tudo ao preço de custo. O único lucro que eu tiro disto é ter sido dispensado de ser operacional!

E já não é pouco, pensei com os meus botões!

O Soldado lá resolveu com o Capitão que o custo total das bebidas seria dividido pelo número das bebidas que ficaram operacionais, não havendo assim prejuízo para a cantina!

O pior era quando alguém ia para tomar uma bebida fresca. Custava o dobro do preço e só a cantina tinha frigorífico. Havia reclamações que passando pelo Primeiro-Sargento, chegaram ao Capitão. Nada feito. Estava decidido; era assim e não havia nada a fazer!

Nessa altura fiquei convencido de que, além do encarregado da cantina, também os dois mamavam na mesma teta, pois havia outras possibilidades de resolver o problema. E assim as bebidas da viatura minada levaram imenso tempo a ser consumidas.

Sacanas dos “turras”. A primeira mina foi um acto de guerra. Levou-nos quatro companheiros! Nada podemos fazer. Agora mais uma mina... filhos da puta! Não perderão pela demora. O dia há-de chegar!



GMC minada

Uma escola!

No dia seguinte foi o nosso pelotão fazer uma patrulha diurna. Em vez de tomarmos a estrada para São Salvador, resolvemos tomar a estrada que dava para Cuimba. Seguimos caminho, passámos a sanzala destruída onde tínhamos feito a primeira emboscada. Por ali nunca tinha sido feito patrulhamento fora da estrada. O soldado que ia à frente parou:

- Que há? – Perguntou o Alferes chegando-se à frente do pelotão.

- Uma picada que segue para a esquerda, não parece muito utilizada, nem ter sido utilizada há pouco tempo – diz o Soldado.

- Vamos explorar essa picada – retorquiu o Alferes.

Seguimos com cuidado. A picada nunca mais tinha fim, como era natural. Possivelmente ia dar ao Congo. Procurámos indícios de utilização. Nada. Seguimos e mais adiante notamos uma árvore frondosa para a qual nos dirigimos com cuidado. Ao aproximarmo-nos, notamos uma coisa extraordinária: em volta do tronco e dispostos em círculo, havia bancos corridos. Eram feitos de estacas espetadas no chão com tábuas pregadas.

- Ali era uma escola! – Digo eu. Por perto deve haver uma sanzala, ou uma Missão.

Fiquei a olhar a árvore. Um belo exemplar dos muitos que existiam por estas bandas. Noto, pendurado por um fio, um pedaço de ferro. Toco-lhe com o cano da minha arma e dele sai um som puro, estridente, que se propagou e fez ouvir com certeza a quilómetros de distância. Era a sineta para chamar os alunos! Todos ficámos espantados com a escola.

O Alferes repreendeu-me por eu ter feito aquilo. Podia ter “acordado” o IN. Sentámo-nos depois de ter posto alguns homens de sentinela, todos de gargalo no ar. Uma escola! Devia haver sanzalas por perto e o missionário viria de bicicleta de São Salvador do Congo. Eram uns bons 60Km. Ou viria de outro lado! Quando chegava, tocava a sineta e os alunos iam aparecendo, conjecturei eu!

Quando nos dirigíamos de Luanda para o Norte, notámos que nas povoações mais desenvolvidas havia Missões que serviam de apoio aos missionários, prestando assistência moral, médica e material, quando possível, aos moradores dessas zonas.

Seguimos caminho e quando demos por isso era quase noite. Voltar para trás era perigoso, pois a picada com a noite não se via. Podíamos perder-nos ou ter um mau encontro quando menos o esperássemos. Embora sem comer, pois só tínhamos levado uma bucha que serviu de almoço (em operação apeada, quanto mais leves melhor), resolvemos avançar até se ver, e depois montar emboscada.

Tendo por quarto o cemitério

Mais adiante, apareceu-nos ao lado da picada, um cemitério. Eram campas em adobe, com uma altura de cerca de cinquenta centímetros. Algumas tinham o nome das pessoas lá sepultadas. Resolvemos montar aí a emboscada, embora com a relutância de muitos. Era uma falta de respeito para com os mortos.

- Pois é - disse eu - mas as campas em caso de necessidade, podem servir-nos de abrigo.

Foi comunicada a situação à base, via rádio – desta vez funcionou – e que no dia seguinte, quando chegássemos à estrada comunicaríamos a nossa posição para as viaturas nos irem buscar.

Entalado entre duas campas, nessa noite fiquei descansado. Também nada aconteceu, a não ser um ataque de formigas, que deviam ter os ninhos nas próprias campas.

De regresso a “Casa”

Ao romper da manhã regressámos à estrada; comunicámos à Companhia a nossa posição e aguardámos. Sentei-me num talude à beira da estrada, a olhar o ambiente, como eu costumava dizer. Capim. Matas e mais matas. Ah! E ao longe a Serra da Canda, famosa pelo arvoredos e onde no princípio da guerra, em 1961, se acoitaram os “turras” que depois desceram para as fazendas do café (e para tudo quanto fosse de branco), matando e destruindo sem dó nem piedade.

Lá estava a famosa cascata que, segundo diziam, tinha 350 metros de altura. Na base dessa maravilha da natureza havia uma fazenda de citrinos da CUF que, diziam os que lá passaram, era um mundo. Nem electricidade faltava vinte e quatro horas por dia. Aproveitaram a força da água da cascata, fizeram um desvio e montaram um gerador eléctrico que era movido pela água. Havia a casa do encarregado, um engenheiro agrícola, e casas para os trabalhadores. Havia! Agora foi tudo destruído pela fúria assassina. Não compreendo como se fizeram tantas barbaridades, materiais e humanas! Doutrinados pelos que queriam o poder, foram convencidos de que tudo o que era dos brancos ficaria para eles, incluindo as mulheres. Muitos pagaram com a vida a sua inocência ou a sua fúria de destruição.

Nunca pude ir àquela fazenda. Gostaria de a ter conhecido mas não ficava na zona da nossa Companhia e as pontes estavam destruídas.

Fui acordado daqueles pensamentos pelo ronronar das viaturas, que chegavam vagarosamente. Toca a subir. Vamos ao café. A fome, uma necessidade natural, desperta-nos a vontade de ter algo para comer! E lá regressámos a casa, como nós dizíamos.

Os dias iam passando, uns a seguir aos outros... Nada de novo, felizmente. Era uma pasmaceira. Patrulhas diurnas eram o pão-nosso de cada dia. Por vezes, lá acontecia alguma coisa!

8. QUEIMADA

Desta vez, numa patrulha diurna, avistámos ao longe o IN. Atravessava a estrada de Norte para Sul. Eram meia dúzia deles. Não valia a pena fazer fogo àquela distância, eram poucas as possibilidades de os atingirmos. Avançámos pela estrada para o local onde tinham penetrado no capim; seguimo-los de perto, tentando apanhar alguns “à unha”. Vinham do Congo e interrogados poderiam fornecer-nos elementos preciosos, podendo trazer mesmo documentação com informações valiosas. O capim estava ressequido. Eles deviam estar por perto. O vento soprava do Sul e sentia-se o odor a “catinga”. Íamos apanhá-los. Avançámos à confiança.

De repente vimos a cerca de uns duzentos metros à nossa frente, começarem a aparecer chamas. Sacanas! Eles é que nos tinham caçado! Lançaram fogo ao capim e quanto mais o capim ardia, mais o vento aumentava de intensidade. As chamas avançavam para nós a tal velocidade, que só tivemos uma solução: fugir! Corríamos à frente das chamas conforme podíamos, com o lume a lambar-nos as botas. O capim era alto e dificultava a nossa progressão. Nisto o municador da Basuka, gritou:

- Meu alferes, a granada da Basuka caiu-me.
- Puta que pariu a granada – diz o Alferes - foge se não queres aí ficar!

Embora tivéssemos chegado à estrada, as chamas não paravam. Tivemos de continuar a correr. Ao longe notámos árvores verdes. Ali deve passar o rio.

- Vamos para lá – gritei para o Alferes.

Continuámos a correr, alguns já vinham sem fôlego. As chamas continuavam a perseguir-nos. Quando chegámos à mata verificámos que era mesmo o rio, onde nos metemos atabalhoadamente na água até ao pescoço, só com os braços no ar para segurar a arma fora de água. Ali ficámos, na esperança que as chamas se extinguissem. Mas qual quê, as labaredas eram de tal intensidade que estavam a trepar até à copa das árvores. Se isto continuasse assim, o incêndio passava o rio para a outra margem.

Ouvimos guinchos e olhámos para cima: um espectáculo dantesco! Dezenas de macacos pequenos tentavam a todo o custo fugir. Saltavam das copas das árvores, para escapar para a outra margem do rio, orientando o

salto com os seus rabos compridos. Pouco depois este espectáculo acabou. Felizmente as chamas não atravessaram o rio. Ainda bem, safá!

Na margem oposta vi qualquer coisa a mexer-se no capim. Olá, o que será aquilo?!

- Meu alferes, gritei – crocodilos!

Fugimos todos da água como que movidos por uma mola.

- Pôrra, hoje é o nosso dia de azar! – Exclama o Rossas.

Aguardámos na margem mais uns tempos, até as chamas desaparecerem quase por completo. Depois regressámos à estrada. A terra estava quente, aqui e acolá viam-se ainda pequenas chamas. Procurámos a granada da Basuka que encontrámos e balizámos. Por azar o calor não a tinha feito rebentar. No dia seguinte iria ser bonito para a recuperar. Sabíamos que era disparada por ignição eléctrica e com o impacto rebentava. E agora? Os fios eléctricos estavam queimados! Recuperá-la assim, trazendo-a ao ombro, era estarmos a pôr a nossa vida em risco! Porra, porra...

Ouvido o relatório do Alferes, o Capitão deu ordem para o pelotão ir no dia seguinte recuperar a granada perdida, não sem primeiro criticar o Rossas, por a ter deixado cair. “Nabo! Se lá estivesses naquela aflição eu sempre gostava de ver o que fazias!”, pensei.

Eu não gostava nada daquele Capitão. Tinha tanto de petulante como de incompetente.

A estrela polar

Imaginem que numa noite em que estávamos a fazer instrução nocturna no Batalhão de Caçadores 5, apareceu esta alma de Deus:

- Então nosso Furriel, qual é a instrução que estão a dar?

- Orientação nocturna, meu Capitão. Mas está difícil porque o reflexo das luzes da cidade não deixa ver bem as estrelas - respondi.

Dirigiu-se então a um soldado e perguntou-lhe do alto dos seus galões:

- Ouve lá, como é que tu encontras a estrela polar?

- Ainda não sei bem meu Capitão – foi a resposta.

- Pois é, vocês são umas bestas, pá. Estamos quase a embarcar para Angola e ainda não sabem encontrar a estrela polar. Quando lá tiverem de andar de noite eu quero ver como é. Depois dizem que se perdem, suas abéculas!

Eu ainda retorqui, a medo:

- A estrela polar no hemisfério sul, meu Capitão...?

Quando o Capitão se retirou, o Alferes Miranda alertou-me:

- Ó Ribau, você qualquer dia ainda leva uma porrada. Lá vão uns finzitos de semana p'ró galheiro!

- Meu Alferes. Acha que devia ficar calado? O que é que o Senhor faria se a pergunta fosse dirigida a um seu instruendo?

- Olha, virava-lhe as costas para que o gajo não me visse a rir.

- Mas eu estava de frente e se lhe virasse as costas era ainda pior.

O Alferes Miranda tratava-me por você. Eu era o único Sargento casado no pelotão e ele tinha vindo havia pouco tempo para o comandar. Veio substituir o Alferes Silva que, por não “concordar” com a guerra no Ultramar, se pirou.

Com a granada ao colo... por castigo!

Deixando para trás aqueles pensamentos, voltemos à granada. No dia seguinte, lá fomos. Ao chegar ao local que tínhamos assinalado, lá estava “ela”, como a tínhamos deixado no dia anterior. Nem se dignou rebentar para nos deixar em paz. Parecíamos hienas à volta de peça de caça abatida mas com cuidado! Podia ainda estar viva!

Pensámos fazer fogo de longe sobre ela, tentando que com o impacto o percutor actuasse e a granada explodisse! Mas e se não resultasse? Não estávamos preparados para um caso destes! Conferenciámos, os três Sargentos e o Alferes.

Os cabos eléctricos estavam queimados. A granada era sempre transportada com as empenas para baixo para, no caso de cair, não explodir. Confirmámos pelo municador da Basuka que na altura da queda a granada levava o “bico” para cima.

- Pôrra - diz o Alferes – isto já me está a cheirar mal. Eu vou buscar a porcaria da granada!

Ele tinha visto como as coisas se passaram. Fora ele que dera a ordem ao municador para fugir! Compreendi. Era um desabafo, tentando acalmar os nervos que sentia, que todos nós afinal sentíamos. Tirou a pistola do cinto e atirou-a para o chão.

- Tudo p'ra longe!

Foi a ordem. Encaminhou-se vagarosamente para a granada, andando à sua volta para analisar bem a situação. Hesitou um pouco, coçou a cabeça mas depois, de forma resoluta, agarrou a granada por baixo e trouxe-a com todo o cuidado! Como quem vai buscar um bebé ao berço sem o querer acordar. Até aqui nada de anormal tinha acontecido, felizmente.

- Municador! - Chamou o Alferes - Toma. És tu que a vais levar ao colo para o acampamento.

Antes de lhe entregar apertou-a contra o peito, como que a provar que não haveria perigo.

Apanhei a pistola do chão e entreguei-lha, notando que as suas mãos tremiam como varas verdes.

- Calma meu Alferes, o perigo já passou – disse-lhe eu.

- Pois passou. Quando mandei o pelotão afastar-se estava com uma calma celestial. Agora é que estou assim, vá lá uma pessoa saber porquê!

Problema de quem comanda e sabe comandar, pensei.

Marinheiros, Aviadores e Pára-Quedistas

Chegados ao acampamento, todos quiseram saber como se tinham passado as coisas, pois os que tinham ficado sabiam o perigo que iríamos correr. Foi-lhes contada a história do que se tinha passado.

- Vocês têm sorte com o Comandante de pelotão que têm. Se fosse outro teria mandado um Sargento ou um Cabo fazer o serviço que fez.

Que vida esta, pensa uma pessoa. Não sei como há gente que segue a profissão da tropa, especialmente de infantaria.

- Os marinheiros andam no mar e têm tudo o que necessitam a bordo.

- Os aviadores andam no ar, cumprem a sua missão e regressam à base, que normalmente fica próximo de uma cidade.

- Os pára-quedistas, são lançados do ar para o objectivo, cumprem a sua missão e são recolhidos pela infantaria, que os transporta a local onde serão recolhidos por avião ou helicóptero.

- Os de infantaria estão num aquartelamento no meio do mato e são-lhe dados objectivos que têm de alcançar, normalmente a pé, por terrenos desconhecidos. Estão sempre em risco de lerpar. Quantas vezes pensamos que vamos surpreender e somos surpreendidos pelo IN que conhece os terrenos melhor do que nós, como foi o caso da granada da Basuka há pouco acabado de narrar. Temos de tratar da nossa segurança e do nosso abastecimento, por vezes por “estradas” minadas.

Quando há operações na nossa zona, ou até às vezes fora dela, além de termos outras Unidades empenhadas na mesma operação, temos de proceder ao transporte dos pára-quedistas nas viaturas de transportes colectivos lá do sítio, o Unimog ou a GMC. E ainda temos de suportar a incompreensão das altas esferas que estão no “ar condicionado”.

Vossas Excelências têm razão...

Imaginem que a nossa Companhia recebeu uma comunicação de Luanda, de que os Unimog andavam a “gastar” muitos amortecedores. Foi indicado o motivo: todas as viaturas estavam atapetadas com sacos de areia,

por causa das minas anti-carro e quando chovia os sacos ficavam mesmo muito pesados.

Que não podia ser, que os amortecedores eram caros.

Segundo apurei mais tarde, foi-lhes respondido sarcasticamente:

- Vossas Excelências têm razão.

Fiquei admirado com a resposta da Companhia. Eles tinham razão! Os amortecedores eram caros! O Capitão passou-se...

O médico perguntou-me o que se tinha acontecido! Conte-ihe. Ele riu-se. Fiquei desconfiado. O assunto já devia ter sido discutido pelos oficiais durante a refeição. E todos os operacionais concordaram em não tirar os sacos de areia, segundo vim a saber.

Eram as nossas vidas que corriam perigo...

9. MARECHAL

Aliás, aquando de uma visita de Sua Ex.^a o Senhor Marechal Craveiro Lopes ao nosso Batalhão, o Bifanas – gajo reguila, empregado de mesa antes de ir para a tropa - tinha ouvido uns zunzuns e dirigiu-se a Sua Excelência:

- Meu Marechal...

- Senhor Marechal - emendou o Comandante de Companhia.

- Capitão, deixe o homem falar - disse Craveiro Lopes dirigindo-se ao Bifanas que estava em sentido - Põe-te à vontade, e fala.

- Ouvimos dizer que de Luanda veio uma ordem para tirar os sacos de areia das viaturas! Não pode ser, Senhor Marechal. Eles são a nossa salvação.

O Capitão ficou vermelho que nem um pimento. Os sacos ainda não tinham sido tirados das viaturas. O Marechal notou-o.

- Tirar os sacos das viaturas? - Pergunta o Marechal espantado - Eu próprio vim numa viatura com sacos de areia. Deixe comigo Capitão. Fez bem em não mandar tirar os sacos de areia. Eu próprio trato do assunto quando chegar a Luanda!

O que nos admirou foi quando a Companhia foi informada da visita, um Marechal, Inspector-geral das Forças Armadas Portuguesas que poderia ter requisitado um helicóptero para se deslocar, não quis! Veio com os Soldados, para saber como era. Veio de avião até São Salvador, onde visitou um filho, Capitão que estava em comissão de serviço e seguiu viagem de visita às Companhias do nosso Batalhão, que na altura até já era conhecido pelo “Rebenta”, tantas as minas que já tinha feito rebentar.

Um acto destes deu força moral a toda a tropa do nosso Batalhão. Em Luanda – os tais do “ar condicionado” – não sei se haveria alguém capaz de o fazer. Mas este apoio tinha vindo do “Puto”...

10. HOMEM DO MONÓCULO

O homem de que vos falo chama-se António Spínola. Era, salvo o erro, Comandante do Sector em São Salvador, com o posto de tenente-coronel. Pessoa reservada, parecia estar sempre com cara de mau. Amigo dos seus soldados como poucos. Dava o exemplo seguindo sempre na frente das colunas, quer fosse motorizadas ou apeadas!

Uma vez tive a sorte de me cruzar com ele. Ele soube do acidente que tinha vitimado os nossos companheiros. Através das comunicações que havia entre as Unidades, sabia que nesse dia iríamos deslocar-nos a São Salvador. Esperava-nos à entrada da cidade, passeando de um lado para o outro, farda amarela vestida, a boina preta de cavalaria com as duas espadas cruzadas, o pingalim batendo na perneira das calças, e o indispensável monóculo. Parecia nervoso. A minha viatura era a primeira. Mandou-me parar. Parei e desci do Unimog, fazendo continência, que ele ignorou.

- Qual é o teu posto?
- Sargento miliciano!
- Quem é o Comandante deste destacamento?
- O Alferes Miliciano Miranda. Vem na segunda viatura.

Nesta altura já o Alferes se encaminhava para nós. Fez continência e perguntou ao tenente-coronel se havia problema.

- Não há problema nenhum mas sei que a vossa Companhia teve há dias uma chatice e queria dizer-vos que todos lamentamos o sucedido. Tem de ter paciência e fazer como nós temos feito. Só tendo as populações do nosso lado conseguirá vencer. Só a "psico" nos ajudará. Não é com tiros que ganharemos esta guerra. Informem os vossos soldados que devem respeitar os autóctones.

Soubemos, por informação dos próprios, que militares da Unidade de Spínola tinham sido castigados por faltarem ao respeito aos pretos, como eles diziam.

- E qual foi o castigo que ele vos deu? – Perguntei, curioso.
- Nem imaginas! Logo que havia uma operação, e durante uma série delas, eram chamados os "voluntários à força". E lá tínhamos de ir, mesmo que não fosse a vez do nosso pelotão. Era um grande gozo para os que ficavam no acampamento.

11. MINA NA COMPANHIA 305

O dia 10 de Julho de 1963 calhou ao domingo. Não houve operações. A malta, depois do almoço, andava ao Deus dará. Conversa com este, conversa com aquele, era um dia de tédio.

Refugiei-me no posto de observação. Lá soprava a tal aragem de que já falei. Apesar de não ser fresca, era pelo menos um sinal de que ali alguma coisa se mexia. Para mim era um sinal de vida, visto do alto, até bem longe.

Debrucei-me sobre a trave que segurava a chapa de bidão que nos protegia em caso de algum tiro ser disparado para lá. Tempo chato, nada de novo se passava. Mas ainda bem, apesar de o tempo custar tanto a passar!

Fui rodando, revendo a paisagem já conhecida, as copas das árvores, o capim alto. Que pasmeira!

Se estivesse de serviço, não tinha tempo para pensar. Tinha que agir, o que era mais fácil do que pensar. Agir, no local onde estamos, é já! Pensar é navegar por lado nenhum. É, correndo de vagar, deixar que o espírito nos leve onde gostaríamos que o corpo também estivesse. Por quê o espírito nos martiriza tanto? Leva-nos sempre onde não estamos mas gostaríamos de estar!

Absorto nestes pensamentos quase me deixei adormecer.

Grande “Makas”

De repente, ouço um estrondo, muito ao longe. Parecia um trovão. “Que diabo é isto?!” Olhei em volta. Notava-se, ao longe, para os lados da Buela, uma coluna de fumo. Não era queimada! O fumo da queima do capim é cinzento, este era escuro. Era produto da queima de combustível de uma viatura. “Meu Deus - interroguei-me - outra mina?!”

Desci rapidamente do Posto de Observação e dirigi-me ao Comando, informando o Capitão do que tinha ouvido e visto.

- Deixa lá, não há-de ser nada! – Respondeu ele.

Foi fora da nossa zona. Só pode ter sido alguma viatura na Companhia 305, que tinha o acampamento não muito distante do nosso.

- O que for soará – foi a sua resposta. E continuou sentado onde estava.

Desiludido com tal atitude, dirigi-me à nossa caserna, contando o sucedido.

- Aqui dentro não ouvimos nada – disseram os que lá estavam.

- Mas houve “*maka*” – afirmei com veemência. Vão lá acima ao Posto de Observação e ainda verão os restos do fumo da explosão.

Alguns assim fizeram e, ao regressarem, conversavam entre eles:

- Houve merda, pela certa. O tipo de fumo é igual ao da explosão que houve com o nosso pelotão.

O Sargento de Transmissões dirigiu-se logo ao Posto de Rádio para fazer uma “exploração” e ver se havia alguma comunicação.

Pouco depois o Sargento Tendeiro informou-nos de que possivelmente teria havido um problemazeco qualquer mas que a recepção não estava nas melhores condições. Só quando chegasse a hora das comunicações com o Batalhão, tudo ficaria esclarecido.

Estranhei a atitude do Tendeiro que, rapaz de poucos fumos, se tenha sentado à mesa, tirado um cigarro que acendeu, e puxando grandes baforadas que expelia para o ar, ficava a olhá-las até desaparecerem contra o zinco quente do telhado.

Olhei-o de frente. Ao notar que estava a ser observado, olhou-me e encolheu os ombros. A minha resposta foi também um encolher de ombros.

Perto da noite veio a informação do Batalhão - havia um morto e um ferido. O morto era o Comandante da Companhia 305, o ferido tinha sido o Cabo Condutor, a quem no acampamento da Buela o médico, à falta de melhor alfaia e para evitar a gangrena, lhe tinha amputado o braço com um serrote de cortar madeira! Um alferes e um soldado sofreram ferimentos menos graves.

Ainda hoje recordo ter recebido do meu irmão mais velho (à espera da mobilização no Colégio Militar, no qual dava aulas), um aerograma perguntando que raio de guerra era esta, em que um Capitão morre com uma mina anti-carro! O Capitão tinha também dado aulas no Colégio Militar, onde era muito estimado!

O meu irmão era de Artilharia e estava longe de imaginar o sítio para onde mais tarde o iriam mandar: para o coração dos Dembos!

Sobre este caso, tão chato, só agora o Tendeiro se abriu. Não podia revelá-lo antes, por ser uma mensagem confidencial. Só o Comandante do Destacamento podia ter conhecimento dela.

Disse-nos, então, que quando sintonizou o rádio na frequência usada pelos pelotões em operação, ouviu o rádio da patrulha chamando aflitivamente para a Buela. Uma viatura tinha pisado uma mina anti-carro. Dos quatro ocupantes um tinha tido morte imediata, outro, o condutor do veículo, tinha o braço direito meio decepado e os outros dois estavam só ligeiramente feridos. Pediam duas macas com urgência, pois o condutor estava a esvair-se em sangue, embora o maqueiro já lhe tivesse aplicado um garrote!

- Que raio! Será que não conseguimos pôr a vista em cima dos gajos?! Serão invisíveis? Nem com todos os cuidados conseguimos evitar as baixas no nosso Batalhão! Merda p’ra isto!

A nossa Companhia já tinha conseguido eliminar um inimigo. E da nossa parte já quatro haviam perdido a vida nesta luta do gato e do rato!

“Tic”...

Em Cuimba encontrei companheiros da 305. Falei com o Sousa, tentando saber mais pormenores sobre a mina que eles tinham accionado. Contou-me tudo o que eu já sabia, como é que actuava uma mina. Mas contou-me mais! A esposa do Capitão estava na Buela quando se deu o acidente. Julguei que em zona de guerra isso fosse proibido! Mas afinal não era como eu pensava.

Foi o Sousa que deitou os restos mortais do Capitão na cama – eram mesmo restos – compondo-os o melhor que pode. Pôs tudo em ordem e saiu.

A esposa queria ver o marido! Deixou-a entrar. Esta ficou a olhar, imóvel. O rosto do Capitão estava intacto - este tipo de minas actua de baixo para cima. A senhora nem uma palavra balbuciou. Que pensamentos eram os seus naquela hora? Ninguém sabia!

Os presentes retiraram-se em sinal de respeito.

Pouco depois ouviu-se um “tic”. Correram para trás e encontraram a senhora com a pistola encostada à cabeça. A sorte (!) dela foi a arma não ter balas, tiradas propositadamente pelo Sousa antes de sair do quarto. Pensou, ou foi um anjo que lhe disse, que a pistola do Capitão, mesmo carregada, já não serviria para nada.

Aquela mulher, perante a impotência de acabar com o seu sofrimento, sentou-se numa cadeira e chorou copiosamente. Perante a surpresa deste infortúnio, não fazemos uma pequena ideia do quanto sofria aquela alma!

Lágrimas que o Império tece...

12. NOVA EMBOSCADA

Hoje é dia 30 de Setembro de 1962. Quatro meses de mato e nada que se veja! O terceiro pelotão está operacional. Logo à noite temos de ir fazer uma emboscada. O Alferes informou-nos que iremos emboscar-nos na picada do Quelo. Tantas emboscadas feitas naquela picada sem resultados! Sempre à semana. É mais uma, pensámos. Hoje é domingo...

E lá fomos em quatro Unimogues. Três com o pelotão e o quarto com uma secção que faria a segurança das viaturas quando nos deixassem e regressassem ao acampamento.

Ficámos muito longe da picada. O caminho até lá foi feito a pé. As viaturas regressaram ao acampamento.

O Alferes ordenou:

- A primeira secção vai à frente, depois a segunda e a seguir a terceira. Eu fico entre a segunda e a terceira. Quando chegarmos à picada, emboscamos-nos do seu lado esquerdo, perto do rio. A picada passa mesmo no cume. Como estamos um pouco mais abaixo, se passar alguém por lá nós podemos vê-los projectados no céu!

Estranhámos estes esclarecimentos todos do Alferes, que já eram por nós mais do que conhecidos. Pareceu-nos esquisito. Mas...

Alcançámos a picada quando já estava a anoitecer. Fomos por ali adiante cerca de meia hora, comigo à frente. Parei até que todos os homens se aproximaram uns dos outros. Sempre em silêncio, saímos do trilho para a esquerda, descendo para o rio, conforme as instruções recebidas, e cada um procurou camuflar-se o melhor que pode. Estendeu o braço confirmando se o colega estava “à mão de semear”, como se costuma dizer.

Tudo pronto, agora era o mais difícil - esperar! Seria fácil esperar, se conseguíssemos que a cabeça estivesse só ali. Olho alerta, tentando perscrutar o horizonte. Ali não havia árvores. De dia via-se longe mas de noite não se via um palmo à frente do nariz.

A noite estava calma. Viam-se algumas estrelas no céu. Cada um observava o seu sector, pensando sabe-se lá em quê!

As horas passavam umas atrás das outras... e nada.

A certa altura ouço um indivíduo a rressonar. Sacana, pensei eu. E ouço o Alferes lá do meio do Pelotão falando por entre os dentes:

- Quem é a besta que está praaí a ressonar? O Cabo Pombal que estava a meu lado toca-me e diz baixinho:

- Meu Furriel, é você...!

Fiquei admirado, pois estava a ouvir um ressono e afinal era o meu! Não acreditaria se não fosse o Pombal a dizer-mo, pois sempre foi um indivíduo que não brincava em serviço. No que uma pessoa se transforma em certos momentos da vida, pensei. Nunca me tinha sucedido nada assim! A mente aguenta, por vezes com dificuldade. Mas o corpo, embora treinado para aquelas andanças, quando menos esperamos, trai-nos. No meu caso, o corpo estava descansado e adormeceu, embora com o espírito alerta, ouvindo o ressonar, mas incapaz de acordar o corpo. Foi precisa a ajuda exterior para que isso acontecesse! Que coisa tão estranha...

Embora pasmado com o que me tinha acontecido, não consegui deixar de estar vigilante, de corpo e alma, a partir daquele momento. Olho o relógio, com ponteiros luminosos: 3H00 da madrugada. Nunca mais é dia - penso - Não posso adormecer!

Hora da retaliação

Passou mais algum tempo, nem eu sei quanto. Há qualquer coisa de esquisito no ar. São passos, mas são muito leves para serem de pakaça. Pensei em hienas mas se fossem elas ter-se-iam rido, talvez de nós, como era habitual. Não me digas que são os “turras”!

Baixei a cabeça, juntinho ao capim, e vejo projectadas no céu figuras humanas! São “eles”! ...

Pus a FBP em posição de fogo. Eu teria de dar o primeiro tiro, por ser o último à esquerda, e o inimigo vinha da direita, apanhando assim o maior número deles na zona de morte. Todo o pelotão já há muito estava preparado. Ouviu-se um “tic”, que todos conhecíamos, de alguém que se tinha esquecido de destravar a arma. O IN, como vinha a caminhar, não notou.

Passa o primeiro à minha frente. Puxo o gatilho. A culatra vai a frente mas a arma não dispara. O Pombal, que notou a minha aflição a puxar novamente a culatra atrás, começou a disparar e de seguida todo o pelotão o imitou. A custo consegui desencravar a arma e também comecei a fazer fogo. Ali estivemos a atirar indiscriminadamente para tudo que mexesse.

- Parar o fogo! – Ordenou o Alferes.

Todos parámos. Silêncio absoluto. Reparo em duas figuras que iam a fugir para a minha esquerda, dobradas, logo que o fogo acabou.

- Há dois turras que vão a fugir para a esquerda. Vou fazer umas rajadas!

Foi o que fiz.

Depois foi o silêncio. De vez em quando ouvia-se um gemido. Há alguns deles feridos, pensei. Mas num caso daqueles não podíamos fazer nada, pois

podia ser uma armadilha. Via-se muito pouco. Teríamos de esperar pela alvorada para saber o resultado da emboscada. Montámos segurança. Metade do pelotão voltado para a picada e a outra metade voltada para o lado oposto, precavendo-nos contra um possível ataque pelas costas. Tardava o clarear. Ao longe apareceu uma fogueira. Lá estão eles a indicar o sítio para a reunião dos sobreviventes, pensei. Pedi ao Alferes para fazer para lá uma basukada. Não fui autorizado, o que me deixou chateado, pois podíamos aproveitar a ocasião para obtermos melhor resultado da emboscada. Quem manda pode, pensei, mas é asneira não aproveitar as ocasiões!

Passados uns tempos comecei a sentir frio nos testículos. Mau! Será alguma cobra? Lentamente baixei a mão e apalpei. Estava completamente urinado. O falhanço da arma foi no que deu!

Avaliando os estragos feitos: um horror!

A alvorada chegou. Mais valia que aquela alvorada nunca tivesse acontecido! Ainda se via pouco. Houve ordem de avançar ao reconhecimento. Armas aperradas, prontas a fazer fogo, e avançámos vagarosamente!

Chegámos à picada. Eu nem queria acreditar no que via. Corpos prostrados por tudo quanto era sítio. Meu Deus! O homem que ia à frente tinha ainda na mão direita um pau de caminhante, que no cimo tinha sete cortes feitos à navalha. Era alto e forte. Teria uns dois metros de altura. Mais além, um jovem dos seus dezoito anos estava completamente cortado ao meio, com os intestinos de fora. Foram feitas buscas nos corpos dos vivos e dos mortos. O jovem tinha consigo um cartão da Juventude da UPA e diversa documentação, que nos permitiu saber que aquilo era uma coluna de reabastecimento que se dirigia para a sua base “Fuesse”, mais para Norte, mas ainda dentro da fronteira. Mais tarde esta base foi atacada e destruída. Havia mantimentos espalhados por todo o lado. Havia vidas perdidas. Certamente, assim como nós, não seriam voluntários!

Havia mulheres, que carregaram à cabeça os mantimentos. Havia crianças que ao ver-nos choravam de medo agarradas às mães.

Informámos a Companhia do “sucesso” e pedimos para que as viaturas nos viessem buscar, trouxessem macas para os feridos, pás e enxadas para enterrar os mortos. Eu pedi que me trouxessem a minha máquina fotográfica, onde fiz fotos que não tenho coragem de publicar. Era a guerra...

Morto-Vivo

Enquanto aguardávamos pelas viaturas, separámos os mortos dos vivos e íamos observando tudo! Um soldado chamou-me a tenção para o facto de lhe parecer que o jovem da UPA se tinha mexido.

- Não pode ser – respondi. Não vez como ele está?!

No entanto dirigi-me ao Alferes e pedi-lhe a pistola.

- O que vais fazer? - Perguntou-me.

Contei-lhe o sucedido.

- Está bem. Toma lá. Não podemos enterrar uma pessoa viva!

E dirigi-me para o rapaz. Observámos melhor. Não se mexia; não respirava! Estava mesmo morto. Mas, pelo sim, pelo não, puxo a culatra da pistola atrás, aponto e fico paralisado, dedo no gatilho, a olhar aquele ser humano, prostrado Não fui capaz de disparar.

Um soldado diz-me:

- O meu Furriel não é capaz? Dê cá a pistola.

Automaticamente estendi-lhe a mão com a pistola. Ele pegou-lhe, aponta à cabeça do jovem que estava com o rosto voltado para baixo, e a cerca de um metro dispara. Com o impacto a cabeça saltou um pouco e caiu sobre o capim.

- Este já não faz mal a ninguém! - Diz o soldado. Se calhar foi ele que pôs a mina que matou os nossos companheiros.

Eu sei que aquele desabafo serviu para justificar o seu acto. Não é fácil fazer-se o que ele fez...

Naquele grupo havia pessoas de idade e muitos jovens! Será que lutam por um ideal, ou são obrigados a isso?! Isto é que dá mais pena...

Dirijo-me a uma velhinha, sentada no chão, chorando. Talvez lhe tivéssemos morto um filho ou o marido, quem sabe! Tentei falar-lhe mas, ou porque não me entendia, ou por ter medo, não respondia. Só o seu olhar suplicava caridade. Parecia dizer-me que não queria morrer! Possivelmente ter-lhe-iam ensinado: os "Tropa" só matam!

O primeiro a aproximar-se fica!

Havia malta que se juntara à volta, rindo-se da velhinha, como que a gozar com o seu medo.

- Sacana se calhar foi um dos dela que pôs as minas que mataram os nossos companheiros – voltou a ouvir-se.

- Ó meu Furriel há tanto tempo não vemos mulheres! E se aproveitássemos agora? – Diz outro enquanto avançava para a velhinha, tentando consumir o acto...

Puxo a culatra da minha FBP atrás e digo:

- O primeiro a aproximar-se da mulher fica!

Devo ter sido muito convincente, pois toda a gente se afastou! A parte animal do homem é irresponsável. E o corpo é que o paga sempre.

Não entendo por vezes a parte racional do homem! A minha reacção naquele momento também não teria retorno, se a parte irracional do soldado continuasse com a sua intenção!

Já é a segunda vez que isto me acontece! A primeira foi em Maquela do Zombo. Tenho que ter cuidado comigo! Há qualquer coisa que não está bem...

Chegam finalmente as viaturas, com a malta muito satisfeita exclamando. - Desta vez conseguimos...

“Porca de vida”! pensei...

Os “prisioneiros” foram embarcados numa GMC, enquanto os soldados acabavam de enterrar os mortos. Não podíamos deixá-los ali para repasto das feras ou dos abutres.

Partimos em direcção ao acampamento. Senti-me muito aliviado ao deixar aquele local. Por hoje basta. Enquanto as viaturas seguiam vagarosas, eu recordei aquele soldado no acampamento, sozinho na noite com a ideia do companheiro morto pela mina:

- Porquê a nós meu Furriel?

Agora eu também penso: porquê a nós? Porquê ao nosso pelotão ter a “sorte” de fazer isto? Isto marca um homem para toda a vida...

Chegados ao acampamento, os prisioneiros foram sumariamente interrogados e seguindo para a sede do Batalhão para continuarem os interrogatórios. No dia seguinte foram enviados para São Salvador do Congo, e depois mandados entregar na Missão que lá existia.

13. PV2...

Lá continuávamos com a mesma vida. Só que, perante tanta adversidade, o número de emboscadas tanto diurnas como nocturnas, os patrulhamentos apeados, toda a espécie de operações, aumentou, chegámos a uma altura em que não havia um dia de descanso! Havia operações que não estavam na “cartilha”.

Recordo uma do nosso pelotão. Estávamos perto do rio Luvo a descansar, quando para o lado do rio pareceu-nos ouvir vozes. Ordem do Alferes:

- Eu fico aqui emboscado com duas secções; a outra volta para trás e vai pela estrada de São Salvador até ao rio. Depois segue o curso do rio para o Sul. Quando estiverem no rio devem fazer barulho para “eles”, se vos ouvirem, virem ao nosso encontro e nós aqui damos-lhes as boas vindas!

A minha secção foi a que foi fazer uma espécie de cerco (recordei-me de quando era pequeno ter feito dessas coisas para “assombrar” os pintassilgos para a palma).

Chegámos ao rio, que era baixo nalguns sítios. Por ali havia muitas árvores com os ramos caídos, que facilitavam o atravessamento, o resto era mata densa. Conversávamos uns com os outros. Até me dei ao luxo de fumar um cigarro. “Eles” conheciam o cheiro do tabaco dos tropas e, nesta altura, convinha. A temperatura do rio era amena. Ao longe começava a ouvir-se o roncar de um avião.

- É pá! Eu conheço aquele ruído. É um PV2.

Eu conhecia bem aqueles aviões que, para aterrarem em S. Jacinto, passavam por cima da minha casa. Devia andar em patrulha. Vinha da zona da fronteira, e seguia o curso do rio rumo ao sul.

Tive receio que nos confundissem com terroristas e recomendei que ficássemos parados. Disse ao homem do rádio que chamasse o avião, que podia dar-nos notícias, lá de cima, sobre o IN. O homem tentou o contacto:

- Atenção galo, aqui cobra. Diga se me ouve, escuto...

Silêncio total. O pedido foi repetido várias vezes e nada.

- Deixa isso. Ele já vai longe - disse eu.

O Soldado exaltou-se e berrou:

- Filhos da puta! Se calhar vão a ouvir música com os auscultadores enfiados nos cornos e é por isso que não nos ouvem.

O homem estava irritadíssimo. Tentei acalmá-lo:

- Vês qual é a diferença entre um avião e um militar de infantaria? Ele vê a mata de cima e nós vemos-a de baixo!

- Essa não tem graça nenhuma, meu Furriel – foi a resposta.

Nessa altura um bando de pássaros, (pareciam aves do paraíso), deu por nós e levantou voo com grande alarido.

Bem, faziam-se horas para o regresso. Quando chegámos ao ponto de encontro, apareceram as outras duas secções.

- Então? – Perguntámos.

- Não vimos nada, foi a resposta.

Entrámos nas viaturas e regressámos ao acampamento.

O tempo passa e nós nesta pasmaceira. Vem aí o Natal, mas ainda falta tanto tempo! Aqui o tempo demora mais a passar. Ainda por cima, talvez por esta zona ser muito próximo da fronteira, não se vêem indígenas. Não há com quem conversar, a não ser com os nossos companheiros. Mas as conversas são sempre as mesmas. Já cheiram mal!

Por que fugiram os brancos? Por que fugiram os nativos?! Por que fugiram os da casa que nós ocupámos e os da linda moradia que vandalizámos? Teriam mesmo fugido ou foram apanhados pela raiva cega vinda do Congo Léopoldville? Um pouco mais a Norte do nosso acampamento existe a sanzala Pangala, que tinha trinta e duas cubatas, há largo tempo abandonadas. É daí que vem o nome do aquartelamento Pangala, agora a nossa “casa”.

O maçarico

Certo dia fomos fazer patrulha apeada para as bandas de Cuimba. Tudo calmo. Era necessária muita cautela à passagem pelas sanzalas abandonadas. Havia uma coluna de reabastecimento vinda de São Salvador. Dado haver indícios de que “eles” estavam a passar por uma picada mais ao Sul – aquela onde descobrimos a escola debaixo de uma árvore, lembrem-se? – Seguimos para aquele lado. Havia um pelotão de Cuimba, que viria ao nosso encontro, não fossem “eles” aproveitar para nos deixarem alguma má recordação.

Finalmente avistámos o outro pelotão, com os homens sentados na berma da estrada à nossa espera. Descansavam num alto, como convinha. Toda esta malta era nossa conhecida por pertencerem ao mesmo Batalhão, mas com quem pouco conversávamos dada a distância que nos separava. E vieram as novidades:

- Ó meu Furriel, sabe quem é aquele ali?

E o soldado apontou na direcção de um outro, muito velho para a média das nossas idades. Ele devia andar pelos 28-30 anos!

- Não, quem é?!
- É o nosso “maçarico” – responde a rir.
- Maçarico, com aquela idade? – Retorqui.

Então o Soldado contou-me a história daquele homem:

- Era refractário, andou fugido à tropa mas foi apanhado. Foi fazer a recruta, e por cima teve ainda um prémio!
- Um prémio? - Disse eu, sem perceber onde ele queria chegar.
- Pois, um prémio. Então não é um prémio chegar a Angola e ser logo enviado para a fronteira Norte, para o nosso Batalhão, para o “Rebenta”, como já é conhecido? – E ria a bandeiras despregadas, como se o que acabava de dizer lhe desse um grande gozo.

Fiquei sem saber o que dizer...

Entretanto aproximou-se de nós o Comandante do pelotão do Cuimba e admoestou o soldado prevaricador. O Alferes era um rapaz novo. Tinha sido guarda-redes da Académica. Falámos um pouco sobre outros assuntos que não a guerra, e entretanto chegou a coluna de reabastecimento que transportou o pelotão para Cuimba. Nós regressámos a pé ao acampamento de Pangala.

Mais tarde soube que o Alferes foi ferido por uma mina anti-carro e evacuado para Luanda.

Maldita água quente!

Chegados ao acampamento, sempre a mesma coisa. Subir aos bidões a ver se há água para se poder tomar uma banhoca. Havia, mas pouca. Combinámos entre nós que seria só uma regadela. Não podia haver ensaboadela, se não só um podia tomar banho e nós éramos três. Assim fizemos.

O primeiro a tomar banho põe-se aos berros:

- Maldita água, que está quente de mais.

O dia estava quente. Como a água era pouca aqueceu demasiado. A água chegou à vontade para o banho mas o prazer de um banho fresco, foi-se! Nesta terra é assim. Se queres tomar um banho fresco, tens que esperar que chova ou então levantas-te cedo, antes do sol nascer! Mas cuidado! Sê rápido, senão terás de ouvir os teus companheiros quando se levantarem e não tiverem água para lavar ao menos a cara! Fazer a barba será quando calhar, e se calhar.

As emboscadas, a qualquer hora do dia ou da noite, sucediam-se. Não era fácil pois o IN conhecia melhor o local do que nós. Não tínhamos cartas do terreno, não havia bússolas, não havia binóculos, a zona era completamente desabitada, sem pisteiros.

Tínhamos de nos desenrascar. Quantas vezes andámos às voltas, passando pelo mesmo local várias vezes, até que me lembrei de como faziam os escuteiros - dar um nó no capim ou deitá-lo no sentido da nossa marcha. Assim era mais difícil perdermo-nos!

14. GENTE DA MINHA TERRA

Em São Salvador do Congo

Ah, agora me lembro! Quando no outro dia estive em São Salvador – embora me tenha parecido um sonho, era mesmo realidade! - Ouvi homens que falavam alto e riam, enquanto uma viatura todo o terreno manobrava em acrobacias apertadas, o que provocava o riso da assistência.

- O gajo anda todo vaidoso, pintei-lhe a carrinha toda de verde. Assim já se nota menos no meio da mata!

Aquela voz não me pareceu desconhecida. Aproximei-me do grupo que, ao ver um militar olhá-los com ar inquiridor, se calou olhando para mim como sendo um indivíduo que veio atrapalhar a sua boa disposição.

Nisto avança para mim um rapaz, das minhas idades, e interroga-me:

- Tu és o Ângelo não és?

Ainda incrédulo respondi:

- Sou!

- ...

- E tu és o João Elias... Pois és!!!! Que fazes aqui? - Perguntei-lhe.

Ele não fez esse género de pergunta, pois bastava olhar para mim: o fato de combate cheio de pó e a FBP ao ombro, era o suficiente para identificar o que fazia eu naquelas paragens.

Sentámo-nos numa pedra a conversar. Os outros afastaram-se, deixando-nos à vontade. Fiquei a saber que ele, que na nossa terra era pintor, agora era condutor de longo curso. Tinha vindo de Luanda com abastecimento para São Salvador. Era zona de guerra e dava mais dinheiro. Tinham vindo pela beira-mar e pelo Luvo, pois diziam ser zona de menor perigo na estrada.

Perguntou-me onde eu estava. Disse-lhe. Ele torceu o nariz:

- Cuimba é onde está o Batalhão a que chamam o “Rebenta”! Como é isso por lá?

- Não é nada bom mas temos que ir andando! Já alguns dos nossos companheiros lá deixaram a vida. Estão ali no cemitério de São Salvador...

Convidou-me para jantar. Os camionistas só viriam para baixo quando tivessem protecção militar. Nós tínhamos de regressar ao acampamento, pelo que não tive o prazer de jantar com ele. Tive pena, pois houve muitas perguntas, algumas sem nexos, que ficaram por fazer, de parte a parte.

Em Cabinda

Só voltei a encontrar gente da minha terra mais tarde, em Cabinda.

Tínhamos ido lá para fazer a segurança do Presidente da Republica, em visita oficial aquelas paragens. Fizemos a viagem de Luanda num barco de guerra. O respirar da maresia parece que nos deu nova vida!

À minha secção foi atribuído o serviço de segurança ao depósito de água da cidade. Era um ponto nevrálgico e tinha de ser vigiado, não fosse o IN envenenar a água...

Ficava num alto, já fora da cidade. Por ali ficámos, corpo descontraído e espírito alerta. “Mau, mau! Que é agora isto?” Reparámos num jipe que se dirigia para nós a grande velocidade. Não tínhamos rádio. Alguma ordem urgente, pensei, pondo no entanto o pessoal da secção alerta. O jipe pára junto de mim – como era serviço oficial, tínhamos de usar as nossas divisas – o condutor salta da viatura, dirige-se a mim:

-Eh Ângelo, que fazes aqui?

E abraçou-me! Só então o reconheci.

- Zé da Neta! Isso pergunto eu!

- Estou destacado em Cabinda, sou condutor auto. Soube pelo vosso pessoal que ficou de serviço na cidade, que estavas aqui e vim dar-te “aquele abraço”. Já não via um gafanhão há muitos meses!

Conversámos durante dois minutos, se tanto, mas já deu para “carregar as baterias!

- Tenho de me ir embora que o capitão só me dispensou vinte minutos e tenho de o levar não sei onde.

Reciprocidade de boa saúde e poucos tiros, um até à vista, e lá se foi o Zé da Neta levantando novamente nuvens de poeira.

A Picada do Quelo

Um dia, no regresso do reabastecimento em São Salvador do Congo, um dos nossos militares avistou e eliminou um IN. Foi então que notámos que a estrada era atravessada por uma picada, que só uns bons metros à frente voltava a entrar no mato do lado contrário à estrada de terra barrenta e avermelhada, por onde seguíamos. Quer uma entrada quer outra estavam muito bem dissimuladas.

Mais tarde viemos a saber que esta era a Picada do Quelo, principal via de penetração do IN nos Dembos, vindo do Congo Léopoldville.



Tínhamos de actuar ali...

A zona mais delicada era entre a estrada que vai de Cuimba a São Salvador e do entroncamento desta com a que vai para a Buela, na fronteira Norte, passando por Pangala e daí para oeste.

À esquerda, no mapa, vemos a “Picada do Quelo”. Era por aí que o IN se infiltrava em Angola. Atravessava a estrada que ia dar a São Salvador do Congo, montava as minas anti-carro e seguia para o sul. Atravessava, depois, a Serra da Canda em direcção aos Dembos!

As operações passaram a ser continuadas. Como sabemos a nossa Companhia tinha quatro pelotões: um estava operacional, outro de serviço ao acampamento, outro ao serviço de água e lenha, e um quarto pelotão de descanso – como já foi referido.

O serviço à água era perigoso. Tínhamos descoberto uma bica num vale profundo. Por a corrente ser fraca pensámos construir um tanque, que ficaria acumulando água para o dia seguinte. Mas... e se o IN o descobrisse? Limpava-nos o sebo sem dar um tiro! Não poderíamos correr esse risco. Optámos por continuar a encher os barris na bica. Tínhamos uma espécie de padiola, na qual púnhamos um barril de cada vez. Depois o guincho do Unimog que ficava cá em cima, bem travado e com as rodas calçadas, não fosse o diabo tecê-las, fazia o resto sem grande esforço da nossa parte. Naturalmente que o pelotão da água corria o risco de vir a ser atacado, mesmo com guarda montada.

O pelotão de serviço ao acampamento era o responsável pela segurança, dia e noite.

O pelotão operacional estava sempre em movimento. Quando nos era destinado fazer uma emboscada noturna era um caso sério. E tivemos de fazer tantas...

Normalmente fazíamos as nossas emboscadas indo de viatura até determinado sítio, saltando com ela em marcha. A viatura continuava um pouco mais para a frente, voltando ao acampamento pelo mesmo caminho.

Quando havia emboscadas noturnas o pelotão ao pôr-do-sol dirigia-se no maior silêncio para o local já anteriormente explorado. As noites africanas são mesmo escuras, não há meio-termo, enquanto as claras, com luar, deixam ver ao longe. Os militares ficavam à distância de um braço, pois como não era possível falar, só por toque uns nos outros poderíamos comunicar. Até mesmo para acordar um colega a quem o sono enganara...

Risos no Mato!

Estas emboscadas são um suplício. Temos medo de vir a ser surpreendidos pelo IN, compassados que se ouvem à distância na picada: tucatuca... tucatuca... tucatuca... e nós de arma aperrada, dedo no gatilho, prontos a fazer fogo.

“Meu Deus ouço um respirar fundo vindo do outro lado da picada! Sacana...” Já sabíamos que era uma pakaça... E nós sem poder fazer fogo! Se o fizéssemos denunciávamos a nossa posição. Deste jeito, amanhã não teremos carne fresca.

A noite vai passando. Tentamos não pensar noutras coisas para não nos distrairmos. Mas a família, lá longe, felizmente não sabe onde estamos, nem o que estamos a passar...

O Cabo Pombal agarra-me num braço, com força. Devia estar distraído quando ouviu, ao longe, um sorriso logo seguido de outros!

- Tem calma – digo-lhe baixinho, são as hienas.

Aqueles sorrisos histéricos gelam-nos o sangue. Cheirou-lhes a carne fresca, pensei. Tantas horas deitados de barriga no capim, com as espingardas à nossa frente prontas a fazer fogo, à espera não se sabe de quê!

Olho para o céu, ainda não se vê nada. O meu relógio marca 3H30 da madrugada. Só lá para as 5H30 começará a ver-se a aurora. Mais duas horas de suplício, pensei!

Ouçó qualquer coisa a arrastar à minha esquerda, eu continuava a ser o último homem daquele lado do Pelotão. Agora é que é pior. Eu conhecia aquele arrastar, arrastar de cobra! Meu Deus, eu nem sequer a via, não podia fazer fogo! Fico quieto, sem poder fazer nada. Enregelasse-me o corpo com medo! Passei assim alguns minutos que me pareceram horas! Assim como

tinha aparecido, o som foi-se afastando até que desapareceu na escuridão do mato.

O grande problema das emboscadas nocturnas é pôr à prova o nosso sangue-frio. Se não vejamos:

- O riso de uma hiena, quando nos apanha desprevenidos, é como um soco dado no coração. Até as pontas dos cabelos ficam alerta, enquanto não compreendemos o que se passa. Depois o ar que retivemos nos pulmões começa a sair devagar, devagarinho, para não fazermos barulho.

- Um animal a passar na picada põe-nos de arma em riste prontos a fazer fogo, sempre com os nervos tensos. Então compreendemos o que se passa e baixamos as armas. Neste caso tivemos duas desilusões: não são os “turras”, e não podemos fazer fogo para termos carne fresca na manhã seguinte.

- Até uma simples cobra mete medo a um soldado armado, por este não poder utilizar a arma.

Finalmente as nuvens começam a avermelhar. Dentro de algum tempo o sol nascerá. É então altura das viaturas nos virem buscar para o acampamento onde podemos comer a bucha e tentar descontraír.

Muitas das vezes esta descontraicção consegue-se conversando com o pessoal da companhia, falando de nada, coisas sem importância, outras lendo um “bate estradas”, que embora tendo chegado há uma semana, todos os dias é lido. Outras vezes era o descanso na cama, uma cama militar só com um cobertor, que era lavado quando as nossas unhas ao puxarem-no ficavam cheias de pó e terra. Mas sabia tão bem!

Eu tinha o costume de descansar estendido na cama de barriga para cima, com os braços cruzados sobre o peito. Tantas vezes foram acordadas pelo Sargento Enfermeiro Pereira:

- Ribau sai dessa posição, não posso ver-te assim, pá. Parece que estás morto!

A vida era assim naquele malvado fim do mundo. Uma rotina. Tudo repetido vezes sem conta. Ou operacional, ou de serviço ao acampamento, ou ir à água, ou de “folga” no meio do mato, a 30Km de qualquer outra Companhia.

Raramente recebíamos a visita de companheiros vindos de outros sítios.

15. A CASA ABANDONADA

Daquela vez não houve ou! Era mesmo verdade. O comandante da Companhia tomou conhecimento de que existia, abandonada, a casa de um branco, à esquerda da estrada que vai para São Salvador, na descida para o Rio Luvo.

Era uma casa pequena, mas linda, caiada por fora e por dentro. Tinha cinco divisões, casa de banho completa com lava mãos, sanita e bidé; a cozinha também estava completa, com fogão, lava-loiça, mesa, cadeiras e tudo o que faz falta a uma família. Era uma pérola no meio do mato. Só um português muito confiante poderia fazer daquela obra a sua casa.

O pelotão formou e o Alferes informou qual era a missão nesse dia:

- Ir àquela casa arrancar todas as loiças sanitárias, para serem montadas na casa do Comando para os serviços dos Senhores Oficiais.

Chamei a atenção do Alferes que a nossa missão era respeitar e fazer respeitar a propriedade alheia e que mesmo tendo recebido ordens taxativas do Capitão – não podendo desobedecer-lhe, como me disse – devia pedir-lhe essa ordem por escrito, para não poder ser responsabilizado mais tarde. Não o fez, por não querer ter chatices com o Capitão.

E lá fomos, vandalizámos a casa e trouxemos os sanitários para o acampamento.

Ainda hoje recordo a cara de felicidade do Capitão dirigindo-se ao Alferes:

- Então, Miranda, não partiram nada?

Numa Companhia há sempre habilidosos e até pessoal especializado. Foram logo escalados meia dúzia deles que executaram a obra. O nosso Capitão já podia “obrar” à vontade.

Quantas vezes levei a máquina fotográfica comigo, e nunca consegui fotografar aquela casa. Tinha vergonha daquilo que nos tinham mandado fazer...

16. CAPELÃO OPERACIONAL

A operação deste dia era o patrulhamento da nossa zona. O Capelão do Batalhão, de visita pastoral à nossa Companhia, resolveu ir connosco.

- Padre – disse-lhe eu – veja onde se vai meter e onde nos pode ir meter a nós. É a primeira vez que vamos para aqueles sítios e não sabemos o que vamos encontrar!

- Não há-de haver problema – respondeu-nos o padre, na sua fé!

Lá fomos. Descemos das viaturas e embrenhámo-nos no mato, que naquela zona era de capim alto, mais alto do que um homem.

Era difícil caminhar mas com muito esforço lá íamos avançando. O suor era abundante. Os fatos de combate já começavam a escurecer com o suor que nos corria pelas costas. Era dia de sol, o que nos obrigava a um maior esforço. Chegados a uma pequena clareira, à borda na mata, houve ordem para descansar. Montou-se segurança e sentámo-nos. Então acerquei-me do Padre Arnaldo e perguntei baixinho:

- Então que tal?

- É difícil mas cá vamos andando.

Homem de fé, pensei!

- Ouça uma coisa Padre Arnaldo – continuei – se agora aparecessem os “turras” o que faria?

- Nada. O problema era vosso.

- Está bem – ripostei - Mas se lhe aparecesse um “turra” pela frente?

- Bem – diz o Padre – não poderia deixar-me matar, tinha que me defender!

O padre Arnaldo tinha levado uma G3 mas ainda hoje duvido que soubesse utilizá-la. Assim o inimigo pensaria que ele era um simples soldado. No mato não havia divisas, nem galões. Éramos todos iguais para que não nos distinguíssem. Não convinha. Os “turras” podiam atacar os graduados, para que os pelotões ficassem sem Comando. Um dos meios que eles tinham para nos identificar era ver quem usava óculos. O estudo dá cabo da vista, pensavam. Quantas vezes meteram os meus óculos no bolso, para ser como os outros Soldados, para não vir a ter problemas.

O Sarreiro...

Tinha chovido. O pó do capim pegava-se aos fatos de combate conspurcando-os! As botas de lona com aquela terra barrenta a pegar-se engrossava as solas, dificultando-nos a progressão. Continuámos a caminhada entrando na mata que parecia não ser muito extensa.

Passado um bom bocado notámos vestígios de passagem de pessoal, embora não muito recentes. Redobrámos a atenção, não fosse o diabo tecê-las, mesmo com um padre junto de nós.

Mais adiante encontrámos uma sanzala pequena – meia dúzia de cubatas. Duas secções fizeram o cerco e a terceira avançou cautelosamente. Nada, nem ninguém. A sanzala, pelos indícios encontrados, devia ter sido abandonada há muito tempo, o que não impediu um Soldado – o Sarreiro – de encontrar uma máquina de costura Singer, marca utilizada pelos nativos. São máquinas que têm só a cabeça, e na roda da cabeça uma manivela que era movimentada à mão pelo alfaiate. O Sarreiro trouxe essa máquina ao ombro. E ela era bem pesada.

Continuámos a caminhada. Adiante vimos uma espécie de lago. Atravessámo-lo para cortar caminho para o local de encontro com as nossas viaturas. Era uma lagoa baixa, óptima para lavar as botas que assim ficariam com uns quilitos a menos.

Ao atravessar a lagoa sentimos o chão a faltar-nos debaixo dos pés - eram areias movediças! Gritei para os soldados se afastarem uns dos outros e que não deixassem de caminhar para a frente. As areias eram balofas e cada vez nos enterravas-mos mais. Disse aos meus homens que a única solução era rastejar naquela água baixa, mas perigosa. E assim conseguimos chegar à outra margem sem mais problemas.

Estávamos sentados a descansar, quando se ouve uma voz inquieta:

- Meu Furriel, acuda-me que não consigo sair daqui!

Olho para trás e vejo o Sarreiro aflito, com a arma numa mão e a máquina de costura na outra.

- Ó desgraçado, deixa a porcaria da máquina senão ainda morres afogado.

Qual quê! Tivemos de dar as mãos uns aos outros até chegar ao Sarreiro e assim conseguimos tirá-lo da situação aflitiva em que se encontrava.

Não sei que amor à primeira vista foi aquele pela máquina de costura! Se ele fosse alfaiate ainda serviria para matar a saudade da profissão. A alcunha de Sarreiro veio-lhe da profissão ocasional de limpar cubas, raspando a côdea deixada pelo vinho aí armazenado, a que chamavam “sairro”, depois vendida não sei para que fim. E de sairreiro, como era difícil de pronunciar, passámos a chamar-lhe simplesmente Sarreiro.

17. TROVOADA

Estamos em Cuimba. Viemos à sede do Batalhão buscar o Comandante do nosso Pelotão, que tinha ido fazer um reconhecimento aéreo para futuras operações. Quando isto sucedia tínhamos que ir a Cuimba, pois o avião não aterrava em Pangala. Não tínhamos pista, nem nunca nos foram dadas condições para construirmos uma. Coisa que talvez dependesse de insistência do Comandante da Companhia!

Chegámos de manhã cedo. O avião atrasou, só chegou ao princípio da tarde. Matámos o tempo conversando com a malta do Comando do Batalhão. Sempre eram conversas diferentes das que tínhamos no nosso acampamento, já bastante gastas... Os assuntos eram os mesmos, mas os interlocutores eram outros. Sempre havia uma novidade ou uma anedota nova.

Uma piada que correu por lá, foi a de um tal Sargento da Companhia 306 que depois de ter almoçado bem e sem ter feito a digestão engoliu quatro Cucas. O melhor da anedota parece que foi a resposta que ele deu ao médico, que entretanto teve de ser chamado!

Antes de o avião descolar preparei a minha máquina fotográfica, uma Kodak Retina IIs, e entreguei-a ao Alferes Miranda. Dei-lhe instruções de como devia proceder para tirar fotografias aéreas ao nosso acampamento (o Alferes era um nabo em fotografia). E lá foi ele de máquina a tiracolo. Parecia um Senhor!

O avião levantou e nós continuámos a matar o tempo de espera, falando sobre Luanda, sobre Lisboa, sobre a terra de cada um de nós, enfim, assuntos sem importância no lugar onde nos encontrávamos.

O reconhecimento aéreo parecia demorar. O tempo entretanto tinha passado e não tardaria que a noite chegasse.

- Aí vêm eles – disse alguém.

O avião pouco depois fez-se à pista e aterrou. Dele saíram os passageiros, despediram-se do piloto e este levantou voo de imediato. Teria de chegar ao destino antes de anoitecer e a noite prometia ser das más. Bastava olhar para os lados da Serra da Canda, donde vinham as nuvens negras e onde já brilhava de vez em quando um relâmpago, seguido de um rugido surdo muito ao longe. Vai ser uma linda noite, pensei. E nós ainda teríamos de regressar ao nosso acampamento.

Iniciámos o regresso. A trovoada avançava com a velocidade normal nesta região. Estamos em África. Ainda não estávamos a meio caminho e ela

já estava em cima de nós. O espectáculo era impressionante, com os relâmpagos passando de umas nuvens para outras. O céu ficava por vezes completamente iluminado. Era uma trovoada seca. Só temia se comesse a chover. Sempre gostei de ver estes espectáculos mas este era de tamanha grandeza que impunha respeito. Quando comesse a chuva e as descargas se dessem para a terra, o caso mudaria de figura e o perigo aumentaria para nós, que nada poderíamos fazer. Só nos restava continuar viagem.

Começou a chover. Primeiro pingos grossos, compassados; depois veio o dilúvio! Chuva, relâmpagos que caíam aqui e além, chegando a incendiar o capim. A chuva era tanta que imediatamente apagava o incêndio.

Às tantas, a viatura que ia à nossa frente, por sinal na que ia o rádio montado, parou:

- Meu Furriel – diz-me o condutor – não consigo continuar a viagem. O volante parece que está a arder!

- A arder? - Pergunto espantado! - Ó pá, estás maluco? Com esta chuva tão fria?

E fui ver o que era. No carro em que eu seguia tudo estava em ordem. Peguei no volante e efectivamente estava a escaldar assim como toda a viatura. O operador de rádio referiu que uma faísca tinha caído perto deles. A antena do rádio era alta e atraía os relâmpagos. Seria?

Lá convencemos o condutor a pegar no volante e prosseguimos viagem. A trovoada e a chuva continuavam.

Uma faísca logo seguida de um forte trovão caiu muito perto da minha viatura. Senti calor e logo de seguida ouvimos, como que em som estereofónico, o ribombar ensurdecido do trovão expandindo-se em todas as direcções. Era de respeito! Meu Deus, o condutor da outra viatura tinha razão. Esta trovoada era a mais forte que tínhamos suportado até aquela data! Mas tínhamos de seguir viagem. “Que Deus nos ajude”, pensei.

A trovoada parecia querer afastar-se mas a chuva redobrou de intensidade. Depois do calor provocado pela faísca caída junto da minha viatura, sentia agora o frio desta chuva que com o fato de combate completamente encharcado, parecia enregelar os ossos.

A esta hora, no acampamento, há com certeza soldados completamente nus, debaixo das caleiras da casa do Comando, tomando o seu banho com água à fartura. Só nestas ocasiões se tomava um banho fresco e com água à vontade!

Quando nós chegarmos ao acampamento já a chuva terá passado, e só nos restará tirar a roupa encharcada, secarmo-nos com uma toalha e vestir roupa seca.



Pôr-do-sol em Pangala, com prelúdio de trovoada

Barbas

Era proibido andar com a barba crescida. Ordem não se sabe de quem! Eu cheguei a ser interpelado pelo Capitão:

- Porque não cortaste as barbas, Ribau?
- Não posso, meu Capitão – foi a minha resposta.
- Mas não podes porquê? – Perguntou irritado.
- Foi uma promessa que fiz.

Ele nunca mais me chateou por causa das barbas. A gente tinha lá pachorra para andar a pensar na barba.

Passados uns dias pedi ao barbeiro que mas cortasse, com fotografias progressivas e tudo. Eu já não conseguia cortá-las. Fiquei aliviado, com a cara mais leve e fácil de lavar, e mais fresca. Foi a minha “vingança de chinês”...

Até um corte de barba era assunto social naquela “terra”.



Barbearia “Pangala”

18. REBENTA MINAS!

Foi-nos há dias entregue na Companhia um aparelho esquisito, a que chamaram “rebenta minas”. Foi uma surpresa. Era uma viatura Unimog, à qual estava ligado uma espécie de cabeçalho tendo, ligada na ponta, uma travessa que formava um “T” com o cabeçalho. Nessa travessa estavam montadas seis rodas com amortecedores. Estas rodas eram cheias de água para serem mais pesadas para, segundo os entendidos, facilitar o rebentamento da mina no caso de o rodado passar por cima dela.

Toda a gente o foi ver, aproveitando para fazer o seu comentário.

Reparei que a manobra do “caranguejo” era comandada por um volante montado à direita do volante da viatura, por meio de cabos de aço, que se ligavam do volante ao “T”.

Olhei para as rodas. Só tinham movimento na vertical. “Mau, como é que esta geringonça muda de direcção ao chegar a uma curva?!”

O Sargento mecânico resolveu experimentar a novidade, para ver como aquilo era! Ele ao volante da viatura, diz-me:

- Comanda tu o aparelho, que tens bom físico; eu conduzo o Unimog.

E lá fomos nós. Saímos do acampamento e dirigimo-nos ao campo de futebol, com a maralha atrás para ver como era!

Enquanto fomos a direito, tudo correu bem. O pior foi quando o Lino resolveu ir dar uma volta! Aí foi o cabo dos trabalhos...

- Pára... pára... pára... páááára! - Gritei.

Mas não fui a tempo. O Lino bem que virou a direcção do Unimog mas o “caranguejo” tinha que ser arrastado lateralmente pelo outro volante e eu não consegui arrastá-lo. Lá foi a baliza ao chão!

Fiquei estupefacto. Quando vi o rebenta minas ser-nos entregue com toda a pompa e circunstância, transportado por uma viatura civil, julguei que fosse outra coisa. Todos pensámos que seria uma coisa operacional. Afinal logo à primeira experiência desiludiu-nos, e a baliza do campo de futebol é que as pagou!

Esta experiência demonstrou duas coisas:

1ª - Este sistema era de difícil manobra. Poderia por exemplo ter sido instalado numa GMC, viatura mais pesada com um sistema que ao chegar à curva o levantava, voltando a pousá-lo depois de a curva ter sido feita. Não esquecer que o inimigo nos observava e passaria a pôr as minas nas curvas da estrada, e lá se ia tudo pelo ar. A geringonça levantava, a viatura fazia a curva, e antes que o aparelho pousasse no chão já a GMC tinha ido pelos ares!

2ª - O aparelho continuaria montado no Unimog mas os Comandos em vez de mecânicos teriam de ser hidráulicos para facilitar a manobra.

Haveria ainda a possibilidade de aproveitamento do material existente. Bastava alterar a fixação das rodas, permitindo que elas também se movessem para a esquerda e para a direita, como a direcção de qualquer viatura. Tínhamos, então, a manobra facilitada.

Mas isto foram conjecturas de Sargentos, depois da experiência feita. E quem somos nós para nos permitirmos pensar melhor do que os “crânios” do “ar condicionado”? Nós só temos a prática. Mais nada! Eles é que sabem pensar... pensam eles!

O assunto deve ter sido devidamente estudado por Suas Excelências, sentadinhas à secretária, bem acomodadas pelo “ar condicionado”, por causa do calor. Naturalmente de régua e esquadro em punho, passando para o papel aquilo que as suas iluminadas cabeças lhes ditava.

Aquela geringonça foi aprovada e mandada executar. O resto não era com eles. Os que andavam na mata que se desenrascassem.



O rebenta-minas da CCE 306, em Pangala

Quando formos ao reabastecimento a São Salvador, espero que não nos obriguem a levar este monstro. Mais vale o “picanço”!

19. DIA DE DESCANSO

Hoje é dia de descanso do nosso pelotão. Levantei-me com a alvorada, tomei o meu café e fui à mala da roupa ver o que por lá havia. Deparei com um saco de plástico cheio de cuecas e camisetas sujas, a pedirem lavagem há muito tempo.

Fechei a mala arrastando-a depois para baixo da cama, pensando no que iria fazer. Exactamente: fazer a cama! Era o que deveria fazer primeiro.

Pego no cobertor puxando-o para a frente, para ficar direitinho! Estava áspero. Olho para as mãos. Estavam cheias de pó, as unhas cheias de terra. Era sinal de que já há muito tempo que precisava de ser lavado. Não podia esperar mais, tinha de ser hoje. Tirei-o da cama, enrolei-o e meti-o dentro de uma celha, um barril cortado ao meio. Quando os homens foram à água fui com eles.

Chegados à bica, enchi em primeiro lugar a celha e, enquanto os homens procediam ao abastecimento, fui tentando lavar o cobertor. Esfrega aqui, vira para ali uma ensaboadela com sabão azul, mais uma molhadela, mas a porcaria era tanta que cada vez que mudava de água saía sempre suja. Um soldado que estava de vigia junto à água, olhava-me com ar de gozo!

- É meu Furriel, se me pagar uma cervejinha fresquinha quando chegarmos ao acampamento eu acabo de lhe lavar o cobertor.

Olhei-o com desconforto. Devia ter estado a gozar comigo ao ver o meu esforço de lavadeira e a minha falta de jeito para tal serviço. Não me dei por vencido e continuei. Mas... porra para uma cerveja!

- Toma lá o cobertor e acaba de o lavar, que eu pago-te a cerveja.

O soldado pega na celha e no cobertor e dá-me a arma:

- Faça o meu Furriel a segurança, que eu lavo-lhe o cobertor; quando chegarmos ao acampamento ainda lho ponho a secar, antes de irmos beber a cerveja!

Aquele soldado tinha jeito. Deu as mesmas voltas que eu tinha dado e passado um bocado deu a serviço por terminado. Quando regressámos ao acampamento, o rapaz pôs o cobertor a secar no fio e eu fui à Cantina pagar o trabalho feito.

Ao regressar à caserna passei pelo estendal, apalpei o cobertor. Embora molhado, parecia mais macio! Parece que o serviço mereceu bem as

duas cervejas. Sim duas, porque eu também bebi uma, não fosse o soldado ficar triste por estar a beber sozinho...

Chegado à caserna, sentei-me na cama. Quando olho para o lado, lá estava o saco com as cuecas e as camisetas para serem lavadas. Que chatice. “Hoje é dia de lavagem”, pensei. Tem de ser! Vamos a isto.

Pego na roupa suja e dirijo-me para a celha, cheio de coragem, tendo nesse dia lavado toda a roupa que estava a pedir lavagem.



Lavandaria “Pangala”

O tempo tinha aquecido, o vento soprava com força, tendo assim ajudado a secar o meu cobertor. À tardinha fui buscá-lo e então fiz a cama. Sentei-me nela, e não resisti a estender-me ao comprido, gozando o prazer daquele cobertor macio. Até tive o cuidado de descalçar as botas, para o não sujar!

Tempestade

A tarde caía. Eram horas do “jantar”. Lá fomos à comida, que mastigámos com apreensão. O vento tinha subido de intensidade e já soprava com violência. Alguns olhavam para a cobertura da caserna.

- Se o vento como está pega “nisto”, vai tudo pelo ar! – Ouvia-se dizer.

O telhado batia com força! Parecia querer levantar voou. Nisto ouve-se um berro do Lino:

- Cada um dependura-se no seu barrote, se não ficamos sem telhado.

Assim fizemos, aguentando pendurados, ouvindo o rugido do vento. Passado um bocado o vento começou a amainar.

Então ouviu-se a ordem do Lino:

- Podemos largar, que já não deve haver azar!

Assim fizemos. Deixamo-nos cair para o chão, ajeitámos a fralda da camisa que, dada a posição em que tínhamos estado, estava toda destrilhada.

Espectáculo nunca visto...

O vento acalmou e só uma ligeira brisa soprava agora. O Furriel Silveira, que estava de serviço (era um “maçarico” que viera substituir um colega ferido em combate) saiu da caserna para ir fazer a ronda. Era aborrecido fazer a ronda com aquele terreno todo enlameado. Passado um pouco aparece-me à porta da caserna:

- É pá, anda ver o espectáculo!

Curiosidade minha – Sai.

Dei com o Silveira de cabeça no ar a olhar para a lua! As nuvens tinham desaparecido com o vento. O céu estava límpido. O ar tinha sido lavado pela chuva; só se viam uns castelos de nuvens brancas muito ao longe, sobre a Serra da Canda. Sobre nós as estrelas brilhavam, ofuscadas pelo brilho daquele luar belo, lindo!

O Silveira nunca tinha visto tal espectáculo. Só conhecia as noites sem luar, que são escuras como breu. “Como é possível...”, dizia ele extasiado!

Estivemos um bocado a olhar para o infinito, sem dizer palavra. Com a chuva a noite tinha esfriado.

- Vou até lá dentro – diz o Silveira.

E entrou na caserna.

Fiquei mais um pouco a desfrutar daquela maravilha que a natureza me oferecia e fui até ao posto de observação, para ver como era lá de cima!

Subi, sentei-me e acendi um cigarro, ficando a olhar ao longe a paisagem já minha conhecida mas que ao luar não parecia tão crua.

O tempo fresco fez-me lembrar o luar de Janeiro na minha terra. Também era brilhante mas não como este. A minha terra... a minha Gafanha...

E pensei: O que andamos nós aqui a fazer? Porque fizeram os terroristas tantos mortos, porque mataram mulheres e crianças. Essas pessoas não lhes fizeram mal concerteza. A nossa missão é evitar que actos destes se repitam. Por isso neste lugar procuramos evitar a sua passagem do Congo para o interior de Angola. É difícil; nem sempre se consegue!

E pensei na minha terra, na minha família, nos colegas da escola. Porque pensa a cabeça quando o corpo está descansado? Até a dormir a cabeça não pára. Rara é a noite em que ela não sonha com coisas extravagantes, como o estarmos a beijar os nossos filhos, estarmos a ser cumprimentados pelo nosso vizinho Sarabando:

- Então vizinho - dizia-me ele - como era aquilo por lá?!

Como se eu já tivesse regressado!

E eu ali no Posto de Observação, pensando, olhando o luar daquela noite linda. Mas não era o da minha terra...

20. PRIMEIRO NATAL PASSADO EM ANGOLA - 1962

Poucos dias antes do Natal de 1962, havia grande azáfama na nossa Companhia. Tínhamos recebido informações de que o IN iria aproveitar a época natalícia para meter grande quantidade de armas e munições no território angolano. A passagem seria pela já nossa conhecida picada do Quelo.

Ficámos admirados com tanta e concisa informação! Seria mesmo verdade? Ou seria contra-informação? Pelo sim ou pelo não, ficou resolvido pelas “altas esferas” da Companhia que até ao dia 23 haveria sempre dois pelotões em movimento fazendo emboscadas, patrulhando as picadas prováveis para a passagem do IN.

No dia 23 houve que ir ao abastecimento a São Salvador para a consoada! Que diabo de abastecimento seria esse? Batatas havia... e o bacalhau? E as couves?

Para mim, uma boa feijoada com dobradinha brasileira era o suficiente! Para quê sonhar tão alto. Não querias mais nada. Bacalhau com couves!

- Estamos em África – dizia-me o Costa Pereira em ar de gozo.

O nosso pelotão estava de serviço ao acampamento e teve de ir à água e à lenha, pois dois estavam em operações e o outro tinha ido ao abastecimento. Estávamos todos muito curiosos para saber o que o nosso Vagomestre nos iria trazer para a noite de consoada. Traria com certeza o que o “Barriga de Guinguba” tivesse trazido de Luanda. Abastecimento local, não havia.

O pelotão chegou já um pouco tarde, e descarregou no armazém. Os pelotões operacionais também haviam regressado. Pessoal cansado. O que vale é que amanhã é dia de consoada, não haverá operações! Pensava-se... Caminhava-se devagar, ao Deus dará, pela parada. Um ou outro homem chegava-se à cantina para se dessedentar com uma 7Up ou uma Cuca fresca. Que pensariam aquelas almas? Pensavam no mesmo que eu, concerteza.

Dia de Consoada

No dia seguinte, depois do almoço, o Zé Cozinheiro começou a tratar da ceia da consoada. O Furriel Cura, Vagomestre, convidou-nos a ir ver como corriam as coisas pela cozinha. E lá fomos. Era um modo de passar o tempo, de afastar as ideias que com a velocidade da luz teimavam em lembrar-nos o que se passava lá longe!

Ao chegar à cozinha notei um amontoado de grades de madeira.

- Eh Cura, o que é aquilo?! – Perguntei.

- Não sei! Vamos ver.

E pegou num martelo de orelhas e abriu uma grade. Olhei e vi com espanto a inscrição na madeira: “Cod-Fish”.

- Meu Deus - disse eu - vamos ter bacalhau para a consoada!

O Cura riu com satisfação e disse:

- Vamos ver!

Desmantelou a grade de madeira que protegia outra embalagem hermética, feita de folha de zinco prateada, que dizia em inglês: “Embalado na Africa do Sul”.

Não resisti e puxei na pega que servia para abrir a lata, deparando com seis bacalhaus do tamanho crescido lá dentro. Arranquei uma fêvera, meti-a à boca e ao tomar-lhe o sabor exclamei:

- É malta, é mesmo bacalhau!

Alguns riram com a minha admiração. Só fiquei com pena de não ser bacalhau português, seco e embalado nas secas da Gafanha da Nazaré. A embalagem seria de ráfia e o sabor seria, concerteza, bem melhor do que este.

Preparando a Ceia

Arrumaram-se as camas de uma caserna e montaram-se mesas corridas. Nessa noite toda a Companhia cearia junta, num sinal de união.

- Cura, como conseguiste arranjar o bacalhau? – Perguntei.

- Olha, não contava! Mas às vezes “os tropas do ar condicionado”, lá fazem destas coisas; e ainda mais, mandaram couves. Estão todas murchas mas o Zé Cozinheiro há-de arranjar processo de elas ficarem apetitosas.

O dia ia passando. O sol ia-se escondendo lá para os lados de São Salvador do Congo!

Que será feito hoje dos meus dois irmãos que estão em Angola?

Um, é Policia Militar, estará em Luanda; o outro está, salvo erro, em Quibocolo, no coração dos Dembos. Ambos solteiros, estarão a pensar na

nossa família? O que está em Quibocolo, estará como eu, tentando – só tentando – pensar no que nos rodeia.

O que está em Luanda, em serviço ou fora dele, ao ver as montras e a alegria festiva dos passantes, deve ter muitos apertos no coração!

O tempo estava quente, a azáfama no acampamento era muita. O que me admirava eram os passeios isolados de muita gente pela parada. Não se conversava. Mãos nos bolsos, embora a temperatura que se fazia sentir fosse elevada (estávamos no verão), olhando para o além, tentando descortinar o que se passaria lá longe.

Anoitecera. A noite estava escura. Fui fazer uma ronda, conversando com este e aquele, a minha pergunta era sempre a mesma:

- Então pá, tudo bem?

E a resposta era sempre a mesma: um encolher de ombros e...

- Tudo bem!

Também nas sentinelas se notava aquela ausência do espírito. O corpo estava ali mas o espírito andava muito por longe. Era perigoso para quem estava de serviço. Disse aos sentinelas que não queria ver ninguém sentado.

- Sempre de pé e a passear de um lado para o outro, ouviram?!

E assim se ia passando a noite de consoada, à espera da ceia.

Chegou a hora. O pessoal sentou-se. Tinha havido ordem de o gerador trabalhar mais duas horas, até à 1H00 da madrugada! À ordem de ceiar quase todas as bocas se calaram, executando outra função mais útil: comer. O bacalhau era bacalhau também no sabor mas as couves, embora com aspecto de verdes, tinham sabor a nada! Falámos, rimos, esquecendo um pouco as nossas agruras. Mesmo com o estômago cheio, faltava-nos qualquer coisa...



Consoada no Natal de 1962

Era meia-noite. Fui fazer mais uma ronda, já que não havia mais nada para fazer. Tudo estava bem.

Ao passar no último posto, dois sentinelas conversavam e um dizia para o outro:

- A esta hora, na minha aldeia repenica o sino da igreja a chamar os fiéis para a missa do galo.

Mais uma vez a minha mente voou à velocidade da luz, para longe! Repreendi-os, não pela sua conversa, que me comoveu pela lembrança que me trouxe mas por estarem os dois fora dos seus postos de vigia.

De regresso à caserna, passei palavra ao Sargento que me ia render para me chamarem quando chegasse novamente a minha hora de serviço, e estendi-me na cama...

Adormeci. Só acordei já dia. Levantei-me atrapalhado:

- Que diabo, e a minha ronda?

Fui então informado pelo meu colega, que, quando ia para me acordar, eu dormia profundamente... e sorria!

- Não fui capaz de te acordar e fiz a ronda por ti – disse-me o Miranda!

21. UMA ESCAPADINHA A LUANDA

Tive de ir a Luanda. Tinha partido os óculos e a sua falta provocava-me constantes dores de cabeça. O médico da Companhia, sem outra alternativa, resolveu mandar passar-me Guia-de-Marcha para o Hospital Militar de Luanda, consulta de oftalmologia. Ainda me perguntou, em ar de gozo:

- Não queres também uma consulta de psiquiatria?

Ele sabia que só os que estavam mesmo “apanhados” para lá eram enviados. Iam para o Dr. Quintas, médico que havia nessa especialidade e que, talvez à falta de mais saber ou por desconfiar o que os doentes queriam era fugir do mato, agredia fisicamente os que lhe caíam nas mãos!

- Não. Obrigado Doutor – respondi. Preciso só de saber a graduação dos óculos e comprar novas lentes!

Segui na primeira coluna de reabastecimento que foi a São Salvador. Aí embarquei no “Barriga de Guinguba”, que tinha trazido o abastecimento de Luanda. Fossem dois ou dez passageiros havia sempre lugar!

Ao aquecer os motores para levantar voo, aquela geringonça tremia por todos os lados. Senti medo! Finalmente levantou e quando entrou em velocidade de cruzeiro deixou de se ouvir tanto ruído. Fiquei mais descansado. Passadas umas horas aterrávamos em Luanda. Perguntei como seria para regressar ao Norte:

- Quando estiveres pronto apresenta-te, que se arranja sempre um buraco!

“Ora bem, o que vou fazer agora?” Estava confuso! Olhei a cidade ao longe. Era tarde de sexta-feira. Teria de me apresentar no Hospital, num dia útil – não era uma urgência – às 9H00 da manhã. Tinha o fim-de-semana por minha conta! Ah, o Plínio! Vou a casa do Sr. Nero ou à PM e encontro-o.

Assim fiz. Apanhei o “Machimbombo” na Mutamba e desembarquei na “Terra Nova”, dirigindo-me a casa do Sr. Nero. Lá encontrei o meu irmão Plínio, que me informou que o Manuel também se encontrava em Luanda. Tinha vindo do Norte em serviço!

Gafanhões por toda a banda

Vejam só, três irmãos separados por largas centenas de quilómetros, e conseguirmos encontrar-nos em Luanda!

Fomos à procura dele e encontrámo-lo na Baixa, mesmo junto à Câmara.

- Olha – diz o Plínio – na Câmara trabalha um Engenheiro da Gafanha. Vocês conhecem-no, é o Eng. Dinis Caçoilo.

Não me lembrava dele. Era mais velho do que nós, foi para a universidade e só o víamos nas férias! Depois deixei de o ver, o que não impediu de que fôssemos apresentar-lhe cumprimentos. O Plínio conhecia-o bem, já o tinha visitado. Estávamos satisfeitos com aquele encontro de todo imprevisto e seria mais uma alegria ir encontrar gente da nossa terra.

Visita ao Eng. Dinis Caçoilo

Fomos. O Plínio estava fardado, o que facilitou a nossa entrada. Fomos levados ao gabinete do Sr. Engenheiro. O contínuo perguntou ao que íamos:

- Falar com o Sr. Eng. Dinis.

- Não há cá nenhum Eng. Dinis!

- Não há?! – Pergunta o meu irmão - então queremos falar com o Sr. Eng. Dinis Caçoilo da Rocha!

- Ah, o Sr. Eng. Rocha. É só um momento. E quem devo anunciar?

- A família Ribau.

E, para não haver dúvidas:

- A família Ribau, da Gafanha.

O Engenheiro quando apareceu à porta do gabinete ficou surpreso.

- Olá Plínio, tens algum problema?

- Não Sr. Engenheiro. Queria apresentar-lhe estes meus dois irmãos. Este é o Manuel e este, o Ângelo!

Cumprimentou-nos com ar admirado.

- O que fazem eles em Luanda?

- Andam na tropa! - Diz o Plínio - O Manuel é Tenente Miliciano, e está nos Dembos; o Ângelo é Sargento Miliciano e está na região de Cuimba.

- Esperem um momento. Vou terminar um despacho e saímos já. Quero ir apresentar-vos à minha família.

E assim foi. Fomos no carro dele até sua casa, onde nos apresentou à esposa e filhos, tendo logo ali determinado que no domingo iríamos todos lá almoçar. Achámos que seria muito trabalho para a esposa e, por isso, convidámo-los a ir almoçar fora. Que não senhor, que o almoço seria em família e por isso teria de ser em sua casa.

- Domingo, ao meio-dia, quero-vos aqui os três!

Despedimo-nos e cada um foi à sua vida.

“Tango dos Barbudos”

Eu fui dar uma volta pela Baixa. Recordo que tomei um fino na “Biker” com coiratos de porco torrados e cheios de sal! Mais uma volta (vejam lá) a ver montras!

Tudo aquilo era um espectáculo estranho para mim naquela altura. Tanta gente, e eu tão sozinho.

Ia a passar na esplanada em frente à Portugália e resolvi tomar uma “bica”. Há tanto tempo que não tomo uma bica! Sentei-me na esplanada, saboreando o café bem tirado, acompanhado de um cigarro. Que bem me estava a saber aquele momento! Enquanto isto, ouço um “pxsst” e vejo um indivíduo a olhar para mim, tentando inteirar-se se não estaria equivocado!

- O Sr. não esteve no Caçadores 5?!

- Sim, estive, até há cerca de um ano. Depois embarquei e cá estou.

- ...

- Mas eu estou a reconhecer a sua cara. Você tocava clarinete na banda do Caçadores 5. Vão formar aqui em Luanda alguma banda?!

O homem estava mais triste do que uma noite sem luar! E respondeu-me:

- Olhe, mandaram-me para aqui, para substituir um operacional que morreu em combate.

- Um operacional? Mas a sua especialidade é música!

- Pois é, e nem instruções me deram!

Senti uma grande revolta. A ser verdade o que acabava de me contar, só há uma palavra para qualificar esta reprovável atitude: assassinos... Tentei acalmar o homem! Soube que ia para a região de Bessa-Monteiro e pensei “meu Deus, ali ouve-se quase sempre o “Tango dos Barbudos” (1). Fiquei calado...

Aquele militar, por ter encontrado alguém que o ouviu, sentiu-se mais calmo e entabulou uma conversa:

- Onde está o vosso Batalhão?

- Em Cuimba – respondi.

Ficou pensativo.

- Cuimba...Cuimba...é o 357. É o “Rebenta”! - Disse.

- O nosso Batalhão pertence a Caçadores 5, como disse.

- Como é que vocês conseguem viver lá com tanta mina anti-carro? Já vos morreram tantos homens! Deve ser difícil! A notícia já chegou à nossa Unidade, onde o vosso pessoal é considerado uma espécie de heróis.

- Heróis?! - Indaguei com espanto! - Olhe, os mortos são enterrados, e os vivos continuam a viver até que calhe a vez a mais alguns. A vida aqui é assim!

1) - *Tango em homenagem a um herói da revolução na América Central, que começava com rajadas de metralhadora*

Tentei parecer descontraído para não assustar ainda mais o pobre homem do clarinete!

- Olha se me mandavam para lá! – Diz ele - Ainda tive sorte!

“Coitado...” pensei eu, que julgava exactamente o contrário. Bessa-Monteiro, na altura, era dos piores sítios, segundo alguns que nunca lá tinham estado!

A distância e a falta de informação completa, distorcem a realidade, como eu acabava de comprovar com a informação recebida do que “corria” no Caçadores 5.

- Tenho de ir apresentar-me no RIL (Regimento de Infantaria de Luanda) e lá aguardar a ordem de seguir para o “Norte” – diz-me o clarinetista.

Despedimo-nos, com desejos de boa-sorte mútua.

Fiquei por ali, pedi mais um café, e fiquei a pensar no encontro que tinha tido.

la saboreando o café, sempre acompanhado do fiel cigarro. O sol ia tombando lá para os lados da baía. A grande árvore que fazia sombra à esplanada ia perdendo o seu valor, pois o sol já não incomodava.

Heróis...! E veio-me à mente o que Saint-Exupéry escreveu um dia no seu livro “Piloto de Guerra”: *“E eu penso muito simplesmente que aqueles que morrerem servem de caução aos outros”!*

Também nesta guerra parece suceder a mesma coisa, pelo que ouvi há momentos. *Os que morreram serviram simplesmente de caução aos que ficaram vivos: os “Heróis”?!*



Avenida Marginal - Luanda/1963

Passeio na baixa Luandense

Incomodado com estes pensamentos, abandonei a esplanada e dirigi-me à marginal, donde se via a baía e, para lá da Ilha de Luanda, o mar. O sol já se escondia mergulhando para além do horizonte, tal como na Gafanha!

Passei pela Avenida, larga e limpa, durante tempo esquecido, até que se começaram a acender as luzes das ruas e dos anúncios. Já não me lembrava que normalmente as coisas eram assim. Um espectáculo maravilhoso!

Fiquei até tarde a caminhar a gozar aquele espectáculo. Dormi na cidade. Quem está no mato e tem a possibilidade de vir a Luanda, não vem “gozar” dois, três, cinco dias, uma semana! Vem gozar, 2.000, 5.000, 10.000 angolares. Aquilo que tiver! O dinheiro no mato não vale nada.

Tive o cuidado de passar numa “Óptica” e saber quanto custariam mais ou menos as lentes, e pôr esse valor de parte!

Quando acordei no dia seguinte, tive uma sensação estranha. A noite foi passada calmamente mas agora, sozinho no quarto – um quarto só para mim – senti-me mesmo só. Levantei-me, tomei um banho com água de temperatura regulável e à farta! Depois tomei o “mata-bicho” e saí. Não sabia o que ia fazer naquele sábado.

Ao entrar na rua notei logo que o dia seria quente. Uma quentura diferente da que existia no mato. Havia uma humidade incomodativa! Andei ao Deus dará por ruas desconhecidas, vi montras, vi gente que passava, vi muita coisa, mas nada parecia interessar-me! Continuava a sentir-me só! Devo ter olhado para muita coisa sem nada ver! Os pretos olhavam-me sem o menor interesse. Alguns brancos olhavam-me fixamente e seguiam o seu caminho!

Tento descobrir o que se está a passar comigo. Paro em frente de uma montra que reflectia a minha imagem, olho fixamente para ela. Não pode ser! Sou mesmo eu, pensei! O cabelo cortado curto, a barba cortada, a pele da cara escura e, os olhos... Os olhos pareciam olhar para o infinito sem nada verem...! Ah, já sei: É a falta dos óculos que me faz parecer um desconhecido!

Mas estas gentes não me conheciam sem óculos, nem com eles, pensei. Pronto, é da falta de óculos e está tudo esclarecido.

Café Versailles

Estava absorto nos meus pensamentos, quando ouvi alguém chamar-me! Olhei e vi o homem do clarinete, sentado na esplanada da Portugália. Sentei-me com ele e conversámos. Ele estava muito mais calmo, e eu não me senti tão só.

Tal como eu, aquele homem andava perdido! Era sábado. O pessoal passava em direcção à praia. Na ilha de Luanda devia estar um excelente dia

de praia. Não consegui imaginar-me a tomar banho na praia, a estender-me ao sol, e os meus colegas no mato! Senti um estremeção pelo corpo. Que seria aquilo?!

O clarinetista notou-o e perguntou-me:

- Passa-se alguma coisa? Sente-se bem?!

- Não é nada - respondi. É este calor húmido, que causa mal-estar! Lá no “Norte” o calor é mais seco e custa menos a suportar! É preciso é ter cuidado com o cacimbo!

- Cacimbo?! O que é isso?

Então expliquei-lhe que cacimbo é uma espécie de nevoeiro que se levantava pela madrugada, frio e molha tudo onde cai. Nem o “poncho” – uma espécie de capa que cobre os ombros e desce até à cinta – que é leve, impermeável, fino e cabe num bolso do fato de combate – apenas protege da molha, não do frio!

- Ah! – Responde o homem do clarinete.

E ficou-se por aí. Falámos de coisa nenhuma. Nada parecia interessar; nem a mim, nem a ele! Conversa de “xaxa”, para quê? Ele, para que o tempo passasse, eu aguardando que algum dos meus irmãos aparecesse!

- “Versailles”, parece ser um salão chique – disse o meu companheiro, olhando para o lado oposto da rua!

- E é – retorqui.

Já lá tinha passado uma vez com o Costa Pereira e contei-lhe a história:

- Tínhamo-nos sentado os dois numa mesa ao canto, tentando não ser notados, tal era o luxo. Era tudo gente de idade, bem vestidos e bem acompanhados. Pedimos duas bicas. Fomos servidos e inquiridos pelo “criado” se iríamos demorar muito tempo! Estranhámos, pelo que perguntámos se havia algum problema!

- Não – responde o homem - Mas esta mesa costuma ser a preferida de um fazendeiro rico, que vem cá todas as tardes tomar o chá com uma menina nova. Todos os dias esta mesa me rende só de gorjeta duzentos angolares!

Tomámos a bica e saímos. O homem agradeceu-nos!

- Ainda há por cá “disso”? – Perguntou o homem do clarinete!

Pelos vistos há, e haverá sempre, enquanto houver dinheiro e pessoas interessadas em levar uma vida “fácil”!

Um almoço muito especial

A tarde desse sábado passou, a noite também e no domingo ao meio-dia apresentámo-nos na casa do Engenheiro para o almoço combinado. Foi uma agradável refeição, com perguntas de todo o género acerca da Gafanha, onde ele já não ia há muitos anos.

Terminada a refeição, meteu-nos no carro e foi mostrar-nos a “sua obra”. A segurança das “barreiras” que desciam desde o cinema Miramar – um cinema a céu aberto – como tantos outros em África, até à baixa da Cidade. Tinha sido obra dele e mostrou-nos com orgulho essas barreiras, com largas dezenas de metros de altura, explicando qual a técnica que usou para evitar que as enxurradas provocadas pelas fortes chuvadas arrastassem a terra barrenta, provocando acidentes na Cidade.

- Agora – dizia ele – estou habilitado a fazer este serviço em qualquer parte do mundo!

Mostrou-nos ainda um bairro para gente de poucas posses, que a Câmara de Luanda tinha mandado construir. Estava quase todo desabitado, e as habitações ocupadas estavam todas “pintadas” com fumo. Os que as habitavam não queriam cozinhar a gás. Preferiam a lenha! Além disso, como tinham de pagar uma renda simbólica, preferiam as habitações tradicionais.

No dia seguinte, segunda-feira, fui ao Hospital Militar onde fui observado por um especialista. Receitou-me novas lentes. Saí, fui a um oculista para aviar a receita. Ao pôr os óculos senti-me melhor, embora um pouco tonto, mas foi coisa que rapidamente passou.

Estava terminada a justificação da minha ida a Luanda. Já começava a acostumar-me ao ambiente citadino. “Não pode ser”, pensei. Lá longe, no “Norte”, nós sempre pensávamos que a cidade de Luanda era o ideal para se viver. Agora, a experiência demonstrou-me que a cidade é simpática para quem cá vive, não para quem pensa que este não é o seu lugar! A mim pareceu-me estranha! Não sentia as ruas, não sentia os prédios que nos rodeavam por todo o lado, enfim, pareceu-me uma cidade bastarda!

De regresso à “Pensão Pangala”

Fui ainda nesse dia ao aeroporto, à zona militar, para saber quando haveria boleia para São Salvador. Atendido pelo oficial-de-dia, fui informado para estar no dia seguinte às 08.00 horas no aeroporto, que havia boleia no avião de abastecimento. Assim fiz. À hora aprazada lá estava pronto a partir. E cheguei sem percalços a São Salvador, seguindo na coluna de reabastecimento da nossa Companhia, que estava à espera do avião para levar o abastecimento.

Estava finalmente com a minha gente! Durante o percurso comecei a sentir o ambiente do mato. Algum tempo depois, havia qualquer coisa que não entendia! Ia pensando no dia anterior, em Luanda, onde tudo me parecia estranho!

Passámos a ponte do Luvu e começámos a subir pela estrada má, a da grainha de cobre. Lá estava o local onde os nossos companheiros perderam a vida! Aqui compreendi o que havia de estranho em mim: não levava arma; era como se fosse nu!

Finalmente chegámos ao nosso acampamento. A vida por aqui continuava na mesma. Durante a minha ausência, não tinha havido nada de anormal. Emboscadas, serviço de segurança, serviço da água, tudo como tinha sido antes, felizmente sem baixas. Parece que o IN tinha desistido de armadilhar a estrada na nossa zona. Agora actuavam mais para o lado das Companhias 307 e 304, que ficavam no caminho de Cuimba para Maquela do Zombo. As únicas novidades seriam as que trazia de Luanda. Mas eu não estava interessado em falar de Luanda e, segundo me pareceu, poucos estavam interessados nisso. Um ou outro perguntava-me como estava a cidade e a resposta era invariavelmente a mesma: No mesmo sítio!

Só por puro masoquismo poderia falar na vida que se levava em Luanda! E a pergunta que já há uns tempos andava no ar era a seguinte:

- Quando é que vamos para baixo?

Tinham-nos dito que estaríamos por aqui um ano e depois regressaríamos ao Grafanil, para fazer serviços de intervenção onde houvesse necessidade de reforços. Dito por outras palavras: “para outro local do mato”, mas por pouco tempo - diziam.

22. SEGUNDO FILHO

No princípio do mês tínhamos feito uma operação mais prolongada. Ficámos duas noites “fora de casa”, alimentados com ração de combate, caminhando quase ao Deus dará à procura de quem não prometeu encontrar-se connosco!

Pára aqui, caminha mais um bocado, embrenhámo-nos numa mata e aí montámos emboscada e passámos a noite. No dia seguinte foi o mesmo programa, mas passámos a noite emboscados em terreno de savana. Árvores raras, capim que dava só pela cintura. Aí ficámos toda a noite em vigilância!

Já pela noite velha, recebemos uma visita quase habitual nestas circunstâncias. O riso galhofeiro das hienas! Malvadas. Embora contássemos com elas, eu sentia sempre um suor frio ao primeiro riso!

Amanhã já vamos dormir nas nossas camas e estaremos mais descansados. Venha o nascer do dia! O sol, invariavelmente quente, era muito melhor do que esta escuridão.

Finalmente é dia. Agora temos de informar, pelo rádio, os condutores das viaturas aparcadas no acampamento o local exacto onde nos deverão recolher!

Que surpresa!

Chegámos ao acampamento, onde me esperava uma surpresa! O Sargento Tendeiro, das transmissões, correu para mim e abraçou-me:

- Muitos parabéns.
- Mas eu não faço anos hoje!!! - Respondi.

Então ele estendeu-me uma mensagem que trazia e leu: “Mãe e filho encontram-se bem” - e entregou-me o papel!

Agradei, meti o papel no bolso e dirigi-me para a caserna. Pelos dedos ia contando os meses desde o embarque até à data do telegrama – 9 de Janeiro de 1963! Não me recordava de ter recebido qualquer informação da gravidez da minha mulher! Não é possível, exclamei para mim próprio! E dirigi-me à mala que tinha debaixo da minha cama, onde guardava os meus haveres. Peguei nos aerogramas e ia relendo alguns. “Ah! Aqui está”. Era um datado de Agosto, onde me era dada a novidade!

Só que era um período mau para a nossa Companhia, em que eu tentava esquecer o que nos tinha sucedido. As preocupações eram grandes e a notícia varreu-se-me da minha memória. Vejam só ao ponto a que uma criatura chega quando pressionada por factos a que não pode fugir!

Senti-me envergonhado comigo próprio. Felizmente que ninguém notou, pensei, depois de olhar à minha volta.

“E agora? E se eu morro o que vai ser da minha mulher com dois filhos? Bem, não há-de haver azar. Seja o que Deus quiser!” E dirigi-me para o chuveiro onde tomei banho, limpando-me do suor e do pó.

Felizmente o Carvalho, que estava de serviço à água nesse dia, tinha enchido os quatro bidões e havia bastante água, apesar de não convir abusar. Havia mais gente a querer tomar banho, só que nós tínhamos prioridade, por virmos do mato!

Enquanto tomava banho a ideia não me saía da cabeça: “tenho mais um filho! Meu Deus, e se há um azar? Os meus pais ajudarão a criar os netos! Chegarão eles a conhecer o pai? O que fazemos nós aqui? Não estamos a defender a Pátria?!” Sabemos que somos uma espécie de tampão a tentar evitar a entrada do IN para o interior de Angola, é essa a nossa missão. Mas quando conseguimos eliminar “inimigos” ficamos a olhá-los, corpos sem vida, farrapos humanos. E isso incomoda-nos muito...

- Oh Ribau, esqueceste-te que também queremos tomar banho??? Recriminou o Costa Pereira, sentado na cama à minha espera com a toalha embrulhada à cinta!

Estava tão absorto nos meus pensamentos que nem dei pela passagem do tempo.

- Já vou! Estou a acabar.

E embrulhei-me na toalha, deixando o chuveiro para o Costa Pereira.

Agora, mais fresco e com roupa lavada, estendi-me na cama. Os pés estavam inchados da caminhada. A solução era massajá-los um contra o outro. Passado um bocado nesta operação, a circulação normalizou e tornou-se mais confortável o descanso. Adormeci...

Sonhei que estava a fazer uma serenata à minha mulher. Era Dezembro, a noite estava luarenta, o céu limpo e azul, e fazia frio. Em silêncio aproximámo-nos de sua casa. Éramos três: um violino, uma guitarra e uma viola. No silêncio da noite, o violino começou a tocar a serenata de Schubert. O volume do som ia aumentando, enquanto a guitarra e a viola acompanhavam baixinho o som do violino! Nada mais se ouvia... De repente uma luz acendeu-se na janela do quarto dela. Eu sabia que ela estava a ouvir-nos...

- Ribau, não vens ao rancho? - Gritou-me o Gastão.

Acordei estremunhado. Fiquei mal disposto. Mais valia que me deixasse continuar a sonhar. Levantei-me e fui ao tacho.

23. RENDIÇÃO

Chegou o mês de Maio de 1963. Parece que vamos ser rendidos, seguindo para o Grafanil onde ficaremos “operacionais”. É mais perigoso, pois iremos para os locais onde houver problemas e cujo terreno nos é completamente desconhecido. Ao menos aqui já sabemos a terra que pisamos. Pensamentos estranhos estes, pois só estamos bem onde não estamos, ou onde deixaremos de estar!

Finalmente esse dia chegou. Foi pela tardinha. A nova Companhia foi recebida com alegria à entrada do acampamento. Vinham cansados da viagem. Arrumaram as viaturas civis que os transportaram e antes do cair da noite estávamos todos a jantar.

Finda a refeição, o pessoal arrumou-se conforme pode. Por não haver camas disponíveis para todos, os nossos novos companheiros foram distribuídos pelas casernas, ficando uns no chão e os outros por onde se puderam desenrascar.



A chegada dos substitutos

Na camarata dos Sargentos iam aparecendo os nossos substitutos. Atiravam a mochila para qualquer lado, descorçoados, e sentavam-se à mesa tentando estabelecer conversa.

A nossa alegria entristecia-os, e nós entendíamos bem esse estado de espírito. Chegar a um sítio destes não é alegria para ninguém. Mesmo assim estavam cheios de sorte. Já tinham um aquartelamento pronto a habitar, enquanto nós tivemos de o construir a partir de uma casa abandonada e a cair, envolta de capim.

Tentando amenizar o ambiente, estabeleci conversa com alguns que me pareciam mais em “baixo”. Não se pergunta a um homem com a moral destroçada de onde é. Isso seria pior ainda. Conversámos sobre as condições do acampamento, que conhecimento tinha da zona, e esses esclarecimentos foram-lhes prestados. Ficavam pensativos.

- Vocês não têm de que se queixar! Querem ver?

E fui à minha mala, donde tirei um punhado de fotografias.

- Vejam esta. Foi no dia em que chegámos. Tivemos que descapinar para arranjar espaço onde montar as tendas. Nesta, somos nós a construir as casernas. Os adobes eram feitos da terra barrenta que, depois de amassada, era posta em “formas” onde secava. E esta... e esta... Como vêem, vocês já encontraram a papinha toda feita! Faltam só as operações...

- E estas fotos, de quem são estas fotos? - Perguntou um dos “maçaricos”.

Olhei. Eu não queria ter trazido aquelas fotos mas elas ali estavam. São as dos nossos companheiros mortos pelas minas e que estão sepultados em São Salvador.

E continuámos em conversa. Quiseram saber como era aquilo das minas, como poderiam ser evitadas, onde havia mais probabilidade de elas serem montadas!

Apercebemo-nos que sabiam que, naquela zona, existiam muitas probabilidades de eles as pisarem. Haviam sido informados enquanto estiveram no Grafanil, muito por alto, da zona que iriam ocupar. Mas ao fazerem perguntas era-lhes respondido que as tropas que iam substituir lhes dariam mais pormenores! Imaginei que entre os oficiais e os soldados o assunto seria semelhante...

Agora passaríamos a fazer operações conjuntas, pelotão com pelotão.

O dia seguinte foi de descontração. Alguns dos homens que nos vieram render foram com o nosso pessoal à água, para saber o local e as precauções que era necessário tomar com a segurança.

Marco Geodésico

Calhou ao nosso pelotão a primeira saída com os “maçaricos”, já comandados pelo Capitão da nova companhia, jovem oficial de carreira. Ficámos espantados; o nosso Capitão nunca saiu em operações de pelotão!

Quando foi possível, voltámos a conversar com os “maçaricos”. A sua presença ali era uma lufada de ar fresco. As conversas eram diferentes das que tínhamos entre nós.

No dia seguinte foi a operação de reconhecimento, com o novo pessoal.

Partimos de manhã. Era ir até ao marco geodésico, a pé. Seriam cerca duas horas de caminhada para cada lado. Saímos do acampamento com os pelotões lado-a-lado, um por cada trilho deixado pelas viaturas que por ali haviam passado pela “estrada” que ia para a Buela.

A manhã estava relativamente fresca. Íamos conversando e indicando os locais propícios à montagem de minas anti-carro. Passado um bom bocado, deixámos a estrada de Buela e encaminhámo-nos para a picada que vai dar ao marco geodésico, para onde só se podia ir em fila indiana.

- É pá, olha p’ra trás! – Disse ao cabo Pombal.

Eram dois pelotões - cerca de sessenta homens - em fila indiana. Pareceu-nos um mundo de gente! Tentei tirar uma fotografia. Não valia a pena. Teria que me desviar muito para dar ideia do comprimento da coluna.

Chegámos ao nosso destino. Todo o pessoal se queria empoleirar no marco. Então, aproveitei a ocasião e tirei umas fotos. Os “maçaricos” estavam encantados com a vista que dali se desfrutava. O marco estava instalado num alto onde acabava a serra. Em baixo, muito em baixo, ficava a mata. Só se viam as copas das árvores.

Sempre gostei de admirar este panorama, até porque o capim nesta zona é rasteiro e a possibilidade de uma emboscada é remota. Mas uma morteirada vinda da mata, podia muito bem acontecer. Aquele aglomerado de pessoal junto ao monumento, pode tornar-se muito perigoso. Às vezes um descuido pode ser a morte do artista...

O Capitão da companhia que nos ia substituir era um indivíduo de pouco físico, magro e nervoso o que na circunstância nos pareceu normal. Pretendeu mostrar “serviço” e seguiu com o seu pelotão em direcção à mata que ficava umas centenas de metros abaixo.

- Vá descansado que nós aqui de cima fazemos a vossa segurança - diz-lhe o Alferes Miranda, em ar de gozo.

Conhecíamos bem o terreno e sabíamos que descer, até a rebolar se descia, o pior era subir naquele terreno íngreme. Uma vez que o fizemos tivemos de nos servir do capim para nos segurarmos. Enfim, com a experiência eles também vão aprender!

Passado um grande bocado de espera, chegou o Capitão à frente dos seus homens. Vinham cansados e suados. Mal chegavam junto de nós punham a G3 de lado e alguns despiam os casacos. Notava-se-lhes no corpo as arranhadelas e vestígios de sangue. Embora sabendo do que se tratava, perguntei a um soldado:

- É pá, o que foi isso?!
- Ó meu Furriel, foi nas silvas, lá em baixo.

Nós conhecíamos bem essa peste! Ao menor contacto enterravam-se na carne, apesar de o pano dos fatos de combate ser forte. Em vez dos picos das silvas, tinham uma espécie de gavinhas que passavam pelo pano e não havia volta a dar-lhe. O remédio era seguir viagem até que as gavinhas quebrassem! Por vezes era necessária muita força. Aquilo dava uma comichão terrível.

Tive a curiosidade de analisar uma dessas plantas. Se lhes tocássemos com o cano da arma, não reagiam. Mas bastava aproximar um dedo e logo as gavinhas tentavam enrolar-se-lhe. Plantas carnívoras?! Nunca cheguei a saber.



No marco geodésico

Foi um bom ensaio para este pelotão. Esperámos pela chegada do último homem e iniciámos o regresso ao acampamento sem novidade e mesmo com uma certa alegria.

Parece ser chegada a altura de deixarmos, finalmente, aquele lugar. Dentro de uma semana devemos nós iniciar o regresso a Luanda. Julgámos ter sido esta a última operação naquele fim do mundo. Oxalá...

Seguir-se-iam outros pelotões da nossa Companhia a enquadrar outros da Companhia de rendição.

Entretanto programava-se a entrega do material de guerra e das existências à nova companhia. Foi o Alferes Miranda encarregado da conferência e entrega desse material.

Nessa noite, iria sair um pelotão da nossa Companhia, com outro dos “novos”, para fazer uma emboscada. Os ruídos da noite, para quem a eles não está habituado, metem muito respeito. O pelotão escalado foi o quarto. Não tinha Oficial que o comandasse, pois o Alferes Canhoto tinha sido evacuado por motivo de doença. Foi o Furriel Silveira.

Saíram perto do anoitecer. O tempo encoberto fazia prever uma noite escura. Deixados pelas viaturas no local aprazado, como era habitual seguiram viagem mais uns quilómetros e voltaram para trás. Ao passarem pelo local onde tinham deixado os pelotões, verificaram que os homens já se tinham embrenhado no mato. Seguiram, então, até ao acampamento.

O tempo ia passando. Sabíamos que a nossa partida estava eminente. A Companhia dos “maçaricos” estava pronta para nos substituir!

Ouvia-se o zunzum das conversas nas casernas dos pelotões. Alguns dos “maçaricos” iam caminhando pela parada, olhando o negrume da noite.

- Se calhar vai dar chuva – disse um!

- Ná... aqui a chuva quando vem não avisa – diz um dos “velhos”.

Atacados pela “fauna”

Estava a observar isto quando vejo o Cabo Cifra, a correr com uma mensagem na mão à procura do Sargento de transmissões, que encontrou sentado na caserna a ler um dos seus livros policiais. Entregou-lhe a mensagem e ele dirigiu-se ao Comando. Ficámos desconfiados! Quando ele regressou todos quiseram saber o que se passava...

Então o Tendeiro, não sabendo se devia rir ou chorar (de riso, claro), informou que a mensagem era do Silveira, informando que tinham sido atacados pela “fauna” e pedia autorização para regressar. Não foi autorizado.

- Que se desenrascasse! - Foi a resposta.

Apreensivos, chamámos um dos condutores que tinha ido levar o pessoal da operação e que nos informou onde tinham deixado a tropa.

- Oh pá - diz o Marques Alves - passar uma noite naquele sítio é impossível!

Uma vez fomos para lá fazer uma emboscada e tivemos de fugir para a estrada e despirmo-nos todos para sacudir as formigas. Pobre do Silveira! E por cima com aquela malta nova toda atrás dele. Era um perigo ainda maior deslocar-se de noite.

Desviaram-se das termiteiras (ninhos das formigas) e lá se foram sacudindo conforme puderam e sem muito barulho. Estas são formigas grandes, de corpo avermelhado. Alguns ninhos eram da altura de um homem.

No dia seguinte o Silveira ao chegar vinha “todo roto”. Tinha passado uma noite horrível. Tanta responsabilidade para ele. Os “maçaricos” tiveram o azar de se encostar aos formigueiros, e nós sabíamos como isso era!

O Silveira pegou num pedaço de pão, numa caneca de café e ao mesmo tempo que ia mastigando olhava para o infinito. Ele não estava ali. Estava muito longe. Um berro falo-ia saltar como se uma mina tivesse rebentado debaixo dele. O Marques Alves sorria, olhando-o de lado.

Só o Carvalho, sempre disposto a fazer uma “sacanice”, diz ao Silveira com o seu sotaque açoriano:

- Lé home, não penses mais nessa porra que já passou!

O Silveira nem se mexeu. Ali ficou sentado, a caneca do café vazia, dependurada no dedo, a mastigar o ultimo pedaço de pão!

- Filho de um cabrão! - Desabafou, com um grito...

Foi como uma trovoada quando se começa a formar. Aquele silêncio era prelúdio de trovoada. Aquela descarga brutal aliviou o espírito do Silveira!

Todos sabiam a quem se dirigia aquela frase. Por isso os que ali estavam ficaram calados. Felizmente era a última operação para nós naquele sítio.

Só faltava a entrega do material à nova Companhia. Julgamos que dentro de uma semana estaremos a caminho de Luanda, a cidade que era para nós uma miragem.

Tínhamos que aguardar com calma.

Finalmente estávamos de partida. De manhã cedo, já em cima das viaturas, olhámos a última vez para o acampamento. Via-se nos olhos de quase todos uma sombra de tristeza. Tanto trabalho para o construir...

Deixa lá. Vamos para Luanda. Lá é outro mundo...

24. LUANDA - “CIDADE GRANDE”

A viagem foi feita em sentido inverso pela mesma estrada que havíamos trilhado quando fomos para o “Norte”. Havia mais sanzalas habitadas, via-se mais gente.

Finalmente, o Grafanil! O retorno demorou cerca de dois dias. Quando chegámos, ocupámos as instalações que nos tinham sido destinadas. Fiquei de sargento-de-dia à nossa Companhia, pelo que não pude dar uma escapadela à cidade, distante uns 6Km.

Os que estavam livres lá foram dar asas à sua imaginação. Nessa noite só pude ver ao longe as luzes da “Cidade Grande”.

Agora tínhamos de estar disponíveis, prontos a ser chamados a qualquer hora para onde fosse necessário. Normalmente os problemas surgiam nos Dembos, segundo informações colhidas junto de outras unidades que nós fomos substituir no Grafanil.

A noite passou sem nada de anormal. No dia seguinte, depois do jantar, lá fui até à cidade ver a civilização, passear e beber umas “Cucas”. O transporte foi feito numa viatura militar.

Visitei a casa da família do Sr. Nero, onde fui bem acolhido e convidado a pernoitar quando quisesse. Sobre os tempos passados no “Norte”, nem uma palavra. Apenas quiseram saber como estava o físico e a cabeça!

No Grafanil o serviço era o de um quartel qualquer. Serviço à Companhia, Serviço ao Batalhão e, mais esporadicamente, serviço ao Cinturão Verde (zona de protecção da cidade de Luanda). Estávamos descansados. Parecia um tempo para passar tempo. À noite íamos até Luanda dar umas voltas, conversar com outras pessoas e houve até alguns companheiros que resolveram alugar quarto na cidade, onde dormiam, regressando na manhã seguinte ao Grafanil.

Nas esplanadas à noite sempre cheias, ia-se conversando com um ou com outro. Em Luanda, nunca ouvi falar de guerra, o que me parecia um pouco estranho. Os “civis”, em Luanda, pareciam desconhecer que mais a “Norte” militares portugueses lutavam e morriam para que a cidade vivesse em paz. No entanto, quando éramos apresentados a alguma família com residência em Luanda logo éramos convidados a almoçar em sua casa.

Tendo como base o Grafanil, o nosso Batalhão é chamado a diversas operações cabendo à nossa Companhia, em Outubro de 1963, a missão de reforço ao Batalhão que se encontrava na zona de Vista Alegre, para uma

operação mais alargada, para onde nos deslocámos auto-transportados, e onde efectuámos várias operações.

Acto macabro!

Passámos pelas Fazendas Tentativa, Beira Baixa, virámos à direita em direcção à Vista Alegre, passámos pelo Ûcua onde havia um enorme penedo sobre a estrada e mais adiante a Pedra Verde, à esquerda.

Chegámos à noitinha. Cada qual comeu da sua ração de combate e preparávamo-nos para tentar descansar, quando recebemos ordens do Comando da Companhia para nos prepararmos para uma operação que teria início às 5 horas da madrugada! E nós que vínhamos todos “rotos” da viagem...

Recebemos mais cartucheiras, levando-as cheias de munições. Desconhecíamos o terreno e o que iríamos encontrar. Podia faltar ração de combate, e até água, mas munições é que não. Nem sabíamos se, caso fosse necessário, poderíamos ser reabastecidos!

Passeando na semi-escuridão, tentei falar com alguém “lá do sítio” para colher informações. Aproximei-me de um sentinela e meti conversa:

- Então, como é isto por aqui?
- Nada bom - diz-me ele.
- Então porquê?

- Porquê? Ainda ontem numa operação que ainda está em curso, foi abatido pelos “Turras” um nosso Sargento. Como era forte e pesado, e a operação tinha que prosseguir, resolveu-se esconder o corpo no meio do capim; no regresso seria transportado para o acampamento, onde lhe seria dada sepultura condigna. Ao regressar, passaram pelo local onde tinham escondido o corpo. Ao aproximar-se ouviram ruídos e cautelosamente foram prosseguindo, quando repararam num espectáculo macabro: meia dúzia de pretos deleitavam-se a comer parte do corpo do Sargento. Imediatamente foram cercados e amarrados. Ao serem inquiridos sobre aquele acto, tiveram a ousadia de dizer que a carne de branco era muito boa, especialmente a dos músculos dos braços, que “é adocicada”... Foi feita uma padiola com ramos, que transportou os restos mortais do Sargento para o acampamento.

- Ó pá – digo eu à sentinela – tu estás a tentar meter-me medo com a tua história. Olha que eu já venho da fronteira “Norte”. Além disso o canibalismo já acabou!

- Mas isto que lhe contei é verdade, como nós estarmos aqui os dois a conversar.

Fiquei a matutar... Nisto chega a Sargento de ronda. Perguntei-lhe se tudo isto tinha sido verdade e ele confirmou!

- Bem - digo eu para a sentinela - vou ver se me estendo um bocado que venho cansado da viagem e amanhã tenho de me levantar cedo.

- Cuidado – diz-me a sentinela – anda uma companhia nossa no mato e quando assim é o nosso Comandante de Batalhão não quer ninguém a dormir, quer que toda a gente fique a rezar.

Esta é demais, pensei eu!

- Até amanhã – disse, despedindo-me do sentinela.

Em busca do IN

Levantámo-nos de madrugada, preparando-nos para a operação. Havia um local ainda desconhecido para onde teríamos de seguir a pé. Ao formar para recebermos ordens, reparámos que durante toda a noite tinha cacimbado, e que o cacimbo continuava. As árvores, o capim, toda a natureza estava ensopada em água. A chuva cai e como é pesada escorre pelas árvores. O cacimbo, uma espécie de nevoeiro forte, cai na vegetação e não escorre, parece ficar colado às folhas. Felizmente que alguns militares tinham trazido o “poncho”, que logo vestiram. Procurei o meu no bolso das calças do fato de combate – um bolso que vai quase da cintura até ao joelho – um verdadeiro armazém, e lá o encontrei. Vesti-o enfiando-o pela cabeça. Esta operação sempre me fez lembrar o enfiar da “opa” nas festas da Nossa Senhora da Nazaré, quando íamos nas procissões.

Houve ordem de marcha. A companhia seguia em fila indiana, cento e tal homens, uns a trás dos outros. Esta fila parecia não ter fim. À frente ia o Alferes Miranda e um guia, conhecedor da zona, que nos foi fornecido pelo Batalhão. Caminhámos horas a fio, parando uns momentos para descansar. O sol começou a romper, sinal de que vinha aí calor. Entretanto ouviu-se uma voz roufenha vinda do rádio. O operador entregou o microfone ao Alferes que recebeu ordens e deu o “OK terminado”. Chamou os seus Sargentos e deu instruções:

- Às onze horas toda a companhia roda à direita e segue em linha recta. Vamos atravessar a fazenda de café. Cuidado, não quero pessoal atrasado. Pode ser necessário fazer fogo e alguém que venha atrasado pode atingir os que vão à frente. Muito cuidado. A fazenda tem muitas árvores e o IN pode surgir de repente junto de nós.

Era uma frente enorme. Seguíamos vagarosamente olhando para um e outro lado, sem esquecer o cimo das árvores, onde poderia haver algum sentinela inimigo, que nos deixaria passar, fazendo depois qualquer sinal para os seus companheiros que eventualmente nos fariam uma emboscada mais adiante.

Íamos progredindo e parando, conforme as ordens recebidas. Assim podíamos observar o terreno, os cafeeiros, sempre plantados à sombra de árvores de grande porte. As árvores do café estavam enterradas numa cova quadrada com cerca de quarenta centímetros de lado, e uma profundidade de aproximadamente dez centímetros.

Fiquei a saber, mais tarde, que este sistema de plantar os cafeeiros foi uma ideia dos portugueses! Quando chovia, e porque os terrenos eram inclinados, a água da chuva em vez de escorrer toda para os baixios, ficava nas covas fazendo assim a sua rega.

Seguimos viagem. O tempo aquecia. Passava muito do meio-dia, quando senti fome. Puxei da ração de combate da qual tirei uma bolacha que fui mastigando ao compasso da nossa progressão no terreno.

- Assim, nem à noite acabaremos esta porcaria - diz-me o Pombal.

Era coisa que não me agradava nada passar a noite naquele sítio, sem conhecermos o terreno nem linhas de recuo, caso fosse necessário. A ordem era avançar e nós avançávamos!

No silêncio daquela progressão ouviu-se no rádio a transmissão de uma qualquer ordem. Os chefes de secção foram chamados, pelo passa-palavra, aos comandantes de pelotão, para receberem instruções.

Foi-nos informado que deveríamos voltar e seguir em fila indiana, com o sol pelas costas. Qualquer coisa se havia passado, mas o quê?!

Só à noite chegámos ao quartel. Era tropa por todo o lado. Era a nossa e mais duas Companhias do Batalhão que se encontrava na Vista Alegre. Este tão grande ajuntamento de tropas deixou-me preocupado. No mato não estávamos habituados a ver tanto pessoal junto. E com o meu sentido “positivo” da situação não deixei de pensar o que seriam duas ou três morteadas a caírem naquela aglomeração de tropas.

Deixei estes pensamentos e procurei saber junto do Comandante do Pelotão, que entretanto chegara da reunião com os restantes oficiais, os resultados da operação:

- Então meu Alferes?

- Nada mau – diz-me ele. Foi apanhado um cobrador da UPA, com pasta e tudo, na qual trazia uma relação do pessoal e dos valores que iria cobrar. Agora o resto é com a tropa que cá está instalada.

- Sim – concordei - é muito melhor do que termos eliminado meia dúzia deles.

Mais uma noite a dormir onde calhava. Normalmente nas viaturas, arma ao colo, não fosse haver algum problema! A bolacha da ração de combate já não sabia a nada. Abri uma lata de sardinha de conserva com molho de tomate (era sardinha macho).

O cansaço era cada vez maior, a fome também. Fui à cozinha desenrascar um bocado de pão e despejei todo o conteúdo da lata no pão, que amoleceu com o molho. Comi, lambi os lábios, limpei a boca à manga do casaco do fato de combate e adormeci.

Passado algum tempo ouvi ruídos. Era um pelotão que acabava de regressar. Afinal não fomos os últimos, pensei. E voltei a cair na modorra em que me encontrava.

Matando a fome

A madrugada arrefeceu o tempo. Aconchegado com o “poncho” sobre os ombros, ia passando pelas brasas, esperando a alvorada, que parecia tardar.

De manhã, bem cedo, já se ouvia, para os lados da cozinha, o ruído dos panelões do café. Ali já se trabalhava. Não seria má ideia uma pinga de café, e dirigi-me para a cozinha, onde já encontrei o Bernardino (o cabo Aveiro), que tinha tido a mesma ideia que eu.

- Então, meu Furriel, como passou a noite?

- Encostado no Unimog. E tu?

- A mesma coisa - foi a resposta.

Alertado por o Aveiro me ter chamado pelo “posto”, o cabo cozinheiro veio perguntar-nos se precisávamos de alguma coisa – pergunta desnecessária dada a hora e o local onde nos encontrávamos!

- É pá – diz-lhe o Aveiro - o que agora ia bem era uma caneca de café e uma bucha de pão com manteiga!

O Aveiro não foi peço no pedir mas foi atendido. E lá veio uma caneca de café e um pedaço de pão quente com manteiga para cada um. Foi como se estivesse no antigo Café do “Briol” a tomar um galão e a comer um pastel.

Agradecemos ao cozinheiro e, ao retirarmo-nos, ainda lhe perguntei:

- De que terra és?

- Alantejaaano - foi a resposta.

E mais não disse. Nem era necessário!

Nesse dia ficámos pela Vista Alegre. Havia pelotões ainda em operações no mato que poderiam necessitar de reforço. Passámos o tempo a descansar. Recordo-me de, ao dar uma volta pela zona – por perto, que não convinha ir longe – ter reparado numa eira de cimento, cheia de grão de café a secar. Logo a ideia deu uma volta e lembrou as eiras da Gafanha cheias de milho. Os auxiliares andavam com ancinhos a remexer o café para que todos os grãos recebessem o mesmo calor e secassem ao mesmo tempo.

Não resisti e pedi autorização ao encarregado da fazenda para me deitar um pouco sobre aqueles grãos. Fui autorizado a fazê-lo e estendi-me de costas sobre o café. Que cheiro agradável! Mas os grãos eram duros e passado um pouco já me doíam as costas. Levantei-me e fui ver as danças que os habitantes da sanzala faziam rodeados pela tropa.



Dançando para os “tropa” em Vista Alegre

O Soba

A seguir a esta festa fui dar uma volta pela sanzala, entretive-me a conversar com o Soba, a quem pedi para tirar uma fotografia a seu lado, coisa a que prontamente acedeu, ajeitando o chapéu de palha – uma verdadeira obra de arte – e tomando uma posição de pose. Feita a fotografia, agradeçi-lhe e continuei a passear pela sanzala.



Com o Soba de Vista Alegre

Não estávamos habituados ao contacto com este pessoal, que nasceu e continua a viver no mato. Não era desagradável de todo, talvez porque sentiam que a tropa lhes dava protecção. Parecia até que alguns dos maiores desejavam o contacto com os tropas, procurando, talvez por instinto o pessoal “graduado” da companhia, apesar de em zona de guerra não usarmos as divisas ou galões, como já expliquei. Penso que o facto de eu usar óculos era uma boa pista para eles.

Mas ali, não havia distinção de postos, com excepção do Comandante de Companhia, a quem obrigatoriamente tínhamos de chamar, ao dirigirmo-nos à sua pessoa “Meu Capitão!”, o que tornava quem de perto estava, a olharem-no com desconfiança. A tropa era assim e nada havia a fazer!

Passaríamos mais uma noite naquele sítio e na manhã seguinte receberíamos ordens que podiam ir de termos de partir para outra operação ou regressar ao Grafanil.

Havia que comer uma vez mais da ração do combate. Nessa tarde não consegui arranjar pão. Outros provavelmente se teriam antecipado e quando fui em busca da bucha, já não havia.

Lá foi mais uma refeição com a intragável bolacha da ração de combate.

Perigos dos sítios mais quentes!

Passámos mais uma noite na Vista Alegre. Alguns soldados ao saberem que havia ainda um pelotão em operações, desenrascaram-se, foram à caserna e conseguiram arranjar cama onde se estenderam um bocado! Eu, não querendo ficar outra noite ao relento, procurei abrigo debaixo de um alpendre que havia por ali. Sentei-me, costas contra a parede, arma entre as pernas, com o “poncho” vestido. Estava quase a adormecer...

- É pá! - Ouvi alguém a dizer-me.

- ÁÁH!

- Toma cuidado! Esse sítio é o mais quente e por isso as cobras costumam aproveitá-lo para passar a noite.

- Pôrra! – Disse eu, levantando-me de um salto

E fui para a viatura estender-me no banco de trás. A “cama” era dura mas o cansaço venceu e só acordei já era madrugada.

Seguindo mais uma vez para rumo incerto

Nova ordem para esse dia: “O nosso pelotão irá para determinado local, já indicado ao Alferes, fazer uma emboscada!”

- Mas porquê o nosso pelotão? - Perguntei ao Alferes!

- Ordens do Comandante de Companhia - foi a resposta!

- Ó pá, não se pode ser bom – disse eu em voz alta de modo a ser ouvido, o que provocou o sorriso amarelo de alguns soldados, nada convencidos do que eu acabava de dizer. Quando era necessário avançar, o terceiro pelotão era sempre o primeiro a alinhar.

Lá fomos para o local indicado, emboscando-nos o melhor possível. Uns deitaram-se sobre o capim, raro naquela zona. Os chefes de secção encostados a árvores de onde poderiam descortinarem mais longe uma possível progressão do IN, embora estando mais expostos. Estávamos a matar o tempo, mas era necessário. Outros militares andariam a caminhar por outros sítios, tentando que o IN ao descobrir a sua posição, fosse cair na emboscada montada pelo nosso pelotão.

Conhecedores como eram do terreno, sumir-se-iam na mata. Passava do meio-dia, já tínhamos "almoçado" da ração de combate - uma lata de sardinha de conserva que tornava a bolacha da ração menos intragável, um gole de água do cantil, guardada a lata vazia da sardinha no bornal, esperávamos ali já há muito tempo.

Finalmente terminou a operação, ordem de voltar ao acampamento dada pelo passa-palavra. Uma vez mais, nada tinha acontecido!

Já o restante pessoal da nossa Companhia se encontrava também de regresso. O sol estava no seu ocaso, escondendo-se para além da densa mata por onde teríamos de passar ao voltar a Luanda, o que não seria nada agradável, atendendo à hora. Finalmente veio a ordem: a Companhia pernoitaria no local e no dia seguinte, depois do "pequeno-almoço", iniciaria o regresso ao Grafanil.

Assim fizemos, e à noitinha passámos por Luanda em direcção ao Grafanil, onde chegámos já noite fechada.

Jantei do que havia, ração de combate. Depois de um banho refrescante até soube bem.

Procurámos boleia para Luanda. Alguns conseguiram-na. Eu fui um deles. Era grande o desejo de sentir a cidade! Afinal Luanda era a mesma: pessoal a passear, as esplanadas cheias, canecas de cerveja vazias.

Fui até à marginal cheirar o sabor da maresia. Sentado num banco ia espriando a vista pela Avenida em semicírculo, que ia desde a ponte que dá para a ilha até ao porto de Luanda. Mais ou menos a meio, no último andar de um prédio de muitos andares havia um novo letreiro luminoso " L'Etoile Bar".

"Mais um sítio onde gastar uns angolares", pensei. Qualquer dia vou até lá. Combina-se com a malta e vamos beber um whisky. Olho para o relógio. Eram horas de regressar. A viatura estaria à nossa espera na Mutamba. Amanhã será outro dia. Um dia diferente dos anteriores, esperamos. E assim foi.

Serviço à Companhia, serviço ao Batalhão, conforme a escala. Era como se estivéssemos em qualquer Unidade no Continente. Quem não estava de serviço ia à noite até Luanda e depois regressava ao Grafanil próximo da hora do recolher. Ficava muito tempo da noite para desfrutar mas não podíamos perder esse tempo! E vai de pensar em resolver o problema... Juntaram-se alguns Sargentos e resolvemos alugar um quarto na cidade. Toca de comprar um jornal e procurar nos anúncios onde alojar meia dúzia de pessoas, porque assim ficava mais barato. Encontrámos um que nos pareceu apropriado. Ficava na Rua dos Caminhos-de-ferro. Procurámos pela tal rua.

Ninguém sabia! Socorremo-nos de uma Esquadra da PSP, que ficava ali para os lados da Mutamba.

- É onde fica a Messe do Oficiais da Força Aérea! Sabem onde é? Pelo número de porta, deve ser em frente à Messe.

Para lá nos dirigimos. Vimos o quarto e combinámos o aluguer. Era numa casa de rés-do-chão, tipo colonial, com uma varanda lateral, que o telhado avançado cobria. As camas eram de madeira - um colchão de arame com quatro pés e uma tábua que segurava o travesseiro - bem melhores do que as da tropa.

O quarto estava livre e na noite seguinte poderíamos ocupá-lo. Assim ficou acordado. E assim o cumprimos. Por vezes jantávamos no Grafanil, poupando uns angolares, que afinal eram gastos na cidade em cervejas e marisco.

25. SEGUNDO NATAL PASSADO EM ANGOLA - 1963

A 24 de Dezembro de 1963, estava a nossa Companhia de serviço ao “Cinturão Verde”, zona de protecção da cidade de Luanda, com arame farpado desde o aeroporto até aos “Muceques”. A missão de que estávamos incumbidos era controlar as entradas e saídas da cidade.

Tínhamos jantado isolados. Teria de haver cuidados redobrados, já que a noite seria propícia à entrada do IN.

Os cigarros, únicos companheiros com quem conversávamos no silêncio da noite, eram consumidos rapidamente entre as mãos ou dentro do capacete para não podermos ser localizados. Cigarro atrás de cigarro, foram consumidos os três maços que tinha levado para esse dia. “E agora? São 23H00. É dia de ceia. Está tudo fechado. Como vou passar o resto da noite?” Bem, chamei o condutor do jipe, o Tavira, que apareceu meio ensonado:

- Diga, meu Furriel.

- Vamos aos “Muceques”. Preciso de cigarros e pode ser que por lá esteja ainda alguma tasca aberta.

Fomos andando, devagar, vendo o estado do arame farpado. Tudo em ordem, menos a tal tasca que poderia estar aberta. Parámos. O silêncio parecia total, até que da loja do cabo-verdiano saíram dois pretos cambaleando de bêbados. Aproximámo-nos e os pretos fugiram conforme podiam, desaparecendo na escuridão. Entrei na loja e pedi dois maços de cigarros. Paguei e fiquei encostado ao balcão, aconselhando o homem a fechar a loja para evitar problemas como aquele a que tinha assistido e ir consoar com a família.

- Não tenho cá família - disse-me ele. Está na minha terra, em Cabo Verde.

- Então o que faz aqui sozinho a estas horas?

- Estou a ouvir esta música. E aumentou o volume do rádio para eu ouvir também...

A Rádio Ecclésia transmitia músicas de Natal. A que comecei a ouvir foi “Noite Santa, Noite Serena”, cantada pelo conjunto coral “Os Pequenos Cantores de Viena”.

Automaticamente a minha mente mudou-se para a Gafanha - os meus filhos, a minha mulher, os meus pais, enfim, a minha família ... A ceia de Natal na casa do forno. Estavam tão longe, e ali tão perto na minha memória!

Abandonei a loja, acenando com a mão ao cabo-verdiano sem o olhar para não ser traído pelas lágrimas que me corriam pela face abaixo.

Chegado à viatura fiz um gesto ao condutor para que seguisse.

- O meu Furriel está bem? – Perguntou o Távira.

- Segue...

Ordenei com um sinal feito ao condutor.

Quando um homem chora tem com certeza uma razão muito forte para o fazer!

26. COLUNA DE REABASTECIMENTO

Os dias iam passando. Tudo parecia bem, embora estivéssemos cientes de que de um momento para o outro podia haver “borrasca”.

E assim foi. Chegou uma ordem: preparar a Companhia para ir fazer a segurança a uma coluna de reabastecimento que irá até São José de Encoje. Mais uma vez o meu mapa foi consultado. Era longe e tínhamos de passar pelo coração dos Dembos. Bem, é só passar. Ali não havia, agora, notícia de grandes “*makas*”.

Íamos passar por Nambuangongo. Veio-me à memória a reportagem que tinha ouvido ainda no “Puto” do Artur Agostinho na Emissora Nacional a bordo de um PV2, aquando da tomada da povoação, que os terroristas já consideravam como a “sua” capital. Uma reportagem impressionante, que nunca mais consegui ouvir. Enfim, coisas da política. E de política não percebo mesmo nada!

Era ainda madrugada quando se começou a organizar a coluna. Abria com um Unimog, seguido de duas viaturas civis de carga, até que terminava já com uma extensão apreciável. A segurança era feita por dois pelotões, portanto seis Unimogues, mais dois Jipes dos Comandantes de Pelotão onde estavam instaladas as transmissões. Como não havia notícia de minas no percurso, na frente seguia uma das viaturas civis conhecedora do caminho.

Tudo organizado, saímos de Luanda, passámos por Cacucaco e, depois, por fazendas onde se trabalhava e por povoações de que desconhecíamos o nome. O pó levantado pela coluna era um suplício! Nem o lenço verde nos valia de muito, embora ajudasse. Óculos no bolso, de vez em quando o lenço era tirado para sacudir o pó acumulado. Agora era a povoação do Caxito. Passámos adiante. Agora Balacende. Este nome diz-me qualquer coisa... ah, já sei, foi aqui que no início das “*makas*” estive um pelotão de companheiros que fizeram comigo a recruta no R.I.10, de Aveiro. Era um lugar terrível. Quando havia operações nocturnas, especialmente emboscadas e havia nuvens altas, as luzes da “Cidade Grande” - Luanda - projectavam-se nas nuvens e a imaginação, na escuridão, traçava a vida da noite de Luanda e o contraste com o lugar onde eles estavam. Houve até um que era ali dos lados da Curia, que ficou mesmo “apanhado”. Imaginem só, tentou fazer um violino com tábuas de um caixote de sabão! Adiante...

Nambuanguo

A nossa viagem decorria normalmente. O nosso objectivo era ir pernoitar a Nambuanguo. Era princípio da tarde, a marcha era lenta e felizmente não houve avarias, nem o IN se manifestou até esta altura. Ao entardecer começámos uma subida de vários quilómetros. Lá no alto vimos uma povoação. Só à entrada vimos uma placa com o nome: "Nambuanguo".

Ordem para a coluna estacionar no largo da igreja. Olhei em volta. Uma pequena povoação com casas de comércio. Ah! Ao fundo, na parte mais alta lá está a Igreja onde foi içada a Bandeira Nacional quando da tomada da povoação pela tropa portuguesa. As suas paredes antes crivadas de balas, estavam agora bem rebocadas e caiadas de branco. A bandeira continuava lá, bem no alto da torre!

Tudo aquilo eram símbolos. A Igreja, a sua torre, a bandeira a flutuar à aragem quente do fim de tarde. Símbolos que tinham para nós muito valor!

Comi a bucha olhando para aquilo tudo. Com o cair da noite as coisas iam desaparecendo, ficando apenas a imaginação a trabalhar.

Até São José de Encoje

Procurei o Alferes para saber qual o caminho que iríamos tomar na manhã seguinte, já que sabia pelo mapa que havia dois. Um pelotão seguiria a escoltar parte das viaturas, para Bessa-Monteiro e Zala, e o outro com as restantes para São José de Encoje.

“Hum... Qual dos dois será o pior?!” interroguei-me. Se fôssemos para Bessa-Monteiro e Zala havia sempre a possibilidade muito provável de se ouvir o “Tango dos Barbudos”. Esta possibilidade seduzia-me, não sei porquê! Masoquismo?!

Encoje era muito mais longe e, além disso, havia uma operação militar na zona por onde teríamos de passar o que com tantas viaturas poderia causar-nos problemas!

O Alferes Miranda também não sabia, de modo que tínhamos de esperar para a madrugada seguinte, até que ele recebesse ordem de marcha. Dormimos onde calhou, e como calhou!

Chegou a madrugada e com ela as ordens:

- Então, meu Alferes?
- O outro pelotão vai para Zala. Nós vamos para São José de Encoje.

Não sei se fiquei triste se contente! Mas ali cumprem-se ordens e está tudo dito. Não vale a pena tentarmos pensar por nós. As ordens vêm de “cima” e nós “só” temos de cumpri-las!

Ordem para preparar a coluna. Ordem para iniciar a marcha...

Começou mais uma jornada de pó e calor. A picada até nem era muito má: pouca curvas, muitas subidas e descidas. A marcha era lenta, mas contínua. Assim andámos umas horas, até que a paisagem se ia modificando.

Agora seguimos pelo cume de uma serra. Ou melhor, não era bem pelo cume, a picada tinha sido feita uns dois metros abaixo do cume. À direita tínhamos a encosta que descia até a um vale profundo onde, lá muito em baixo, havia uma mata cerrada.

À esquerda existia uma muralha constituída por uma serra, que tanto nos podia proteger, como servir de lugar para nos emboscarem e atacar-nos à granada de mão. Seguimos viagem com estes meus pensamentos na cabeça.

Mais umas horas de viagem, com o rame-rame das viaturas, hora acelerando, hora reduzindo a velocidade, conforme o terreno. A nossa vontade lentamente ia adormecendo.

De repente, de além do cume da serra vem um som nosso conhecido: o “Tango dos Barbudos”.

Ouvia-se um pouco ao longe mas por precaução mandei parar a minha viatura, a primeira da coluna. Desci com dois homens para saber se haveria perigo por perto. Seguimos em direcção ao cume da serra e ao chegar perto rastejámos, não fosse alguma bala perdida atingir-nos. Observámos e vimos que a seguir ao cume o terreno voltava a descer para um vale profundo com mata, que continuava na contra encosta. Era daqui e do vale que vinham os tiros. Possivelmente alguém tinha sido apanhado numa emboscada no vale e estava a reagir a ela. Era longe e para nós não havia perigo. Estávamos protegidos pela serra e seguimos caminho.

Esta cena lembrou-me uma outra que havia lido nas “Seleções do Readers Digest” sobre a Batalha de Guadalcanal (salvo as devidas proporções). Como observadores, a nossa posição era a mesma.

Devíamos estar perto do nosso destino. Os tiros ouviam-se cada vez mais longe e a picada era agora mais cómoda. O cume tinha acabado transformando-se num planalto. Era nesse planalto que ficava o nosso destino. Já se avistava uma bandeira, de que mal se distinguiam as cores, comidas pelo tempo e a intempérie. A Bandeira Nacional.

Chegámos. À entrada da povoação um grupo de soldados estava a dar sepultura a um colega que no dia anterior havia falecido em combate, quando a sua unidade sofreu uma emboscada. Parámos. Os soldados continuaram no seu serviço. As primeiras pasadas daquela terra dura de Angola ao baterem no caixão produziam um som lúgubre, que jamais irei esquecer!

Mais um, por Angola!

As viaturas iam agora descarregar o mais rápido que lhes fosse possível para podermos iniciar o regresso ainda nesse dia. Entretivemo-nos por ali,

conversando com os militares que estavam na zona, e com os camionistas civis a quem fomos fornecer segurança.

Os militares eram como nós, voluntários à força! Os civis iam voluntariamente, porque era zona de guerra e “dava” mais dinheiro. Além disso convinham à tropa, pois eram grandes conhecedores da zona!

Finalmente terminou o serviço de descarga. Embora fosse já meio da tarde, o Comandante do Pelotão deu ordem de regresso. Passaríamos mais uma noite em Nambuangongo. Só na madrugada seguinte seguiríamos para Luanda.

Assim foi, e no princípio da tarde chegámos ao Grafaniil!

Finalmente! Não porque tivéssemos medo, mas a responsabilidade pesava-nos muito, como pesava aos militares aquartelados pelos locais onde passávamos, patrulhando os caminhos onde havia mais possibilidades de o IN nos montar uma emboscada.

27. NOVAMENTE EM LUANDA

Serviço ao Cinturão Verde

Era um serviço chato, desgastante, com os soldados distribuídos em grupos de três (esquadras) por diversos postos, entre o aeroporto e um pouco a Norte na estrada de Catete, junto aos “Muceques”. Havia um jipe onde era feita a ronda.

Apesar de o calor naquela altura ser sufocante, tínhamos de andar devidamente fardados, com o fato de combate. Na zona não havia árvores excepto raros embondeiros. Era um suplício passar a vida a olhar para o nada durante o dia. Durante a noite era necessária uma maior atenção.

Por vezes tínhamos o espectáculo dos pára-quedistas, que nos seus treinos semanais, saltavam sobre o aeroporto mesmo ali ao lado. Um dia, creio que era domingo, ia eu com o condutor de jipe a fazer a ronda para os lados do aeroporto e os “páras” andavam em treino de salto. Parámos para apreciar melhor o espectáculo.

- Olhe, olhe, meu Furriel, o pára-quedas daquele não abriu!

Olho, e vejo um homem chegando à terra com o pára-quedas fechado! Ouve-se um baque...

- Aquele já lerpou... - diz-me o condutor.

Vida boémia em Luanda

Era assim a vida em Luanda. Vida boa para quem lá estava. Findo o serviço diário, era um ver se te avias a ir para a cidade. Despir a farda tomar um bom banho, vestir a roupa "civil" e aí íamos nós até à baixa. Para os mais sequiosos o destino era a Biker onde, com cada caneca de cerveja, era oferecido ou um pires com torresmos fritos salgados (coiratos) ou um pires de dobradinha com muito gindungo!

Sabia bem e com este "pé" a cerveja não subia à cabeça. E se subisse?! Até nos dava a ideia que o dia seguinte não seria de muito perigo!

O meu irmão Plínio estava a terminar a sua comissão. A família do Sr. Nero ofereceu-lhe um jantar de despedida, para o qual fui convidado. Arranjei emprestado um gravador portátil e resolvi gravar a festa. Festa rija. Dela constava, além de outras iguarias, chanfana de cabrito bem temperada com gindungo. A bebida era vinho tinto do "Puto", daquele que era vendido em garrações de cinco litros, com "capacete" como nós dizíamos. A rolha era

lacrada com gesso, para evitar que fosse violada, o que nem sempre acontecia.

Só me lembro do início da festa. Comemos bem, bebemos melhor, cantámos. Não sei porque cantei! Afinal eu não ia regressar. Era o meu irmão que regressava!

No dia seguinte acordei na minha cama, no quarto que tínhamos alugado, e só aí me contaram o que tinha acontecido:

- Era noite velha, quando ouvimos ruído na estrada em frente à casa. Olhámos para a tua cama e estava vazia. Sabíamos onde tinhas ido jantar, mas era muito tarde para chegares. Dois de nós saímos do quarto e fomos ver o que se passava na rua. Demos contigo sentado no passeio, encostado a uma árvore, abraçado ao gravador a tocar... e tu dormias! Trouxemos-te para a cama onde continuaste a dormir. Agora toca a levantar, toma uma chuvaçada, que temos de ir para o Grafanil!

E assim continuava a vida na cidade onde nos encontrávamos, e naquela tropa a que pertencíamos. Vida de cidade demasiado agitada para o ambiente a que estávamos habituados.

Arame farpado, para quê?!

No dia 10 de Janeiro de 1964, fomos substituir a 307 que ocupava a área Cabo Ledo/Muxima. Viajar cedo, pela fresca, era o lema. Lá fomos em direcção a Cabo Ledo, sempre em direcção ao Sul, junto à costa. Tivemos de atravessar o Rio Quanza, mesmo junto à foz. Havia uma barcaça grande – podia com uma GMC carregada – com dois potentes motores fora de borda, que fazia a travessia.

A Companhia 307 já tinha regressado ao Grafanil, pelo que tínhamos as suas instalações disponíveis. Sempre para Sul íamos andando e observando. Atravessado o rio tínhamos entrado na reserva de caça da Quissama.

Mais a Sul começámos a ver uma torre que deitava fogo. As informações colhidas em Luanda, pelo Sr. Nero, permitiam-me afirmar com certeza que aquele era o poço de petróleo de que nós iríamos ser os guardas enquanto ali estivéssemos.

Chamavam "O Tobias" ao poço. Estava calculado que as suas reservas dariam para alimentar o "Puto" e o ultramar durante dezoito anos!

Enfim, chegámos. Toca a descarregar e arrumar as coisas e a preparar a pernoita. Feito isto, descansámos, observando o ambiente à nossa volta.

Perto do aquartelamento estavam as instalações da companhia petrolífera, com as suas casas, as suas máquinas, tudo cercado por arame farpado. Ali era o verdadeiro coração da exploração petrolífera. Ao longe divisava-se a savana. Mas arame farpado ali, para quê? Só no dia seguinte soube a razão, dada por um elemento da petrolífera:

- Vê aqueles burros de mato? - Explicou um indígena - se deixamos uma porta aberta na rede, entram todos por ali dentro e, como o espaço é pouco e estão acostumados a andar à vontade, põem-se aos coices uns aos outros e já têm provocado avarias nas tubagens. Só conseguimos afugentá-los com um jipe atrás deles!

Admirado inquiri:

- Mas por que vêm eles para aqui, se nem pasto há para eles comerem?

- Ora, na Quissama há muitos leões e estes preferem para sua alimentação os burros do mato a qualquer outro animal! Eis a razão porque eles se refugiam junto de nós.

Esta não sabia eu, e pensei com os meus botões, tudo tem uma razão, um porquê!

Passámos uns dias a reconhecer o terreno e as praias. Tudo parecia calmo. Calmo demais para o meu gosto. As praias, com um mar sereno, passados os primeiros tempos, passaram a ser aborrecidas. Era tomar banho, dar uns mergulhos e regressar ao acampamento. O mais violento era a ribanceira que era preciso vencer, quase escalar, para se chegar cá acima!

Um problema num dente obrigou-me a ir a Luanda ao Hospital Militar. O médico da nossa Companhia tinha sido evacuado para o Continente por doença. Obtida a Guia-de-Marcha, dirigi-me à petrolífera a saber se haveria boleia para Luanda. Que sim, que o avião da companhia viria nessa tarde trazer umas peças para uma máquina que tinha avariado, e regressaria ainda nesse dia a Luanda. Havia dois lugares vagos, eu ocuparia um.

Agradei, e dirigi-me ao quartelamento, aguardando.

Ao princípio da tarde lá veio o Teco-teco, um Auster, que se fez à pista e aterrou, abanando as asas. Dirigi-me para lá e aguardei que o avião descarregasse. Chegaram os outros passageiros. Embarcámos e eu tomei o lugar que me foi indicado, ao mesmo tempo que me deram um pequeno saco de papel impermeável:

- "Para utilizar se precisar" - disseram-me! Agradei.

O avião levantou, e quando sobrevoava o pantanal que ladeava o rio Quanza, foi avistada uma manada de elefantes.

- O nosso Sargento autoriza (!?) que demos uma volta para vermos melhor a manada?

- Dêem as voltas que quiserem, eu também gosto de os ver ao vivo, já que é a primeira vez que o faço.

O pedido de autorização era afinal para saber se eu ia bem-disposto!

Demos umas voltas apreciando aquele espectáculo extraordinário e seguimos em direcção a Luanda, onde aterrámos pouco depois.

Tentei saber quando havia avião para Cabo Ledo mas não me souberam informar! Teria de me desenrascar pelos meus próprios meios.

No dia seguinte fui ao Hospital Militar onde me arrancaram o dente, me deram umas pastilhas LM e me mandaram de regresso para a petrolífera.

Agora tinha de me desenrascar. O pessoal do nosso Batalhão estava no Grafanil. Passei por lá. Sorte minha. Encontrei o Vagomestre da nossa Companhia, o Furriel Cura, que tinha vindo a Luanda com uma GMC, à Manutenção Militar buscar reabastecimento para a Companhia. Na manhã seguinte, bem cedo, seguiria para Cabo Ledo. Aproveitei a boleia. Manhã fria, e nós íamos em cima da carga. Na cabine ia salvo erro o Alferes Barata. Chegámos ao princípio da tarde.

28. MUXIMA

Outra vez no Grafanil. Mais uns dias e fomos chamados ao Comando da Companhia.

- O 3º Pelotão está destacado para a Muxima.

Ficámos satisfeitos. Íamos conhecer a terra que o "Duo Ouro Negro" tão bem cantava! Além disso teríamos de atravessar toda a Reserva de Caça da Quissama, e isso para mim era um prémio. Preparámos tudo e aguardámos ordem de marcha, que veio no dia seguinte.

Deixámos o Aquartelamento de manhã cedo, aproveitando o ar fresco da noite. Passámos pelo "Tobias" e seguimos pela picada que nos conduziria à Muxima. Entrámos na reserva de caça. Os primeiros animais avistados foram uma manada de burros do mato, pastando pacientemente. Ao ouvirem o ruído dos motores das viaturas ergueram as orelhas, olharam e, como não havia motivo para alarme, continuaram a alimentar-se.

Íamos andando e observando a paisagem. Aqui, capim baixo; além alguns arbustos; mais além, junto à picada, viam-se árvores frondosas que só tinham folhas nos ramos mais altos! Porque seria?! Ao aproximarmo-nos soubemos a razão. Era a zona onde pastavam girafas. Embora os seus pescoços fossem enormes, não conseguiam atingir o cimo das árvores. Ao notarem a nossa aproximação fugiram rapidamente, com o seu andar desengonçado.

- É pá, o que é aquilo?!

Todos se puseram de pé em cima das viaturas a olhar! Eram centenas, eu sei lá, talvez um milhar de Cefos, uma espécie de palanca de cor cinzenta. Na sua fuga sobre o capim baixo, pareciam ondas do mar.

Como seria se em vez de Cefos fossem zebras?

- Será que por aqui há zebras? - Perguntou um soldado, imaginando como seria o espectáculo!

- Vamos andando, pode ser que a gente tenha sorte - disse eu - Nesta reserva há muita qualidade de animais. Até leões.

- Leões?! Interpela um soldado. Isto mete medo!

- Nós temos armas, mas não podemos matar os animais. Isto é uma reserva protegida! - Retorqui. - Só se formos atacados é que podemos defender-nos!

- Olha, olha - diz o condutor - ali à esquerda!

Sorte nossa. Era como se estivéssemos a ver um filme - uma manada de zebras, algumas com filhos ainda pequenotes, corriam a par connosco e tentavam atravessar a picada.

- Cuidado! - Grito eu para o condutor - Olha que elas não param.

As mais fortes tinham-se interposto entre nós e as pequenas, tentando assim protegê-las.

- Pára! - Voltei a gritar...

O condutor travou, e os animais começaram a atravessar. E nós ali parados a ver aquele espectáculo maravilhoso. Eram centenas que passavam à nossa frente. Era como se estivéssemos sentados numa sala de cinema a olhar o ecrã. Só que ali o espectáculo era ao natural.

Finda a travessia, foi como se o projector se apagasse e se acendessem as luzes da sala. Acabara o espectáculo!

Seguimos viagem. Mais além, pequenos animais pastavam. Eram gazelas que, ao mesmo tempo que pastavam, abanavam rapidamente o rabo. Ao darem por nós, puseram-se em fuga, dando grandes saltos, desproporcionados para o seu tamanho. Outro grande espectáculo, mas nada comparável ao anterior! Eram poucas e afastaram-se da picada, não sendo necessário parar.

Íamos andando e observando.



Ao fundo a Fortaleza da Muxima

Chegámos finalmente ao nosso destino. Primeiro descortinámos a fortaleza, por entre as árvores. Depois uma e única "rua" larga, do lado direito o Hotel, uma construção em contínuo, de rés-do-chão. Mais adiante a Casa da Administração, quase por trás da igreja. Lá estava ela, majestosa na sua pequenez, com a torre mesmo junto ao rio Quanza, que parecia querer banhar-lhe os alicerces!

Foi-nos indicado o aquartelamento onde iríamos ficar. Um bom local, com casas em argamassa, à saída para Novo Redondo. O rádio ficaria instalado na Fortaleza, situada numa elevação para poder atingir uma longitude mais ampla. Uma esquadra iria fazer a segurança do pessoal das transmissões diariamente.

Instalámo-nos e fomos dar uma volta pela localidade (cidade?). Só tinha uma rua, como disse. Para quem vinha do Cabo Ledo todas as construções ficavam à direita da rua, com excepção de um armazém, do cais de embarque e da igreja.

A Muxima fora dada a conhecer pela canção do Duo Ouro Negro e mais tarde ampliada pela nossa imaginação. Não era o que estávamos a ver... Pelo menos havia vida. Vimos um pescador a pescar naquele rio imenso. Vimos mulheres com enxadas ao ombro, que concertiza vinham das machambas, onde estiveram a trabalhar. Além da enxada, lá vinha o filho às costas. Não sei como elas conseguiam trabalhar com o filho em posição tão precária, certo é que o fazem.

Meu Deus, esta gente é tão calma. Nada parecido com o que se via no "Norte", em que os rostos nos pareciam sempre crispados, quando nos olhavam. Era esta a verdadeira Angola dos meus sonhos!

Por aqui há poucos brancos. Uma meia dúzia deles, se tanto. Na altura passava por nós um deles, chapéu de pano na cabeça, que se apresentou:

- Eu sou o enfermeiro civil cá do sítio. Se precisarem de alguma coisa é só dizer.

Aproveitei para obter informações sobre o "burgo":

- Aquela casa, lá em cima, é a do médico (ficava num alto, quase fora da povoação); a outra, mais abaixo, é do governador Lencastre (O governador da Muxima); o "Hotel" é de uma senhora cinquentona, que é deficiente física; tem uma perna mais alta do que a outra. A Casa da Administração fica quase por trás da igreja.

E assim íamos ficando ao corrente do que era a Muxima, naquela data.

- E terrorismo, como é? – Eu quis saber!

- Em 1961 houve alguns problemas, especialmente em Novo-Redondo. Aqui o pessoal organizou-se, os pretos não deram apoio aos terroristas e eles nunca mais por cá apareceram!

- Boa – disse eu. Assim podemos andar mais descansados, no entanto é bom desconfiar sempre deles. Aquilo que eles fizeram nos Dembos, é caso para estar sempre de pé atrás.

Os tempos do "Norte" acabaram. As seguranças às colunas de reabastecimento também. Com essas operações ficámos a conhecer muitas

terras dos Dembos: Nambuagongo, Quipedro, São José de Encoje, Vista Alegre...

Agora, aqui na Muxima, a fazer lembrar o Duo “Ouro Negro”, é um descanso. Com o rio Quanza mesmo aqui ao lado, um rio tenebroso, de grande caudal e profundidade. Tinha chovido há dois dias para o lado da sua nascente e a barragem de Cambambe, para nascente da Muxima, teve de fazer uma descarga de segurança. O rio subiu mais de um metro.

Eu estava com o enfermeiro civil no cais de embarque, quando vejo uma cena algo estranha! Rio abaixo vinha uma ilhota com um coqueiro e uma cubata! Chamei a atenção do enfermeiro que me informou ser natural. Os pretos gostam de ter as suas habitações junto à água e de vez em quando, e quando a chuva é muita, sofrem destes dissabores.



O Rio Quanza visto da Fortaleza da Muxima

O tempo depois da chuvada tinha ficado quente. Resolvi ir até à caserna, um armazém cedido pela administração. Sempre era mais fresco.

Tirei a camisa, que dependurei na barra da cama, e para ali fiquei naquela modorra, com os olhos fechados, saboreando momentos de paz que por fim encontrei.

Pouco depois ouço alguém a caminhar na direcção da entrada da “caserna”! Era a lavadeira, uma pretinha dos seus dezoito anos. Como não se apercebeu que eu estava na caserna, entrou olhando em volta. Logo atrás vinha um soldado e perguntou-lhe, tentando meter conversa:

- Vens buscar a roupa para lavar?
- Sim. Os tropa disse que havia roupa para lavar!
- Está ali dentro - diz o soldado.

E leva a moça para o fundo da caserna. Puxo o “quico” para a frente dos olhos e fico curioso com a conversa do soldado para a lavadeira.

- Olha, dou-te dez angolares!

“Mau - pensei eu - aqui há mais do que roupa para lavar”.

- Tá bem, então dou-te vinte escudos do “Puto”.

Ela continuava a não estar convencida. Ele insistia:

- Vinte escudos é muito dinheiro, além disso eu sou sargento - disse o soldado.

Olho para onde tinha colocado a minha camisa. Não estava lá!

A moça, já irritada, diz:

- No mataco não, nem qui fora um Tinente”.

Pegou no braçado da roupa e saiu da caserna...

29. FAZENDA DO PAI DO FERNANDO

- Amanhã vamos almoçar à fazenda do pai do Fernando - diz-nos o Alferes. Vão dois Unimogues e o jipe. Temos de estar lá antes do meio-dia.

Sempre tínhamos ouvido falar daquela fazenda. Todas as semanas o Fernando (rapaz ainda novo), passava pela Muxima, atracava o seu barco no cais, indo sempre perguntar se era necessário trazer alguma coisa de Luanda.

Era ele que fazia os transportes marítimos da Muxima, num barco em chapa de ferro já com um certo arcaboço, ao qual tinha aplicado um motor para mais rápido se deslocar sobre as águas do rio.

Carregava o barco na fazenda e, seguindo rio abaixo, atracava na fazenda "Bom Jesus", onde tinha uma camioneta de carga que transportava tudo para Luanda para ser vendido no mercado. No regresso, atracava na Muxima, descarregando as encomendas para quem lhas tivesse pedido e seguia viagem até ao destino.

Era um rapaz simpático, de poucas falas, e sempre pronto a ajudar quem precisava.



O barco do Fernando na Muxima

A fazenda não era muito longe. Seguimos pela estrada que leva a Novo Redondo e cerca de uma hora depois virámos à esquerda até chegar à fazenda.

Mais adiante começou a ouvir-se um ruído estranho vindo do meio de uma plantação de palmeiras. Bem, o Alferes ia à frente; era a ele que competia indagar! Avançámos com cuidado, até que pouco depois vimos, à esquerda da estrada, uma espécie de instalações em madeira que, pelo seu aspecto,

deviam ter largos anos de vida. Ficavam num alto. Era uma pequena fazenda, que se dedicava à exploração de óleo de demdem. Parámos!

Os pretos, funcionários da exploração, pediram-nos para esperar, que o patrão já vinha... “Nós foi chamar o patrão que estava do outro lado” - querendo dizer que estava longe.

Enquanto esperávamos íamos observando, no meio do palmar um pequeno armazém de madeira, um "telheiro" que resguardava as máquinas das intempéries, e uma quantidade de bidões que serviriam para guardar o óleo. Pouco depois chega o "branco", encarregado da exploração. De corpo forte, embora não fosse muito alto, barriga proeminente, descia apressado em nossa direcção. O seu aspecto parecia o de quem não vê higiene há muito tempo, ou talvez o sol de África lhe tenha escurecido a pele e o óleo, as roupas.

Chega-se junto ao Alferes, abraça-o com força, e põe-se a chorar copiosamente!

- O meu Alferes, há tanto tempo não via um branco!

- Então o Fernando não passa por aqui? - perguntou o Alferes.

- Não, ele faz as suas viagens sempre pelo rio. É mais rápido e menos perigoso.

Este rapaz tinha trinta e poucos anos, embora o seu aspecto deixasse transparecer muito mais. Contou-nos que era da região de Almeirim, que tinha pertencido ao Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca. Tinha feito a tropa e emigrado para Angola. Depois de diversos empregos em diversas cidades, resolveu vir para o mato onde se ganhava mais, estando neste local já há uns anos.

- E como foi durante as “*makas*” de 1961? - Perguntou-lhe o Alferes.

- Nós tivemos sorte, assim como os pais do Fernando. Como nos dávamos bem com os assalariados negros e as nossas fazendas ficavam fora da estrada principal, nunca fomos incomodados.

Seguimos viagem, até ao nosso destino.

Chegados, fomos apresentados à família. O pai do Fernando, casado com uma senhora preta, tinha três filhas e dois filhos. O terreiro onde se encontravam as habitações era ladeado num dos topos pela habitação da família; no lado oposto estavam as habitações dos serviçais.

No centro do terreno havia uma árvore frondosa, debaixo da qual tinham montado uma mesa extensa, com toalha, um prato e um garfo para cada militar!

Olhei para aquilo e pensei que aquele era bom exemplo de como deveria ser uma família portuguesa em África.

Íamos conversando e aguardando a hora do almoço. O que nos iriam oferecer? Chegaram dois panelões cheios de comida, que foram postos em cima da mesa. À ordem de avançar, cada qual servia-se do panelão e sentava-se à mesa. Arroz de pato! Estava cheiroso e sabia ainda melhor, pelos condimentos africanos que lhe haviam juntado. Uma maravilha! Nós esperávamos uma churrascada, por ser uma refeição normal naquelas paragens e por ser fácil de confeccionar. Mas eles capricharam. Melhor assim...

Era bem visível nos olhos do pai do Fernando a felicidade que sentia vendo a nossa satisfação. E começou a contar histórias da sua mocidade. Estava a “desabafar”, pareceu-nos.

O Bifanas, dirigindo-se ao pai do Fernando, lembrou-se de contar também uma história da sua mocidade:

- O Senhor sabe qual era a minha profissão quando era novo?

- Estás velho, estás! Qual era?!

- Empregado de mesa...

- E então, que tal? - Pergunta o dono da casa - davam-te muitas e boas gorjetas?

- Era conforme o cliente. Se era bom dava uma boa “gorja” e eu agradecia. Se era um cliente forreta e só dava uma moedita, eu punha-a na bandeja e fazia com o braço o gesto do “queres-fiado-toma”. A moeda ia cair direitinha no bolso da camisa. Eu nem lhe agradecia.

O pai do Fernando desatou a rir às gargalhadas com a piada. Apareceu-lhe um adversário à altura e ele sentia-se feliz.

Depois de bem comidos, ao meio da tarde regressámos à Muxima.

30. MUXIMA - SUBINDO O RIO QUANZA

Que rico tempo de tropa este! Passeando, lendo, ou pensando no que se esconderia naquelas matas na outra margem do rio.

- Ai o minino, acudam que ele morre afogado. Senhor “furier” acode! Gritam as moças que estavam a lavar roupa no rio.

Corro para a margem do rio e o que vejo?! O Zé cozinheiro a nadar contra a corrente, tentando atingir terra firme. Pensei em tirar a roupa e ir ajudá-lo, mas com a forte corrente que fazia, o mais provável era lerparmos os dois.

Então gritei-lhe, como que a dar-lhe uma ordem:

- Nada a favor da corrente, que eu vou lá abaixo ao cais de embarque e ajudo-te a sair da água!

Ele assim fez. Eu corri quanto podia. Ao ver a minha aflição dois soldados que andavam por ali a consumir o tempo, indagaram o que se estava a passar.

- É o Zé cozinheiro que se está a afogar – disse-lhes passando por eles sempre a correr.

Eles seguiram-me de imediato. Quando chegámos já o Zé tentava agarrar-se ao capim da margem e por fim às estacas do cais. Pusemos-lhe a mão e assim o ajudámos a subir.

Lá ficou, deitado de barriga para cima, a arfar no cais. Com tudo sereno, começou o gozo dos soldados:

- Com que então o amigo Zé a mostrar as suas habilidades natatórias às lavadeiras e ia ficando no rio. Tens cabelos loiros, olhos azuis e uma pele branquinha. Elas gostam é de cabelos encarapinhados e pele preta, da cor dos tomates.

Eu que tinha assistido ao drama do Zé, não gostei nada daquela brincadeira e tive de lhes dar dois berros para acabarem com aquela demonstração de mau gosto. O enfermeiro civil, avisado do sucedido, também apareceu no Cais a saber do que se tratava. Ao ver o Zé de fato de banho imaginou o sucedido, e tomou-lhe o pulso

- Está tudo bem? Tens frio?

- Sim - respondeu-lhe o Zé a tremer.

- Então vai para a caserna, embrulha-te num cobertor, e caminha até não sentires frio. Depois senta-te um bocado na cama, que isso passa.

E, dirigindo-se a mim, disse:

- Estes gajos não têm noção da força deste rio; facilitam e depois têm problemas destes. Se ele não tivesse obedecido à sua ordem a estas horas estaria no fundo do rio!

Este caso deixou-me estarecido, pois pus-me a pensar, no caso de ter havido um azar, como é que iríamos dar a notícia à família! Este rio sempre me meteu muito respeito, pela sua grandeza, pela força das suas águas.

Passei em frente à igreja da Nossa Senhora da Muxima. Estava fechada. Mesmo assim não deixei de parar por momentos e, mentalmente, agradecer à Senhora da Muxima o facto de o Zé estar vivo. Ele tinha passado em frente à Igreja nadando desesperadamente tentando salvar-se!

Fui à caserna ver como estava o Zé. Tinha-se deitado. Ao dar por mim levantou-se, recriminando-me:

- Para que levou o meu Furriel aqueles dois gajos consigo? Não conseguia dar-me a ajuda sozinho?

- Ó pá, eles é que me viram tão aflito e foram comigo para ajudar. Parece que ficaste envergonhado por eles verem a tua aflição! Deixa lá, felizmente tudo isso já passou tudo.

Inspeção na roça

Fui chamado ao Alferes Miranda, a quem contei o sucedido.

- Não sabia – diz-me ele – mas já que está tudo bem, melhor! Mas não foi por isso que o mandei chamar. Um fazendeiro de uma pequena roça que existe rio acima, veio avisar o governador, dizendo que pelas redondezas da roça andam a aparecer pretos desconhecidos, que não eram daquela zona e eu fui “convidado” para irmos lá almoçar amanhã.

- Mas a roça fica do outro lado do rio, como vamos para lá? – Perguntei.

- Já está tudo combinado. Amanhã, cerca das dez horas, vêm dois serviçais da roça buscar-nos de canoa.

- De canoa?! - Inquiri, pensando no caudal do rio!

- Sim de canoa. Almoçamos lá, e à tarde eles vêm trazer-nos. A canoa pode levar quatro pessoas. Vou eu, tu, e talvez o Cabo Pombal e o Cabo Braga. É preciso que eles saibam nadar. Pode haver um azar. Eles levam as G3 e tu a FBP. Eu levo a minha Parabellum.

Fiquei pensativo. Uma viagem de canoa naquele rio! Ai mau, mau...

Falei com o Braga e o Pombal. Disseram que sabiam nadar. Transmiti-lhes as ordens do Alferes Miranda. No dia seguinte tudo estava pronto à espera da canoa, piroga ou o que fosse. Tínhamos de ir.

À hora combinada apareceu uma piroga, grande, feita em ferro, com um tripulante à proa e outro à ré. Em ferro?! – Conjecturei eu com os meus botões. Se ao menos fosse em madeira, e no caso de se virar, não ia ao fundo.

Embarcámos cautelosamente, sentámo-nos no fundo da canoa cumprindo as instruções dos tripulantes (assim não balança tanto, disseram eles) e lá seguimos pela margem esquerda rio a cima. Daquele lado fazia menos corrente, mas diziam que era zona habitada por crocodilos. Tive medo.

Perguntei aos tripulantes se ali não havia crocodilos. Que não. Eles “moravam” mais para cima no rio, e nós não passaríamos por lá.

Tranquilei-me um pouco. Mesmo assim ia tentando ver o fundo, mas não dava para ver nada. Via-se apenas uma espécie de caniço, um capim grosso, no qual os tripulantes apoiavam as varas para movimentar as canoas.

- É muito fundo? – Indaguei.

- Não tem fundo! – Respondeu um tripulante

Embora preocupado, a viagem seguia. Pensei que os homens sabiam bem o que faziam e tentei deixar de pensar no lugar onde nos encontrávamos, olhando a paisagem à minha volta. Na margem por onde seguíamos continuava a ver-se capim alto. Só se ouvia o marulhar da água e o ruído das varas batendo contra a canoa. A bordo o silêncio era total. Os tripulantes labutavam contra a corrente. Nós, desejosos de chegar a terra firme!

- Olhe, meu Alferes - disse eu - na outra margem há construções em madeira!

- É a casa do patrão – diz um tripulante.

- Graças a Deus! – Pensei.

Avançámos um pouco mais para montante. O rio teria de ser atravessado com as varas a “paijar” como se fossem remos, dada a sua profundidade. Felizmente o rio foi atravessado sem problemas. A canoa acostou junto às construções do outro lado do rio.

- Não levanta – avisou um tripulante – até nós saltar para terra e encostarmos bem o barco. Saltaram.

- Podem saltar - disseram - só agora!

Mal pusemos pé em terra firme respirámos de alívio! Safa...

O dono da roça aguardava-nos na margem. Cumprimentou-nos e agradeceu a nossa visita. Sabíamos ao que íamos, pelo que demos umas voltas pela roça. O Alferes com o Braga por um lado, acompanhados pelo roceiro, e eu e o Pombal por outro. Não notámos nada de anormal, e a nossa missão era sermos vistos, razão pelo que “passeámos” pela roça. Findo o passeio fomos convidados a almoçar. O homem da roça era um rapaz ainda novo, com um pouco mais de trinta anos. A roça era de palmeiras, e o almoço foi frango, uns pedaços assados e outros fritos em óleo de demdem. O frango frito sabia a ranço! Intragável. Felizmente que havia o assado, este sim, saboroso!

Ouçõ o choro de uma criança e olho com olhar interrogativo para o roceiro:

- Não há problema, tenho um filho de meses e a mãe está a dar-lhe de mamar.

- Posso vê-lo? – Pedi, ao recordar o meu segundo filho, que estava no “Puto”?

- À vontade.

Ao entrar na cubata o bebé deixou de mamar e fitou-me curioso! Depois desinteressou-se, e continuou a alimentar-se. Fiquei a olhar aquela cena e a pensar longe...

O roceiro entrou, e ao ver-me disse-me:

- O Senhor Furriel, se quiser sirva-se!

Não vendo nada de que pudesse servir-me, perguntei:

- De quê?
- Da mulher...

Foi como se tivesse levado um soco na cara...!

- Não, obrigado - foi a única coisa que consegui balbuciar...

Fiquei abismado. Aquela mulher, ainda nova, dos seus dezassete anos, só lhe serviria como entretenimento, ou para servir as visitas?!

Regressámos à Muxima. A viagem foi mais rápida a favor da corrente. Desembarcámos e os barqueiros seguiram viagem regressando à roça.

Durante o resto do dia fiquei a pensar naquele homem. A sua companheira não era mais do que um animal, que oferecia a seu belo prazer a quem lhe aprouvesse...

Estranhos costumes africanos

Impressionado, contei o ocorrido ao enfermeiro civil, que achou normal o que havia acontecido.

- Aqui, em Angola – responde - quando o Chefe de Posto vai fazer a delimitação da propriedade que é atribuída ao “branco”, logo lhe escolhe na sanzala mais próxima uma rapariga nova, que seja bem parecida, para criada do branco – “criada para todo o serviço” – e elas gostam, pois não podem já ser vendidas para qualquer preto, que a obrigaria a trabalhar para ele, enquanto ele nada faz. Por isso os pretos ricos têm várias mulheres...

A mulher do branco só trabalha para ele e em casa, enquanto a mulher do preto é obrigada a ir trabalhar para a “lavra”.

É assim a vida em África. Nada há a fazer. São costumes ancestrais, difíceis de mudar. Em Luanda foi construído um bairro para os habitantes vindos do “mato”, por estes também quererem residir na “Cidade Grande”, como diziam, mas recusaram só porque não podiam cozinhar com lenha! Na verdade África é uma terra estranha, e ao mesmo tempo fascinante!

Aqui, na Muxima, há tempo para tudo. Até para se fazerem apostas, para tirar teimas. Há dias, eu e mais os dois sargentos, estávamos em conversa com o enfermeiro civil, quando este dispara:

- Sabem quem anda a “comer” a criada branca do hotel?
- Não – dissemos pouco interessados.
- É o Fulano...
- Como é que você sabe?
- Vale uma cervejinha? Vamos bebê-la ao Hotel!

Concordámos!

Ao chegar fomos atendidos pelo Fulano e quando ele nos aviou, o enfermeiro disparou:

- Com que então a “comer” a criada...
- Eu? – Interroga-se o Fulano - falam, mas é tudo mentira.
- Toma cuidado, que podem aparecer provas – diz o enfermeiro...

Pagámos a conta e retirámo-nos. O enfermeiro disse-nos;
- Amanhã, à mesma hora, vamos estar aqui.

Assim fizemos e aparecemos os quatro no hotel, a beber mais uma cerveja. Estranhámos o enfermeiro aparecer com ar alegre, e com um saco de plástico na mão!

Fomos servidos pelo Fulano. Então o enfermeiro meteu a mão no saco e tirou um par de chinelos de quarto e pergunta-lhe:

- Sabes de quem são estes chinelos?

- Sei – respondeu o Fulano, olhando-os - são meus! Onde foste buscá-los?!

- Estavam à porta do teu quarto...

O enfermeiro voltou os chinelos com as solas para cima, que estavam cheias de pedaços de adesivo colado, e disse-lhe:

- Vês, a prova está aqui. Antes de me deitar passei pela enfermaria, cortei pedaços de adesivo, que pus com a parte que cola voltada para cima, no chão, junto à porta do quarto da criada...

Perante tanta evidência o homem não conseguiu negar. E lá tivemos de pagar as cervejas da aposta!

31. A CAÇADA

Tínhamos ido há dias fazer uma patrulha para a reserva de caça, quando nos apareceram os guardas da reserva a chamar-nos a atenção de que não poderíamos andar por ali, que aquilo era uma reserva de caça, e só eles estavam autorizados a patrulhar aquela zona.

O Sargento Miranda, que comandava a patrulha, ficou perplexo e disse-lhes:

- Os senhores fazem o vosso serviço e nós fazemos o nosso!

O que parecia ser o chefe da patrulha dos guardas da reserva ainda ripostou, mas o Miranda, já irritado, perguntou-lhes:

- Digam-me só o que é que vocês querem esconder da tropa? Se o não fizerem nós procuramos, e vimos à reserva quantas vezes julgarmos necessárias. Não admitimos intromissão no nosso serviço. E vão-se embora antes que eu me chateie.

Os da reserva retiraram e não mais nos incomodaram.

O Cefo

Hoje o cozinheiro avisou o Alferes de que já não havia carne para confecção das refeições. O Alferes chamou o Sargento Miranda, por saber que ele era um amante da caça. Mandou-o preparar um Unimog e o Jipe para irem fazer uma patrulha na reserva. Havia sempre voluntários para estes serviços. Eu e o Costa Pereira ficámos na Muxima.

Pouco depois dirigi-me para o cais de embarque, mesmo junto da água, onde sempre fazia mais fresco. O Costa Pereira ficou-se pela caserna. Iria, pensei, proceder a mais uma das suas hibernações rápidas!

O tempo ia passando, o nada fazer também é, por vezes, incómodo. Havia militares que arranjavam uma cana com um fio atado na ponta, e entretinham-se a pescar, outros conversavam, outros ainda escreviam à família. Vi passar um Jipe com civis em direcção ao Sul, coisa que não era normal por aqueles sítios. Parou em frente à nossa caserna. Lá se vai a hibernação do Costa Pereira...

Nessa altura chegou a patrulha que tinha ido para a reserva. No Unimog vinha um magnífico exemplar de Cefo, que se havia atravessado em frente da viatura. Já havia carne fresca!

Uma vez descarregada a peça de caça, logo o Miranda tratou de o desmanchar e preparar.

Caçadores de crocodilos

O pescador que normalmente nos fornecia o peixe tinha chegado e ajudava no serviço. Ao ver que o Miranda mandou deitar as tripas ao rio, gritou:

- Senhor Furriel, não deita o melhor do animal fora.

Olhámos espantados!

- Para que queres as tripas?

- Para a panela. É a melhor parte do animal!!!

E exemplificou, dirigindo-se ao rio:

- Lava-se a tripa no rio, passa-se entre dois dedos (e fez com os dedos o sinal de vitória), e põe-se na panela. Ferve-se e está pronta a comer...

Nisto chega o Costa Pereira a avisar o Alferes de que tinham estado com ele caçadores de crocodilos; tinham-lhe mostrado a licença de caça e indicaram-lhe a direcção para onde essa noite iriam caçar. Se a tropa ouvisse tiros que ficasse descansada, pois eram eles. Já tinha avisado o resto da "malta". Mais tarde viemos a saber que os civis do Jipe, anteriormente referidos, eram os caçadores.

E o tempo aqui continuava a seguir lento. Nada de anormal. Uma volta pela povoação, que não demorava muito. Uma ida até à fortaleza, e isso já era um caso mais sério. A fortaleza ficava numa elevação muito íngreme, era necessário andar à volta, por caminhos de pedra, até chegar lá acima. Mas valia a pena. Conversava-se um pouco com a malta das transmissões, dava-se uma volta pela fortaleza que, tendo sido muito importante na época da colonização, pois servia de defesa ao rio e para montante da Muxima, não havia inimigo ou caravela que conseguisse passar. Agora eram só paredes no ar, com excepção de algumas guaritas que serviriam de abrigo ao pessoal que estivesse de serviço.



Na Fortaleza da Muxima. A guarita mais parece um símbolo fálico.

Mas porque quereria o inimigo passar além da Muxima? É que para montante existiam minas muito ricas de vários metais. Uma caravela que conseguisse chegar lá e carregar, traria uma grande fortuna.

Grande algazarra!

Descia até à povoação, quando ouvi homens a vociferar para o lado do Hotel. Dirigi-me para lá e vi quatro brancos a saírem do Hotel aos berros com a dona do estabelecimento.

Aproximei-me e tentei saber o que se tinha passado:

- Chegámos de madrugada, e tínhamos pensado dormir no Hotel - diz-nos um - Batemos, batemos e ninguém nos atendeu. Tivemos de dormir no Jipe, o que não foi nada agradável.

- Pois. Deviam estar a dormir e não ouviram – disse eu tentando amenizar o ambiente.

- Mas deviam ter alguém alerta! Gritou o mais irritado.

Ainda me lembrei de perguntar se tinham marcado dormida... mas fiquei calado ao lembrar o local onde nos encontrávamos. Por experiência pensei como deveria ter sido desagradável passar a noite na viatura, especialmente por pessoas acostumadas a dormir em cama fofa. É a vida, calha a todos!

Os quatro homens tomaram o pequeno-almoço, pagaram e saíram. Iam seguir viagem pela Quissama e perto do Cabo Ledo atravessariam o rio em direcção a Luanda num batelão destinado a essas travessias.



“Paquete Mucumbi” no cais da Muxima

O Alferes Miranda chegou e quis inteirar-se do que se havia passado. Contámos-lhe a história. Ao perguntar quem eram os passantes foi-lhe dito que eram técnicos da Junta Autónoma das Estradas de Angola, e que deveriam vir de Novo Redondo, com destino a Luanda.

O chefe da manada

Foi recebido um rádio, com ordem expressa de, quando o pelotão fosse reabastecer a Cabo Ledo, o Ribau se apresentar no Comando da Companhia!

- O que é que tu fizeste agora, para receberes tamanha honra? - Pergunta-me com ar de gozo o Alferes Miranda.

- Que eu saiba, nada de mal - respondi. Mas o que for soar!

E no dia aprazado lá fomos. Dois Unimogs, o caminho era longo e no caso de avaria não era nada agradável ficar no meio do mato sem ajuda.

Sáimos de manhã, pela fresca, seguindo a picada que nos levava directamente a Cabo Ledo. Todos os animais da reserva parece que tinham combinado vir pastar para junto da picada. Era girafas, zebras, burros do mato, cefos e outros animais mais pequenos. Nas alturas, um bando de grifos voava em círculos largos. Por cada volta que davam iam descendo. Ali havia de certeza algum animal morto. Não tardariam a aterrar e então ouviríamos a barulheira infernal que aqueles animais imundos fazem, ao disputar o seu pedaço de carne.

Mais à frente, uma manada de cefos começou a aproximar-se da picada, parecendo querer atravessá-la, mesmo à nossa frente. Disse ao condutor para não diminuir a velocidade, a ver o que sucedia.

É então que um dos animais maiores – devia ser o chefe da manada – se aproximou da viatura. Pôs-se à nossa frente, e como não diminuíssemos a velocidade, atirou uma parelha de coices contra o pára-brisas do Unimog que só por sorte acertou de raspão. Mandeí imediatamente parar a viatura, não fosse vir outra parelha que acertasse em cheio e partisse o vidro. Era mais um problema que eu teria de enfrentar! Parámos.

O “mais velho” ficou à frente da viatura enquanto o resto da manada atravessava a picada tranquilamente. Levou algum tempo, pois eram muitos animais. As crias seguiam no meio. A manada ocupava uma extensa área de terreno. Quando terminaram a travessia a viatura arrancou vagarosamente, pois o chefe da manada quando a viatura arrancou, seguiu na sua frente sem pressas, pela picada, como a querer dizer à tropa “aqui quem manda sou eu”.

Depois, seguiu apressado atrás dos outros, e nós seguimos o nosso caminho.

Para que serve isto?!

Chegados a Cabo Ledo, fui saber na secretaria a razão do meu chamamento:

- Foste chamado para escreveres os “louvores” à mão, do pessoal que foi louvado lá no “Norte”, porque tens uma boa caligrafia – disse-me o Primeiro-Sargento.

Fiz-lhe ver que era um operacional e esse serviço pertencia à secretaria. Lá no “Norte” nunca fui dispensado de nenhuma operação para ficar no acampamento a fazer serviço de secretaria. Além disso, estava em Cabo Ledo o Sargento Azevedo, que tinha muito melhor caligrafia que a minha!

- Ordens do Capitão - diz o “Primeiro”

Desculpa de mau pagador. O Azevedo como estava presente conseguiu desenrascar-se! O Ribau mais uma vez foi premiado com o desenrascanso de outros!

Bem, pensei, não vale a pena chatear-me, mas vou chatear outros.

- Meu “Primeiro” – disse eu dirigindo-me ao nosso Primeiro – preciso, para fazer o serviço, de tinta, canetas de caligrafia e aparos cortados de caligrafia, para que o serviço fique decente.

- Não tenho nada disso - disse-me o Primeiro-Sargento. Faz com a tua caneta de tinta permanente!

- Bem, eu faço. Mas depois não me venham dizer que ficou uma porcaria...

Deram-me as redacções dos louvores e os papéis onde deveriam ser escritos (papel liso, sem linhas, para fazer caligrafia, marginado por, salvo erro, flores). Se os louvores fossem escritos em letra de imprensa ficariam bonitos.

Não sei para que nos servirão aqueles arrazoados. A nós que não somos profissionais, para quê? Foram louvados alguns alferes e sargentos milicianos, cabos e soldados. Tudo voluntários, à força...

Ainda recordo um soldado que, depois de receber o louvor com pompa e circunstância, ao dirigir-se para a caserna me perguntou:

- Meu Furriel, para que serve isto?

- Olha, lá no “Puto”, quando tiveres dificuldades financeiras, vais à mercearia, mostras o louvor e o merceiro dá-te as mercearias de borla...

- Oh!!! – Exclamou o soldado.

Regressei à Muxima quando o pelotão se preparava para regressar a Cabo Ledo, donde seguiria para Luanda (Grafanil), juntamente com o resto da Companhia.

No dia aprazado lá partimos em direcção a Luanda. O pessoal parecia mais alegre. Alguns cantavam a canção do Duo Ouro Negro “Muxima”. Muitos tinham lá estado ou tinham por lá passado. “Meu Deus, será agora que vamos embora?!” Ir para Luanda era um bom prenúncio!

Para atravessar o Rio Quanza levou o seu tempo. Eram muitas viaturas, mas lá passámos. Agora até ao Grafanil não haveria mais obstáculos.

32. NA BARRACA

Tinha passado o tempo de Cabo Ledo e o tempo da Muxima. O fim aproximava-se. Agora íamos regressar ao Grafanil.

A “Cidade Grande” parecia chamar por nós, e nós respondemos à chamada, regressando. Estava tudo no mesmo sítio. Só Luanda tinha aumentado muito, tanto a cidade do asfalto, como a dos “Muceques”.

O ruído da cidade contrastava com a calma donde vínhamos. Mesmo assim era agradável e nós, na casa dos vinte anos, aproveitávamos o tempo e o dinheiro de que dispúnhamos.

A Cervejaria Biker era o lugar habitual onde se bebia cerveja, agora acompanhada com pedacinhos de dobradinha cozinhada com muito gindungo, trazida num pires, um por cada caneca, com um palito que servia de garfo. Os coiratos tinham sido substituídos, havia melhor. Nas cervejarias da ilha de Luanda era por cada caneca servido um prato de gambas, mas custava vinte angulares. Era muito dinheiro para alguns de nós!

Dando protecção ao pelotão de engenharia

O tempo agora passava mais depressa. Mas nunca mais era sábado, pois o dia do embarque parecia-nos tão longe! Ainda por cima, o nosso pelotão (somos um pelotão de sorte...) foi destacado para render outro a fazer a segurança a um pelotão de Engenharia, que construía uma ponte sobre um rio, a Leste de Catete, na zona da Barraca. Era só uma semana... a comer ração de combate! Felizmente assim não foi. Estava lá estacionada uma cozinha de campanha da engenharia que fazia as refeições para todo o pessoal! Só tínhamos de levar a marmita para a comida, cantil para a água, a colher e o garfo. Ah! E os panos de tenda para montar as tendas, se quiséssemos ter onde nos abrigar.

Lá fomos, auto-transportados nas nossas viaturas. Era perto, cerca de 80Km. Chegámos à tarde. O pelotão que substituímos tinha-se retirado de manhã.

Montamos as nossas tendas, que ficaram num buraco, abrigadas do eventual fogo directo de IN, pois a engenharia tinha cavado aquele local para fazer os muros em volta mas, no caso de uma granada de morteiro cair ali, era o fim de um pelotão. Enfim, já tinha servido para os outros, serviria para nós também.

Conversámos com os nossos companheiros de engenharia que já conheciam o terreno e nos indicaram como o outro pelotão fazia a segurança.

Durante o dia uma secção atravessava o rio e as outras duas ficavam do lado de cá no acampamento.

Quando terminavam os serviços do dia, todos reuniam no acampamento, onde passavam a noite. Concordámos.

Enchi o meu colchão insuflável que estava sempre reservado para estas ocasiões e meti-o na tenda, não sem alguma dificuldade, pois a tenda era pequena e tinha de abrigar três indivíduos. Como o colchão era dividido em três secções, a solução foi atravessá-lo na tenda. Duas das secções ficavam no chão, e a terceira ao alto junto à parede da tenda. Só evitava que as nossas costas ficassem no chão, mas sempre era melhor que nada.

As duas primeiras noites passaram-se menos-mal. Logo de manhã era o café, e a secção destacada atravessava o rio e ali ficava até ao almoço. Da parte da tarde avançava outra.

O calor na zona onde nos encontramos é tórrido. Passado o meio da tarde a única solução que temos é arranjar um ramo com folhas, para sacudir os moscardos que, mesmo através do fato de combate, nos ferram nas costas chegando a provocar sangue. O maqueiro não tem tido mãos a medir para desinfecção tanta ferida com álcool, operação que só pode realizar-se perto da noite, quando a temperatura baixa e os moscardos desaparecem.

Na terceira noite choveu. Pela noite velha, quando a chuva intensificou, demos por nós com os pés todos molhados. Sentámo-nos no colchão evitando uma molha completa. Já havia soldados enfiando o “poncho”, para se protegerem.



Na Barraca, à porta da sua tenda, o Sargento Miranda descansa; Cotovelos sobre os joelhos, mãos caídas, sinal de cansaço extremo...

De repente um grande trovão ribomba por aquele negrume, rompendo as nuvens. Pouco depois a chuva parou. O céu começou a clarear. Fez-se dia. Todo o pessoal se levantou. Havia qualquer coisa a mexer-se no chão. Cuidado! Acendi a lanterna de mão e todos ficámos boquiabertos. Eram às

centenas, talvez milhares de tartarugas/cágados bebés, que apareciam de debaixo do chão e se dirigiam arrastando-se em direcção ao rio. Para caminhar tínhamos de os afastar com a bota para não os esmagarmos.

Nunca tínhamos visto ao natural semelhante espectáculo. Só no cinema! Nesse dia, para atravessar o rio para a outra margem, tivemos, com a ajuda da engenharia, de montar uma ponte com cordas, agarrados aos quais fazíamos a travessia numa pequena jangada. O caudal do rio tinha subido desmesuradamente por causa da chuva. Na verdade uma ponte fazia muita falta naquele local!

Nesse dia, a roupa secou conforme foi possível. Uns tiravam o casaco, dependuravam-no numa árvore, enquanto sacudiam fervorosamente os moscardos com um ramo verde. Outros ficavam só com as cuecas e as botas, roupa a secar numa árvore, enquanto com um ramo verde tinham de executar uma espécie de dança, tentando fugir as ferroadas dos moscardos. Vida malvada e nós por ali só pensando no regresso, o que dificultava ainda mais a passagem do tempo. “Como estarão os meus filhos. O mais novo já falará? Felizmente tem os avós que os acarinhos”...

Recordo agora um problema que houve com o registo do meu filho mais novo e que um meu irmão me contou numa carta que recebi há dias. O avô materno foi para registá-lo no Registo Civil de Ílhavo. Não conseguiu. Só o pai o poderia registar!!!

- O pai está na guerra em Angola. Não pode vir!

Nem assim foi possível registar mais um cidadão português!

O meu sogro regressou a casa desiludido e contou à filha o sucedido, que contou ao meu pai! Havia prazos a cumprir!

O meu pai, que conhecia o funcionário de Registo Civil, foi no dia seguinte à Conservatória:

- Ó Sr. Augusto, o meu parceiro veio cá ontem para registar o nosso neto e o Senhor não o quis registar: Que se passa?

- O senhor sabe que só os pais podem registar os filhos.

- O senhor sabe onde está o meu filho? Anda na guerra em Angola. Vá lá buscá-lo, já que só ele pode registar o meu neto.

O tom de voz do meu pai, as mãos calosas agarradas ao balcão, não auguravam nada de bom!

- Ó Manel, tem calma - diz um de dois gafanhões que acabados de chegar, tinham ouvido a conversa - O assunto tem de se resolver. Ó Senhor Augusto, o Senhor tem de registar o menino. Conhecemos os pais e os avós. Não vemos razão para o não fazer, porque então nós dois servimos de testemunhas em como o Senhor não quis registá-lo. E aí, digo-lhe, então o caso muda de figura!

O Sr. Augusto olhou para eles de lado, pegou nuns papéis decidido a fazer o registo:

- Vamos lá a isto.

Preencheu os papéis, com o nome, sobrenome e apelido do bebé, e com os restantes elementos necessários, deu-os a assinar ao meu pai e às testemunhas, e só assim o meu filho ficou registado.

O Senhor Augusto era um homem sociável, mesmo simpático, de cor preta. Estaria afectado pela cor da pele, e ligaria isso ao lugar onde me encontro? Acho que não... Mas...

A máquina fotográfica, essa seguia-me sempre! Lá tirei algumas fotos interessantes, pois mesmo de serviço a própria observação do ambiente, me facultava motivos de interesse.

A semana passou. Fomos informados que de seguida iríamos para Catete.

Não era nada que se comparasse com Luanda, mas o Pelotão ficaria sozinho, sob as ordens do Alferes. A experiência da Muxima tinha sido boa. Só que aqui não há reserva de caça, como lá. Em contrapartida há muito mais população civil fixa, e muito mais passantes.

A estrada que atravessa Catete segue para Leste e mais à frente bifurca para o Norte para Maquela do Zombo e para Sul para Nova Lisboa. A que segue para Leste vai para a zona do algodão, para Malange.

As inspecções que teremos de fazer às viaturas, especialmente de noite, obrigar-nos-ão a muito mais trabalho.

Ansiamos por deixar estes malvados moscardos. Falta pouco para os vermos pelas costas!

Já no acampamento fomos chamados ao Alferes, e informados que daí a dois dias seguiríamos para Catete. O pelotão que nos ia render chegaria de manhã e nós iniciariamos a deslocação ao princípio da tarde. Era perto. O Costa Pereira perguntou onde iríamos ficar.

- Num armazém onde está o pelotão que nós vamos render. Fica no centro da vila, mesmo em frente ao Café.

- Em frente a um Café – pensei eu. Boa ideia!

Esse dia chegou. Aproximávamo-nos do Porto de Luanda, onde um dia embarcaríamos com destino ao “Puto”. A caserna que iríamos habitar era um armazém amplo, com divisórias isoladas, que já teriam sido, pelo aspecto, escritórios, com casas de banho. Seriam ocupadas, uma pelo Alferes e duas pelos Sargentos. Agora podia instalar o meu laboratório fotográfico à vontade. Possivelmente poderia até fazer revelações durante o dia.

Chegados, instalámo-nos e ficámos satisfeitos com o ambiente que nos rodeava. Era à tardinha, e já não havia aquela sensação de podermos ser mordidos pelos moscardos.

Na Barraca



O rio



O Acampamento

33. EM CATETE

Jantámos uma bucha do que o outro pelotão tinha deixado. No final da refeição convidei os meus companheiros a virem tomar café. O Costa Pereira, questionou:

- Será café de cafeteira, como no mato, ou bica?

Entrámos no estabelecimento e vimos em cima do balcão a máquina do café. Embora fosse manual, tirava uma excelente bica, que saboreámos com prazer!

Pouco depois regressámos à caserna, para organizar a escala de serviço para o dia seguinte. Recomendámos ao pessoal que a partir daquele momento deveria andar devidamente fardado, barbeado e limpo - estávamos a regressar à civilização e tínhamos de agir como tal.

Demos uma volta pela povoação e verificámos com prazer que havia electricidade. Passámos por dois potentes geradores que ficavam a caminho da igreja e da estação do caminho-de-ferro. Só um estava a trabalhar, o outro seria, provavelmente, de reserva.

Isto aqui é outra coisa, nada que se compare com a Muxima, e muito menos com a Barraca!

Será um período de descanso, como na Muxima, mas com muito mais civis. Há possibilidades de trocar impressões sobre as ideias dos brancos e dos pretos sobre o que se está a passar em Angola.

O serviço de inspecção às viaturas que passavam na estrada – estrada principal de Angola e a única saída de Luanda para Este – sempre com muito movimento de viaturas, carga e passageiros, ficou determinado que seria feito a horas diferentes, para evitar a habituação dos passantes.

No dia seguinte, fomos fazer a exploração da zona que nos estava atribuída. Duas secções em dois Unimogs, uma para Norte e outra para Sul. A terceira secção ficou no “aquartelamento”, pois não convinha deixar armas e munições sozinhas. Foi um passeio, vendo paisagens desconhecidas, gentes desconhecidas, enfim, novidades para nós!

Regressámos para almoçar. Durante a refeição cada chefe de secção fez o seu relatório verbal ao Comandante do Pelotão.

Eu, que segui para Sul, dei conta de sanzalas com lavras nas cercanias bem tratadas, até junto da fazenda do Bom Jesus, fazenda grande de cana-de-açúcar, que segue até às margens do Rio Quanza, com muitos prédios em alvenaria. Parecia uma fazenda modelo!

Tentámos estabelecer contacto com um grupo de serviçais negros que, de catana em punho, se dirigiam provavelmente para o trabalho.

- Então como vai? - Pergunto, dirigindo-me ao que parecia o chefe do grupo.

- Vai.

E mais não disse. Pareceu não estar interessado ou autorizado a falar.

As catanas que empunhavam sempre me meteram um certo respeito. Tanto seriam armas de guerra, como instrumentos de trabalho, conforme a “cabeça” de quem as utiliza! A maior parte das catanas que encontrámos tinham sido feitas em Ovar, no “F. Ramada”.

O Miranda fez o seu relatório. Tinha ido para os lados de Cabiri. Passou pela capela, pela estação dos Caminhos-de-ferro, e seguiu para Norte. Pela sua descrição as sanzalas não estavam tão estimadas como as que eu vi, a terra era seca e as lavras pareciam pouco produtivas. De regresso ouviu um grande alarido ao aproximar-se da estação dos caminhos-de-ferro. Parou a viatura em frente à estação e foi saber o que se passava junto do aglomerado de pessoas que ali estava.

- Nada de especial - diz-lhe o chefe.

Eram duas mulheres que andaram à pancada, porque são do mesmo homem, e ele tinha ficado de nessa semana ir dormir com uma, mas foi dormir com a outra, e deu o espectáculo que se viu.

- O Senhor, como chefe, não devia ter autorizado o espectáculo.

- Eu sou só chefe da estação, e ainda gozei um bocado. Elas estavam bravas umas com a outra! Necessidades...

Terminada a refeição e os relatórios, lá fomos à bica. Havia pouca clientela e a maior parte eram militares. O tempo estava morno. Pela porta larga do Café viam-se os habitantes que passavam.

A mercearia, que ficava ao lado do Café, era do mesmo dono. O pessoal que ia “aviar-se” passava-nos em frente, do lado de fora do Café, e nós víamos mulheres com crianças pela mão, ou com os filhos às costas.

A miragem da família, agora já mais perto, vem-nos à memória. Como eu gostaria de os ter agora aqui comigo... Não sei quanto tempo estive com o olhar fixo na porta à espera de os ver entrar... pura ilusão!

Resolvi ir até à caserna, não sei se para me isolar, se para encontrar alguém com quem desabafar. O pessoal entretinha-se a fazer qualquer coisa para que o tempo passasse: limpar a arma, escrever à família, era o que fazia a maior parte das vezes. Outros, estendidos na cama, com o quico à frente dos olhos, dormitavam!

Dirigi-me ao quarto onde já se encontrava o Miranda, estendido na cama, a descansar. Sentei-me na minha, olhando pela janela para o exterior, tempos esquecidos! O Miranda voltou-se de lado, e ficou a olhar-me!

- Que há, Ribau? Sentes-te bem?

- ...

- São os “Ribauzitos” lá na Gafanha, não é? E nós aqui!

Acenei-lhe positivamente com a cabeça. O Miranda era um bom companheiro. Desde o Regimento de Infantaria nº10, em Aveiro, que andamos juntos na tropa. Companheiro para todas as ocasiões, diga-se!

Problemas na sanzala

Um soldado pede licença para entrar, e dirige-se ao Miranda:

- Ó meu Furriel, está ali um preto que quer falar com o nosso Alferes, mas eu não sei onde ele está.

- Deixa, eu vou lá saber o que se passa.

E saiu, regressando pouco depois.

- Então? - Perguntei.

- O homem é o Soba da sanzala que fica junto da fazenda do Bom Jesus. Fez uma plantação de milho nas suas terras, e agora o encarregado da fazenda quer arrancar-lhe o milho e obrigá-lo a plantar cana-de-açúcar, que depois lhe comprará ao preço que quiser.

- É disto que eu gosto! – Exclama o Miranda (sinal de que finalmente sentia que podia ser útil) - Já mandei aprontar o Unimog, levo a minha secção e vou ter uma conversa com o encarregado da fazenda.

- Chegar lá é rápido - disse eu, que conhecia a estrada, pois já tinha ido para aqueles lados.

- Quando o Alferes chegar, diz-lhe onde fui - pediu o Sargento Miranda.

Vi o meu companheiro afastar-se e resolvi sair, com a máquina fotográfica ao ombro. A porta que encontrei aberta foi a do Café. Bem, mais um não faz mal! E entrei.

Tomei o meu café, acompanhado de um cigarro, e por ali fiquei a olhar para lado nenhum, esquecido...

Peguei na máquina fotográfica, preparei-a para foto automática e coloquei-a na mesa em frente da minha, accionei o disparador, que preparei para demorar cerca de um minuto e sentei-me na mesa olhando fixamente para a objectiva. Parece que estava a ver a minha mulher com os nossos dois filhos, dentro da máquina. Oxalá ela não disparasse, mas disparou, e o sonho acabou.

Tentei fazer avançar o rolo para nova foto, só que ele não avançou. Tinha acabado. Logo à noite já teria trabalho a revelá-lo.



Chegou a noite e, depois de uma volta pela povoação, lá fui eu até ao meu quarto, disposto a fazer o serviço. Pus o rolo no tanque de revelação, frasco do revelador e do fixador ao lado. Só é necessário ter em atenção a temperatura dos líquidos, pois se for elevada terei de dar menos tempo de revelação.

Revelado o rolo, foi introduzido o fixador. Estes dois “banhos” têm tempos determinados! Uma vez concluídas estas duas operações, os líquidos são guardados nos respectivos frascos, pois podem servir mais uma ou duas vezes.

Veio então a lavagem, operação muito importante para limpar os sais da revelação e fixação, especialmente o metabissulfito de sódio. Havia água à vontade. Era só meter o tanque debaixo da torneira e deixar correr, ao contrário dos locais onde estivemos, em que se enchia o tanque (cerca de meio litro) e se agitava, para abreviar a lavagem da película.

Findas estas operações, era a película posta a secar num fio, pendurada por uma mola de roupa, até ao dia seguinte.

Entretanto o Miranda tinha chegado.

- Então Miranda, como foi?

- Nada de especial. Conversei com o encarregado, fiz-lhe ver que “esse tempo” tinha acabado, e disse ao Soba que se houvesse algum problema era só chegar a Catete e avisar... O homem sentia-se feliz e agradeceu muito. Devia haver alguma velha “guerra” entre ele e o encarregado da fazenda!

No dia seguinte fui observar o rolo. Parecia estar bem. À noite fui fazer as fotos que eram ampliadas, de acordo com o papel disponível! A última foto tirada, a do Café, interessava-me de sobremaneira. Foi a primeira a ser trabalhada. Para meu desgosto estava salpicada de pequenas manchas brancas. A água era em quantidade, mas não em qualidade.

Posta na palma da mão, deixava ver pequenas partículas brancas, quase microscópicas. Algumas delas tinham-se colado à película, e eu nada podia fazer para resolver este problema!

Uma visita inesperada!

Havia passado mais de uma semana desde que o Soba tinha estado no Aquartelamento. Voltou a parecer com um ajudante, que trazia um leitão às costas. Um conjunto estranho! Chegaram à porta do aquartelamento e pediram, em jeito de apresentação:

- Quero falar com o “Furier”.

Como estava por perto, perguntei:

- Há algum problema?

- Não é contigo, é com os tropa que foi na fazenda.

Compreendi que queria falar com o Miranda, que entretanto apareceu.

- Que há? - Pergunta o Miranda - O fazendeiro voltou a chatear?

- Não e está de bem comigo. Venho agradecer-te.

E deu ordem ao ajudante para depositar o leitão aos pés do Miranda!

- Não é preciso agradecer. Só fiz a minha obrigação - diz o Miranda.

- Tens de aceitar - diz o soba. Senão é falta de respeito.

Ouviu-se o Costa Pereira:

- Tens de aceitar, pá. É a lei cá do sítio. Se não aceites pode haver problemas. Ele considera falta de respeito.

O Miranda aceitou, agradeceu, e avisou:

- Se houver problema, avisa.

E assim tivemos leitão assado “à Bairrada” (mais ou menos) num dia, não sei de que mês, do ano de 1964, em Catete.

Remexendo no sótão da memória

Fui à mala à procura de nada e encontrei uma foto tirada em Pangala, para enviar à família. Comparei-a com a que ontem tirei no Café, em Catete, e pus-me a filosofar com os meus botões: foto tirada na fronteira Norte, onde não sabíamos se para alguns de nós existiria o dia seguinte, e o aspecto era de pessoas risonhas, até parecíamos felizes! “Tudo corre bem”, mandei dizer junto com a fotografia.

A segunda foto, tirada numa zona de paz mas onde não tinha necessidade de enganar alguém, saiu natural, deixando transparecer o que me ia na alma; não o medo, mas a saudade dos entes queridos!

Sonhar é fácil. Ter medo não depende de nós, mas normalmente de factos a que somos alheios. Difícil é disfarçar o medo! E isso às vezes foi tão necessário para mostrar segurança perante os outros, especialmente os nossos comandados!

Quando um dia saímos do nosso acampamento em Pangala, com os quatro corpos dos nossos companheiros dilacerados por uma mina anti-carro, um soldado perguntou-me:

- Então meu Furriel, estivemos de serviço todo o dia e toda a noite, estamos “todos rotos”, e mandam-nos a nós fazer este serviço? Hoje era o nosso dia de descanso!

- Pois era, tens razão, mas nós vamos para mostrar aos "outros" que não temos medo.

No entanto se naquele momento disparassem uma arma contra o meu peito, estou convencido que a bala não conseguiria entrar, faria ricochete e cairia no chão.

O tempo agora passava a conta-gotas. Fomos informados de que das tropas a chegar havia um pelotão já destacado para nos vir render. Era malta nova que não conhecia o ambiente de Angola, pelo que teria de haver um período de sobreposição. Desembarcariam, passariam pelo Grafanil e, quase de imediato, seguiriam para Catete, onde nos manteríamos com eles cerca de uma semana!

Isto era o que se dizia, mas esse dia havia de chegar.

Nem sempre é mau ter problemas!

Até ver, nada de anormal para nós. Mas, naquele dia, quando eu regresssei do Café e me encontrava à porta do quartel, passou um carro funerário, com duas urnas dentro. Vinha do lado da Igreja e dirigiu-se para Luanda.

Deve ser pessoal rico, pensei com os meus botões, dado o aspecto do carro e dos caixões que transportava. Encolhi os ombros e entrei no aquartelamento!

O Miranda que ia a sair, diz-me filosoficamente:

- Aqueles já não têm mais problemas.

No dia seguinte, ao ler o jornal no Café, verificámos que um dos indivíduos que ia no carro funerário era nosso conhecido. Era natural de São João da Madeira, a terra do Miranda. Tinha vindo há muitos anos para Angola, era representante de fábricas de sapatos, que vendia por toda a Província. A sua casa era na Ilha de Luanda, um sonho, onde vivia com a família. Algumas vezes fomos convidados, o Miranda e eu, a passarmos por lá e descansarmos um pouco. Era um paraíso, situado no meio dos coqueiros!

Foi um acidente de automóvel, quando se dirigiam de Nova Lisboa para Luanda, segundo contava o jornal.

Coisas da vida. Aqui ou em qualquer outro lugar do mundo!

Entretanto chegou o Pelotão que veio substituir-nos. O pessoal parecia já cansado! Chamei a atenção de alguns para as condições que eles encontraram e o que nós encontrámos, tentando convencê-los da sua boa sorte, mas...

Terminada a sua instalação, parece que já começavam as saudades. O Comandante do Pelotão começou a perguntar se haveria alguém que tivesse um gravador de fita. Eu que tinha o meu em Catete, prontifiquei-me a ceder-lho, para ele matar saudades de algum ente querido. Ensinei-lhe a manobrar a “máquina” e imediatamente, a seu pedido, abandonei o quarto...

Um Sargento miliciano, ao aperceber-se de que eu gostava de música, perguntou-me:

- Gostas do Zé Afonso?

- Adoro ouvi-lo, mas há mais de dois anos que não tenho essa possibilidade...

- Eu trouxe um gira-discos e alguns discos. Um deles foi editado pouco antes de nós embarcarmos. Tem músicas novas e ainda pouco conhecidas. Uma delas é “Num Lago de Breu”, já ouviste?

- Não. Quando podemos ouvi-la?

- Não haverá problemas? - Pergunta ele, mostrando um certo receio!

- Não há problema nenhum. Metemo-nos no quarto e ninguém chateia.

Já no quarto encostei a porta enquanto ele preparava o gira-discos. Comecei a ouvir aquela voz tão minha conhecida, tão inconfundível. Nunca mais esqueci aquele momento...

Sonhador, cantar canções de intervenção era, para José Afonso, o seu modo de lutar contra moinhos de vento! Ou talvez não. A alma que punha em tudo o que fazia, levava a pensar que aquelas baladas eram dirigidas a alguém, um inimigo bem concreto, que constava do seu imaginário. O meu espírito ficou saciado. Fiquei a pensar que na primeira ocasião que se me deparasse, compraria uma fita com músicas de Zeca Afonso.

Há outro assunto que não quero descurar. Quando chegar a Luanda quero ter dinheiro para comprar uma máquina de filmar. Quando chegar ao

“Puto” quero filmar o meu pessoal para ficar com imagens para mais tarde ver e recordar.

Já me estou a ver a chegar ao Grafanil, e começar a tratar de coisas para o meu regresso. O espírito começa a ficar mais desanuviado. Já me sinto mais leve. Já me sinto outro. Esse dia chegará!

E chegou...

34. RUMO A LUANDA PELA ÚLTIMA VEZ

Deslocaram-nos para o Grafanil, onde nos manteríamos sem fazer serviço, excepto à Companhia e ao Batalhão. Durante o dia estaríamos livres e poderíamos passear por Luanda, ir às compras, divertirmo-nos. Foi nesse período que procurei a máquina de filmar. Encontrei uma que me agradou na “Casa Holandesa”, perto da Mutamba. Andei uns três dias a chatear os empregados porque queria que me fizessem um desconto sobre o preço marcado. Não consegui nada e, quando recebi a mesada, fui lá direitinho e comprei a máquina e dois filmes, que gastei a filmar Luanda à noite! Muito bonita, por sinal...

Lembrei-me do meu irmão mais velho que estava no Tomboco, escrevi-lhe um “Bate Estradas” a saber se queria alguma coisa para o “Puto” (ainda lhe faltava um ano para terminar a comissão)! Pergunta estúpida...

- Boa viagem, e que todos os nossos estejam bem – foi a resposta.

Chatices atrás de chatices

A vida corria de feição, embora nunca estivéssemos tranquilos. Se houvesse algum problema, nalgum lado, lá teríamos nós que ir. Só descansámos verdadeiramente quando houve ordem para entregar as armas. Desarmados, pela certa, não nos mandariam para lado nenhum.

Ainda assim tive um problema que poderia ter sido grave. Tinha ido a Luanda e pedi boleia na GMC que ia abastecer-se à Manutenção Militar. No regresso, como o serviço demorou mais do que o programado, o Furriel Cura, Vagomestre, disse ao condutor que fosse mais depressa, para a refeição não atrasar. Azar o meu...

Ao entrar no Grafanil a viatura foi mandada parar, e a sentinela informou que o mais graduado que seguia na viatura, devia apresentar-se ao Oficial de Dia ao Regimento! Ordem do Comandante do Campo!

- Mau! - digo eu ao Cura - tu deste a ordem, vai lá tu!

- Ai não vou não! Eu sou Furriel e tu és 2º Sargento, és o mais graduado...

Estava a arranjar-se ali um problema de “graduação” militar.

- Bem, eu vou saber o que se passa. E depois nós resolvemos...

Lá fui eu, pouco satisfeito, apresentar-me ao Oficial de Dia.

Feitas as apresentações da ordem, fui informado de que a viatura seguia a mais 5Km/hora do que o permitido por lei. Dei as justificações que

julguei convenientes ao Oficial e que quem tinha dado a ordem tinha sido o Furriel Vagomestre, pois ele era o responsável pelo abastecimento.

- Pois é, mas você como profissional deve saber que o mais graduado é sempre o responsável.

- Eu não sou profissional, sou miliciano! - Tentei justificar-me.

- Mesmo assim - diz-me ele - De que Unidade é?

- Do 357!

- Hum...! O “Rebenta”, já ouvi falar... Está para regressar ao “Puto”...

Mais uma vez tive de ouvir aquela afirmação! Senti vontade de berrar, que não queria mais ouvir aquele epíteto, mas consegui ficar calado, embora aquele “Título” só me trouxesse ideias muito tristes.

- Vou apresentar as suas justificações ao Senhor Comandante de Campo, pois foi ele que fez a participação, e depois será chamado, se for necessário.

- O Senhor Comandante de Campo já foi operacional? - Perguntei.

- Não, chegou há pouco tempo do Continente.

Fiquei preocupado. O homem podia perceber muito de R.D.M. mas do resto, nada. 5Km/hora a mais...

E eu que ao conversar com o Oficial Dia tinha reparado no seu fato de combate coçado, e quando ele me deu aquela resposta sobre o nosso Batalhão, percebi que ele já conhecia a mata, e tive esperanças...

Ele era um tapa buracos e enquanto aguardava colocação noutra Unidade, (aquela onde se encontrava tinha regressado à Metrópole), fazia serviço no Grafanil. Agora... pôrra! O que for soar! Chega de pensar só em chatices.

O navio há-de chegar. Já não fazemos nada aqui e a Empresa onde trabalho no Continente, já me escreveu tentando saber quando eu regressava, pois tinha falta de pessoal administrativo e se eu demorasse, teriam que me substituir.

Finalmente houve novidades. Estava a chegar um navio com tropas, que viriam ocupar algumas das instalações no Grafanil.

O Vera-Cruz reabasteceria e o nosso Batalhão embarcaria nele de regresso a Portugal. Mais uns dias e estaríamos no “Puto”. Finalmente!

Que dias de espera! E aquela participação a pesar-me, como cutelo sobre a cabeça, parecia atrasar ainda mais o embarque.

Serviço à Companhia e mais raramente serviço ao Batalhão (fiz só um), o resto era passado em Luanda, fazendo contas aos angolares disponíveis (só era autorizada uma quantia máxima cujo valor tinha de ser indicado na Companhia, e era o Batalhão o responsável pelas transferências). Requisitava os escudos no Banco de Angola, que depois seriam entregues já a bordo, depois de o navio ter iniciado a viagem de regresso...

A bordo porquê?

Fiquei a saber ainda antes de embarcar que os “civis”, como não estavam autorizados a transferir dinheiro para fora de Angola, embora esta fosse uma “Província de Portugal”, nem para Portugal o podiam fazer. A senhora a quem nós alugámos o quarto, propôs-me que se eu tivesse escudos e os quisesse trocar por angolares, me daria mais 50%. Não pude aceitar

porque os escudos só me seriam entregues a bordo e mesmo assim precisava desse dinheiro para as primeiras despesas em Lisboa, já que os angolares em Portugal “não passavam”.

35. REGRESSO

Veio finalmente uma ordem explícita. O pessoal de cada Companhia teria que pôr, em local determinado, indicado por uma tabuleta, todos os seus haveres que seriam transportados e colocados no porão do navio. Cada militar só poderia levar quando embarcasse, um saco de mão com os seus objectos pessoais, necessários para a sua higiene pessoal e diária.

Agora sim! Era hora de despedida. No dia indicado lá estavam os montes nos lugares para cada Companhia. E as viaturas começaram no seu vai-e-vem. Os montes iam diminuindo. Só esperávamos que não esquecessem nada. Íamos vigiando, até para não haver desvios, não fosse algum estranho passar por ali e gamar uma mala. Embora na altura fosse coisa de somenos importância, mais tarde o seu conteúdo poderia vir a fazer-nos falta!

Quem tinha dinheiro normalmente não comia no rancho. Ia até Luanda e jantava por lá. Os almoços eram substituídos por uma sandes e uma cerveja, na cantina do Grafanil.

Naquela tarde, tocou a formar. Há que séculos que eu não ouvia aquele toque! “Que haverá agora?” Pareceu-me muito estranho! “Vamos a formar”, pensei. E as companhias formaram. Ouviu-se o toque de sentido, quando o Comandante de Batalhão apareceu!

Foi lida a “ordem de serviço” do dia seguinte:

- Toda a tropa deve estar pronta para embarcar amanhã, a partir das 14 horas, no Grafanil, e serão transportados em viaturas militares para o cais de embarque de Luanda. A ordem de embarque será a inversa dos números das companhias: a CCS, a 307, a 306, a 305 e a 304.

Tocou o “à vontade” e depois o “destroçar”.

Ouviu-se por aquele Grafanil fora um bruáááá... que parecia não ter fim! Nalguns daqueles homens de barba rija, que já tinham desaprendido de chorar, viam-se os olhos húmidos!

- Ó Ribau - chamou o Silveira - tem de ser hoje que vamos dar a despedida. À noite vamos ao L’Etoile beber uns uísques de despedida.

- É pá, não posso. Tenho que me ir despedir de um amigo. Agradeço, mas se não for esta noite, já não tenho tempo.

- É pena – disse o Silveira. Já combinei com o Blica e mais uma malta. Então vamos nós.

- OK. Eu não me chateio. Vão e divirtam-se.

Confesso que até fiquei satisfeito por não ir com eles. Sabia que aquilo ia dar barraca pela certa. E logo na última noite! Acho que era meu dever ir despedir-me do Sr. Nero e da família.

No dia seguinte quis saber pelo Silveira como tinha corrido a noitada.

- Olha – diz-me ele, apontando para a sua cabeça rapada, como sempre usou.

E eu vi um hematoma do tamanho de uma bola de pingue-pongue.

- O que foi isso, pá?!

- Eu sei lá! – Respondeu o Silveira. Tivemos um mau encontro no L’Etoile com uma dúzia de pára-quedistas, que ao terem conhecimento de que nós éramos dos Caçadores Especiais e que no dia seguinte íamos embarcar para o “Puto”, resolveram começar a achincalhar-nos. O Blica, com os uísques bebidos, e com aquele físico que lhe conhecemos, não se calou e ripostou. Deu asneira. Tivemos de ir em seu auxílio. Foram mesas, foram copos, foi tudo pelo ar. O dono do bar chamou a Polícia Militar. Ao ouvir o telefonema um dos nossos avisou “Vem aí a PM e nós embarcamos amanhã! Vamos embora”. Era quem mais se desenrascava. Para não sermos apanhados cá em baixo à saída do elevador, descemos a correr pelas escadas. Só que ninguém se lembrou que eram doze andares que tínhamos de descer. Eu, que vinha atrás, levei com uma frigideira ou lá o que era aquilo na cabeça. A escada passava junto da cozinha e um cozinheiro quis molhar a sopa, e eu é que paguei! Safámo-nos à justa. Chegados à rua apanhamos táxis que esperavam clientes, e nos deixaram nos nossos quartos – concluiu o Silveira.

Na hora do embarque

No dia seguinte, à hora marcada, estava toda a gente no Grafanil. Falhar o embarque não lembraria a ninguém!

Pouca gente almoçou nesse dia. Uma bucha e uma cerveja na cantina, e estava feito.

Chegou finalmente a hora. As Companhias começaram a embarcar. Cada um ia saber onde era o seu camarote. Aí deixávamos os sacos e íamos “conhecer” o navio. Cada vez ia entrando mais pessoal. O navio era enorme! Não se cansava de engolir gente, até que pareceu saciado! Não havia mais ninguém para entrar.

Em terra ainda estava o Comandante do nossa Batalhão, a receber os cumprimentos de despedida de um Oficial General qualquer. Depois de o nosso Comandante ter subido, estava tudo pronto para zarpar rumo a Lisboa. Faltava só retirar as escadas do portaló, para o navio poder começar a navegar.

Chego-me ao bordo do lado de terra e lá estava a PM alinhada e uns quantos estivadores prontos a soltar os cabos. Pouco depois o navio começou a tremer. Era a máquina principal a arrancar. Depois de estabilizada deixaram de se ouvir e de se sentirem as “tremuras”. Tudo pronto a largar. Olho mais uma vez para a cidade de Luanda, como que a despedir-me, com um sentimento que não consigo descrever. Saudade, não era; tristeza também não. Era uma estranha melancolia que me invadia o coração - Até nunca mais... ou um até sempre!

As escadas são tiradas. Agora sim. Já ninguém entra nem sai! Vamos partir...

Começámos a afastar-nos lentamente. Nem uma palavra nos decks onde os militares se encontravam a assistir à manobra do navio. Era um silêncio ensurdecedor. Olhávamos uns para os outros... Um encolher de ombros e era tudo.

Entardecia. O navio afastou-se e saiu a barra. Não tardaria muito que estivéssemos no alto-mar. Daqui a pouco começariam a acender-se as luzes em Luanda, que veríamos já ao longe, por entre a neblina que se levantava.

Dirigimo-nos aos lugares que nos foram destinados para a viagem e cada qual arrumou por fim as suas coisas. Se fosse como na ida estaria próxima a hora do jantar, para quem o quisesse fazer. Havia que ter cuidado com os balanços do navio, que embora lentos, agora em alto mar eram constantes! E o estômago, não habituado, poderia não aguentar...

Tocou a campainha, sinal de que deveríamos dirigir-nos à Sala de Jantar. O pessoal ia-se sentando, sem muita pressa. Comia devagar, dirigindo-se depois aos camarotes, onde já encontrei alguns companheiros estendidos no beliche. Chamei-lhes a atenção para não se deitarem sem fazerem a digestão, e que deviam antes caminhar um bocado pelos corredores, até o estômago se acostumar ao balanço do navio.

De noite dormíamos, de dia passeávamos pelo navio, íamos até à proa ver os peixes voadores que saltavam, e conversávamos. Assim passávamos os dias, enquanto nos íamos aproximando do “Puto”.

Recebemos então uma notícia que correu célere - O navio iria parar na ilha da Madeira, para desembarcar o pessoal dali que trazia.

- É verdade – diz o Costa Pereira. O Tenente Moniz e o padeiro da nossa Companhia são da Madeira!

- Poupar nos gastos – observou.

Aproámos no Funchal. Houve autorização para que, quem quisesse desembarcar, o fazer durante duas horas.

Era pouco tempo mas, bem aproveitado daria para ir beber um cálice de Vinho da Madeira. Havia táxis (abelhinhas) no cais, juntámo-nos meia dúzia de Sargentos em dois táxis e lá fomos ao Golden Gate, a convite do Carvalho, provar o precioso néctar. Valeu a pena. É na verdade uma maravilha e parece não ficar a dever nada ao nosso Porto.

Passeámos um pouco, apanhámos novamente táxi na cidade e fomos para bordo, não fosse o navio lembrar-se de sair antes da hora marcada.

Já só falta um dia para chegar a Lisboa...

O navio saiu novamente barra fora. Amanhã entraremos em Lisboa. Creio que nesta noite ninguém vai dormir bem a bordo. Alguns encostavam-se, “passavam pelas brasas”, mas logo se punham de pé. Outros já preparavam o saco para sair o mais rápido possível.

Finalmente o sol deu-nos as boas-vindas. Já se descortinava a entrada da barra de Lisboa, ao longe. Enquanto o navio ia andando, agora mais devagar, íamos observando as povoações da Linha do Estoril. Depois um barco pequeno cruza-se com o nosso. A malta faz barulho e acena-lhe. O barco responde com uma buzina. Leio o seu nome: “João Manuel Vilarinho”. Era um arrastão costeiro. Era da Gafanha, a minha terra...

Esta imagem impressionou-me muito. Não sei porquê!

Agora já se via o cais de desembarque. O Cais de Alcântara ou a Rocha Conde de Óbidos, não sei, ia-se aproximando. Já se divisava o pessoal que nos esperava. Quando desembarcasse como iria encontrar a minha mulher, no meio de tanta gente?

O navio atracou. Levou tanto tempo a atracar...

Finalmente houve autorização de desembarque, operação que teve de ser feita com a calma possível, pois as escadas estavam muito a pique, e podia alguém cair à água! Tanto tempo a tentar sobreviver e ter agora chatices à porta de casa. Não podia ser...

Desembarcámos com cautelas. O pessoal ia saindo e olhava tentando encontrar algum familiar! Um grito daqui, outro chamamento dali, mas ninguém conhecido. “Ela tem que estar nalgum lado. Prometeu-me que viria...”

- Ângelo!

Reconheci aquela voz. Era ela! Dirigi-me à zona que separava os militares dos civis, demarcada por uma rede de arame. Abraçámo-nos longamente. Há tanto tempo que não sentia aqueles doces braços a envolver-me...

- Ouve lá - perguntou-me, um tanto transtornada - morreram muitos?

- Morreram muitos como?! - Perguntei, sem entender a razão da pergunta!

- É que aqui, enquanto esperávamos a vossa chegada, correu o boato de que tinha havido uma explosão a bordo e que tinham morrido militares!

- Quem disse uma barbaridade dessas?!

- Foram uns tipos que estavam aqui a dizer isso...

- Pois é – respondi - são “eles”. No Ultramar passam informações aos terroristas sobre as nossas tropas. Aqui aproveitam ocasiões como estas para lançar atoardas e fazer sofrer os outros.

-Não, mulher, não houve nada. São mentiras dos inimigos do povo, que até se dizem seus amigos.

- Não percebo?!

- Nem vale a pena tentar perceber agora - disse eu. Um dia entenderás!

-...

- Políticos de esquerda...

O Batalhão de Caçadores Especiais 357 formou pela última vez, para a despedida. Nesse dia, o Comandante fez a chamada daqueles que a ela não podiam responder... o corpo tinha ficado em Angola, em defesa daquela Província. O espírito deles talvez estivesse pairando por cima das nossas cabeças, num último adeus...

Houve o toque de silêncio, um silêncio que nos apertava a garganta, em homenagem aos ausentes. Depois, o toque a destroçar. Foi como se nos tivessem soltado da prisão. Despedidas deste e daquele, um adeus até à vista, até sempre, e cada um foi para seu lado.

Cheguei a casa. No silêncio daquela primeira noite passada junto da família, o corpo estava cá, mas o espírito voava para o Sul, as recordações não me deixavam descansar, e não eram recordações dos locais onde estivemos e onde não havia barafunda, onde não se ouvia o “Tango dos Barbudos”, era para o Norte de Luanda: Cuimba, São Salvador do Congo e Pangala! Tentei, como tentava em Angola, esquecer os momentos maus por lá passados. Mas qual quê! Lá, conseguia fazê-lo, porque no dia seguinte teríamos outros momentos provavelmente piores. Aqui era mais difícil esquecer, porque o dia de amanhã será, por certo, um dia normal!

Não me sentia bem. Quase todas as noites sonhava com o que passei em Angola. Pedi na empresa para começar imediatamente a trabalhar, para ver se esquecia mais depressa o meu amargor.

O gerente chamou-me e disse-me para eu ir gozar um mês de férias. Expliquei-lhe o motivo porque queria começar imediatamente a trabalhar. Queria esquecer o que passei. Pelo menos, enquanto trabalhava, a cabeça tinha de estar no trabalho e não se distrair com o passado. Ele compreendeu. E eu agradei-lhe.

Mesmo assim, as emboscadas em Angola continuam. Triste sina...

SÓBRIOS E EFICIENTES

(Era o nosso lema)



Oh ditosos aquelles que puderam
Entre as agudas lanças africanas
Morrer, em quanto fortes sustiberam
A santa fé nas terras mauritanas:
De quem feitos illustres se souberam,
De quem ticam memorias soberanas,
De quem se ganha a vida com perdel-a,
Doce fazendo a morte as honras d'ella!